

EQUIPAMENTO PÚBLICO COMO MEIO DE SOCIALIZAÇÃO
BAIRRO DE RIBEIRA BOTE, MINDELO, CABO VERDE

Daniel Miguel Azevedo Lopes

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura

Orientador Científica: Professora Doutora Maria Manuela da Fonte

Coorientador Científica: Professor Doutor José Luís Crespo

JÚRI:

Presidente: Professor Doutor Luís Alberto Torres Sá Carvalho

Vogais: Professor Doutor Nuno Miguel Arenga Reis

Professora Doutora Maria Manuela da Fonte

Lisboa, FA-ULisboa, Fevereiro 2017

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela minha existência que me orientou sempre nas minhas decisões. Aos meus pais, e familiares, em especial a minha mãe e minha irmã Eliane Lopes pelo carinho, paciência e pelos momentos compartilhados.

Aos meus amigos Admilson, Yara, Pedro, Eduardo, Solange, Rafael, Anderson, Sofia, enfim a todos que fizeram parte desta caminhada.

Não poderia de deixar de agradecer aos meus professores, em especial aos meus orientadores que me orientaram e que sem eles este projeto não seria possível.

Um obrigado ao artista Manuel Maocha Cabral e ao Arquiteto Anildo Silva e a todos os entrevistados pelo momento de partilha.

Resumo

O Bairro de Ribeira Bote é um bairro que foi marcado na história de Mindelo como sendo um bairro conflituoso. A população do bairro é sobretudo jovem, marcada por baixos rendimentos e baixas qualificações académicas, porém a sua atividade cultural é bastante forte e é enraizada numa cultura tradicional. A partir do estudo que foi feito no local, concluiu-se que as principais carências do bairro é a inexistência de espaços e equipamentos públicos relacionados com atividades do bairro que aliciem as pessoas exteriores a conviverem e a participarem no dia-a-dia com os do bairro, integrando o bairro com a cidade.

Este trabalho tem como propósito uma proposta de um equipamento de carácter social, cívico e cultural, que responder às carências expressas pela população do bairro, conjuntamente com uma fundamentação teórica, permitindo compreender e analisar o bairro de Ribeira Bote. A proposta abrange o projeto do equipamento e a sua reflexão para o desenvolvimento do mesmo, bem como uma proposta urbana qualificando alguns espaços em profunda degradação física e uma solução da deficiência para iluminação noturna de algumas ruas do bairro.

A necessidade de criar um espaço homogéneo, integrado na envolvente urbana, acabou por solicitar a reintegração da Organização das Mulheres Cabo-verdianas (OMCV) na proposta, que previamente não tinha interesse arquitetónico, equacionando e solucionando assim um desenvolvimento coerente e fluído do projeto e das suas componentes urbanísticas, no largo à sua frente.

A proposta em ter um equipamento público nesta Prova Final de Mestrado, não é apenas de carácter funcional, nem somente de integração numa estrutura urbana existente. Ela é, sobretudo, de carácter cultural, ligando as atividades que se possam projetar e, sobretudo, de aceitação social dos seus moradores.

Palavras-chave: Cabo Verde, Bairro de Ribeira Bote, Equipamento Social, Identidade, Cultura

Abstract

Ribeira Bote is a neighborhood that was marked in Mindelo history as a challenging neighborhood. The audacity and courage of its people to take part in any activities that help and improve the city and its own people, has always been present in their daily lives. Its population is mostly young, marked by low yields and low educational qualifications, but their cultural activity is very strong and in traditional culture. From the study that was done on site, it was concluded that the main problems of the neighborhood are the lack of public spaces and equipment related to their own activities that involve external people to socialize and participate with them, integrating the neighborhood with the city.

This work aims a proposal for a social and civic equipment that answers the expressed needs of the population, together with a theoretical framework allowing to understand and analyze Ribeira Bote. The new proposal covers the project equipment and its own reflection for the development, as well as an urban proposal solution of some spaces in deep physical degradation and night illuminate deficiency of some streets of the neighborhood.

The need to create a homogeneous space, integrated into the urban environment, allowed integrate the Cape Vert Women Organization (OMCV) in the proposal, which that previously had no architectural interest, helping and solving a coherent and fluid project development and its urbanistic components which in this case was the wide front of the proposal. The same proposal has a social and civic equipment not only functional character or integration in an existing urban structure. It is about cultural character related with activities that it can existing on it and especially social accepting of its residents.

Key-Words: Cape Vert, Ribeira Bote Neighborhood, Social Infrastructure, Identity, Culture

Índice Geral

Agradecimentos.....	II
Resumo.....	III
<i>Abstract</i>	IV
Índice Geral	V
Índice de Figuras	VII

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Enquadramento e Área de intervenção	1
1.2. Objetivos	1
1.3. Metodologia	2
1.4. Estrutura do PFM	2
2. DA CULTURA AO ESPAÇO DE PRÁTICAS SOCIAIS NOS BAIRROS.....	4
2.1. O papel da Cultura para o desenvolvimento da Sociedade - Políticas Culturais	4
2.2. O papel da memória na construção da identidade.....	8
2.3. O espaço da <i>praxis</i> social	11
2.4. Dinâmicas sócio-espaciais nos Bairros	13
2.5. Projetos de referência.....	17
3. RIBEIRA BOTE, O BAIRRO DA CULTURA MINDELENSE.....	23
3.1. Enquadramento de Cabo Verde	23
3.2. Enquadramento de São Vicente.....	25
3.3. Cidade do Mindelo - Descrição histórica e Social	27
3.4. Bairro de Ribeira Bote.....	32
3.4.1 Contextualização do bairro na cidade de Mindelo e a sua expansão	32
3.4.2. Caracterização sociodemográfica da população do bairro Ribeira Bote	38
3.4.3. Contributo cultural de Ribeira Bote para Mindelo.....	40
4. UM EQUIPAMENTO PÚBLICO COMO MEIO DE SOCIALIZAÇÃO – O BAIRRO DE RIBEIRA BOTE	41
4.1. Diagnóstico SWOT	41
4.2. Necessidades e expectativas face a um futuro equipamento público.....	43
4.3. Justificação da pertinência da estratégia do projeto	44

4.4. Projeto Urbano	44
4.5. Projeto do Equipamento Público	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
6. BIBLIOGRAFIA	53
7. ANEXOS.....	56

Índice de Figuras

FIGURA 1. FRETE MARÍTIMA KOP VAN ZUID – ROTTERDAM	6
FIGURA 2. FRETE MARÍTIMA COM DESTAQUE AO GUGGENHEIM BILBAO – NINA BAZALIKOVA	6
FIGURA 3. EDIFÍCIO DA ASSOCIAÇÃO MOURARIA APÓS A SUA REABILITAÇÃO	18
FIGURA 4. SITE DA ASSOCIAÇÃO RENOVAR MOURARIA (ARM)	19
FIGURA 5. ARQ. JOÃO LUÍS CARRILHO DA GRAÇA, AXONOMETRIA EXPLODIDA DO CENTRO CÍVICO (PRIMEIRO CLASSIFICADO)	20
FIGURA 6. PORMENOR ARTÍSTICO DA FACHADA DO EDIFÍCIO DA ASSOCIAÇÃO MOINHO DA JUVENTUDE	21
FIGURA 7. CARTAZ DA 5ª EDIÇÃO DO KOVA M FESTIVAL	21
FIGURA 8. FOTO DO PÁTIO COM VISTA PARA O RIO	22
FIGURA 9. PORMENOR CONSTRUTIVO DA ZONA MAIS ELEVADA DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE VIANA DE CASTELO	22
FIGURA 10. LOCALIZAÇÃO CABO VERDE E ANTIGAS ROTAS MARÍTIMAS	23
FIGURA 11. ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE A DESTACAR A ILHA DE SÃO VICENTE	24
FIGURA 12. A ILHA DE SÃO VICENTE E LOCALIZAÇÕES IMPORTANTES DA ILHA, DESENHADO SOBRE IMAGEM DE GOOGLE.	26
FIGURA 13. BAÍA DO PORTO GRANDE COM O MONTE CARA AO FUNDO	27
FIGURA 14. PLANO DE POVOAÇÃO DO MINDELO DE 1938	28
FIGURA 15. ORTOFOTOMAPA DESENHADO COM A LOCALIZAÇÃO DE RIBEIRA BOTE E AS VIAS IMPORTANTES, 2012	34
FIGURA 16. DESENHO SOBRE PLANTA DE MINDELO, 1969	35
FIGURA 17. DESENHO SOBRE CARTA MILITAR DE PORTUGAL - PROVÍNCIA DE CABO VERDE, MINDELO, 1975	36
FIGURA 18. DESENHO SOBRE PLANTA DE MINDELO, 1982	37
FIGURA 19. PERFIL DA RUA A NORTE DO LOCAL DE IMPLANTAÇÃO DA PROPOSTA	45
FIGURA 20. LOCALIZAÇÃO DO LOCAL DE INTERVENÇÃO	45
FIGURA 21. ESQUEMA SOBRE ORTOFOTOMAPA DA CIDADE DO MINDELO, 2012	47
FIGURA 22. ESTACIONAMENTO PÚBLICO COM VISTA À ENTRADA DO MESMO	47
FIGURA 23. FOYER COM VISTA PARA O BAR, À DIREITA A ENTRADA PARA O CINETEATRO	48
FIGURA 24. PLATEIA COM VISTA PARA O PALCO	49
FIGURA 25. VISTA DA RECEÇÃO DO CENTRO CÍVICO COM O CAFÉ/BAR À DIREITA	49
FIGURA 26. SALA INFANTIL, 3-6 ANOS DE IDADE	50
FIGURA 27. VISTA PARA A RECEÇÃO DA OMCV À ESQUERDA COM O CORREDOR À DIREITA	50

1. INTRODUÇÃO

1.1 Enquadramento e Área de Intervenção

O presente Projeto Final de Mestrado advém de uma abordagem ao Bairro de Ribeira Bote, em São Vicente – Cabo Verde, conciliando as dimensões sociais, culturais e arquitetónicas desse bairro. A vertente prática do trabalho visa o desenvolvimento de um equipamento público, de carácter social e cívico, cujas valências foram determinadas segundo estudos realizados na componente teórica, tais como: as características da população do bairro, e toda a fundamentação teórica que sustenta esta proposta: a identidade, a memória, o espaço e a cultura.

O equipamento será um espaço de manifestações coletivas e cenário de interação, podendo criar e desenvolver manifestações culturais, bem como o apoio à instituição Associação das Mulheres Cabo-verdianas (OMCV). Além dessas atividades que o espaço irá proporcionar à população, o mesmo deverá desempenhar a função de ligar a cidade ao bairro, diminuindo o pensamento negativo que é atualmente associado ao bairro bem como a ideia das pessoas que nele habitam. A implantação do equipamento numa zona fronteira entre o bairro e a cidade será o elemento unificador dos mesmos, bem como um espaço de convívio cultural, social, etário e de manifestações coletivas.

1.2 Objetivos

No trabalho pretende-se concretizar os seguintes objetivos:

- a) Qualificar o território como estratégia de promover a segurança noturna e dar uma imagem mais segura e positiva ao bairro tendo em conta as ruas que não dispõem de iluminação noturna e a requalificação de espaços não utilizados ou em degradação através da implantação de árvores para criar espaços de jogos e de estar à sombra arbórea, bem como espaços de jogos para as crianças;
- b) Compreender os conceitos, as teorias e as carências expressas pela população do bairro bem como toda a informação recolhida para suportar e operacionalizar as decisões de desenho do equipamento de maneira a relacioná-lo com a envolvente naquele território;

- c) Projetar um equipamento apropriado à realidade em questão, garantindo as necessidades da população do bairro, nomeadamente a falta de equipamentos e de espaços de convívio e de apoio a crianças e jovens, qualificando os moradores do bairro e os exteriores a ele, criando oportunidades de emprego, dando continuidade ao trabalho da OMCV num espaço mais apropriado, e por fim dar vida à cultura cinemática que tinha desaparecido na ilha, e teatral da cidade.

1.3 Metodologia

Para a realização deste trabalho foi importante um estudo para conhecer as relações das pessoas dentro do bairro e do mesmo com o exterior, complementando com as estatísticas do Instituto Nacional de Estatísticas de Cabo Verde (INECV) do local em questão. Foi feita numa fase inicial uma pesquisa bibliográfica e documental dos conceitos-chave e selecionados alguns projetos de referência que pudessem ter uma relação com o tipo e as opções projetais deste trabalho.

Num segundo momento foi feito uma recolha de dados *in loco* no bairro em conjunto com entrevistas aos residentes e a uma entidade exterior (arquiteto da Câmara Municipal de Mindelo) de forma a entender as relações informais da população em estudo.

Essas informações foram analisadas para que se pudessem interligar a proposta projetual feita neste Projeto Final de Mestrado (PFM), adequando às necessidades da população e sustentadas com a componente teórica.

1.4 Estrutura do Projeto Final de Mestrado

A componente escrita deste PFM organiza-se em três capítulos fundamentais:

- a) O primeiro capítulo diz respeito à fundamentação teórica que está implicada diretamente no projeto urbano e no equipamento, onde são abordadas diversas questões acerca dos conceitos chave tais como: o espaço como local de práticas sociais, a importância da memória na construção das identidades, as dinâmicas culturais que ocorrem nos bairros, entre outros. Não menos importante, recorremos a projetos de referência como meio de justificação da estratégia projetual.

- b) No capítulo seguinte, referente à contextualização do bairro, analisamos numa escala global a sua localização (Cabo Verde), de seguida numa escala macro (a ilha de São Vicente) e a sua peculiar descrição histórico-social, fator de destaque em relação às restantes ilhas desse país. Efetua-se uma breve contextualização do bairro ao nível urbano da cidade onde está inserida seguindo-se uma caracterização sociodemográfico da população do bairro. Por fim, foram realizadas várias pesquisas e entrevistas *in loco* com o objetivo de compreender as necessidades e expectativas dos residentes e a contribuição deles para a distinta cultura da cidade onde está inserida.
- c) O terceiro capítulo corresponde essencialmente ao projeto, onde as entrevistas realizadas e um contacto mais direto com o bairro serviram para a elaboração de um quadro de diagnóstico SWOT, as mesmas entrevistas forma igualmente importantes para saber quais expectativas e necessidades dos residentes. Nesse mesmo capítulo é apresentada a pertinência da estratégia do projeto, seguindo-se o projeto urbano e o projeto do Equipamento Cultural.

Por último são apresentadas as considerações finais.

2. DA CULTURA AO ESPAÇO DE PRÁTICAS SOCIAIS NOS BAIRROS

Neste capítulo iremos abordar essencialmente cinco temas: a cultura, o espaço, a memória e a identidade e o bairro, pois são partes intrínsecas de qualquer cidade. Iremos abordar a cultura e as suas influências na transformação das cidades com o objetivo de valorizar as mesmas bem como a sua componente económica e identitária que é criada à volta da cultura. Iremos abordar o espaço pois é nele que se verifica o local de trabalho da arquitetura, mas, sobretudo, como produtor de relações entre pessoas. A memória e a identidade como elementos de ligação da cultura e a arquitetura, pois não se pode ter memória de algo sem um meio físico, a arquitetura, e sem os factos e acontecimentos, a cultura. E, por fim, o bairro como elemento diferenciador e dinamizador nas cidades devido à sua heterogeneidade/homogeneidade com uma forte identidade cultural.

2.1. O papel da Cultura para o desenvolvimento da Sociedade - Políticas Culturais

A cultura está inserida em toda a sociedade sendo parte intrínseca do homem e ela é vista como um instrumento de transformação social. Hoje em dia há cada vez mais interesse entre a indústria cultural e os interesses políticos urbanos no melhoramento da sua *urbe* enquanto cidade cultural. Mas então o que são as políticas culturais? Quais os mecanismos que se relacionam com a cidade?

“A cultura da civilização, em sentido etnográfico amplo, são todos os complexos incluindo todo o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e quaisquer outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”¹ (Kahn, 1975: 29).

A partir dos anos 70, além da expressão económica que a cultura trouxe, a política cultural passou a ser valorizada. A cultura foi empregue na política sendo um instrumento de requalificação urbana que dava visibilidade às cidades. Assim sendo, a oferta de atividades culturais passou a ser um ingrediente fundamental na economia dos países, no *marketing*

¹Tradução livre do original: “La cultura o civilización, en sentido etnográfico amplio, es auel todo complejo que incluye el conocomiento, las creencias, el arte, la moral, el derecho, las costumbres y cualesquiera otros hábitos y capacidades adquiridos por el hombre en cuanto mienbro de la sociedad.”

citadino e nas estratégias de captação de turistas. Ainda a esse respeito, importa referir que trouxe novos empregos e compensou os que já se haviam perdido. (Bianchini e Parkinson, 1993: 2)

*“Durante os últimos vinte anos as políticas culturais tornaram-se componente significativa da economia e regeneração das cidades em várias cidades europeias”*² (Bianchini e Parkinson, 1993: 1).

Nos finais dos anos 50 e início dos anos 60 a cultura era interpretado segundo Bianchini e Parkinson (1993) como sendo parte das artes pré-eletrônicas (*culture with the pre-electronic art*) no sentido que a cultura era vista como uma conexão de recursos entre cidades com exploração na renovação urbana, no turismo, na imagem e no desenvolvimento económico.

Os autores acima referidos declaram que no início dos anos 70 as políticas culturais tornaram-se mais importantes e tiveram relevância em Itália, França, oeste da Alemanha e no Reino Unido onde passaram a ser controladas pelas autoridades locais. A emergência em politizar a cultura esteve relacionada com os movimentos sociais urbanos de 1968 (feminismo, ecologia, ativismo de minorias, movimentos gays, étnicos e radicais) levando a cultura a ter duas dimensões distintas:

- A primeira, os movimentos urbanos eram associados a pequenos grupos de interesses em comum (grupos de teatros, estações de rádios livres, jornais radicais, etc.) que desafiavam a distinção entre baixa e alta cultura.
- A segunda foi a impossibilidade de reconhecer a separação entre a ação cultural e ação política inibindo prioridades e limites entre os dois.

Essa definição da cultura adotada pelos novos movimentos foi assimilada e reconhecida pelos políticos na medida em que, o desenvolvimento da cultura só se produz se fizer parte integral da política e das estratégias urbanas. Assim, a tradição que a cultura era livre e sem valor político extinguiu-se (Bianchini e Parkinson, 1993: 9-10).

Bianchini e Parkinson (1993) apresentam um quadro das políticas culturais das cidades europeias. A experiência dos Estados Unidos, na *urban cultural policy-making*, influenciou várias cidades nas suas políticas urbanas que consistia em regenerar as *downtown* com museus e zonas

² Tradução livre do original: “During the last twenty years cultural policy has become an increasingly significant component of economic and physical regeneration strategies in many wet European cities.”

de lazer, a fim de acrescentar um valor escritórios às atividades comerciais e às habitações nos seus bairros centrais. Essas influências tiveram impacto nas cidades costeiras e particularmente em Rotterdam e Bilbao na regeneração das frentes marítimas com uma forte componente cultural.



Figura 1. Frente marítima Kop Van Zuid – Rotterdam

Fonte: <https://wilcozpics.wordpress.com/2011/07/12/kop-van-zuid-rotterdam-hdr/>



Figura 2. Frente marítima com destaque ao Guggenheim Bilbao – Nina Bazalikova

Fonte: <http://2013-2014.nclurbandesign.org/author/nina-bazalikova/>

As políticas culturais foram utilizadas nessas cidades europeias com projetos que visavam germinar confiança e dinamismo de partes dessas cidades que estavam decadentes, áreas portuárias que em tempos foram zonas industriais, mas hoje com grande potencial turístico, e centros de cidades que perderam população com o aumento da construção nas periferias citadinas. Este último caso foi mais evidente em Paris nos anos 80, onde foram feitos vários projetos (Pirâmide de Louvre, Museu d'Orsay, Ópera de Bastilha, entre outros) no mandato de François Mitterrand (datado de 1981 à 1995) como forma de credenciar a cidade como capital económica e da cultura europeia.

Outras políticas culturais foram desenvolvidas sendo símbolos de modernidade e inovação com o fim de fortalecer a economia da moda, o artesanato e o *design*, baseado em tecnologias

industriais em Barcelona, Bolonha, Colónia, Rennes, Hamburgo, Montpellier e Nîmes. Outros projetos foram feitos em várias cidades inglesas: Albert Dock em Liverpool, Praça Centenária em Birmingham, Burrell Collection em Glasgow e assim se procedeu noutros países: o Museu *Quarter* (Frankfurt), as 160 praças da olimpíada de 1992 (Barcelona). Todos eles símbolos de inovação, modernidade, de um renascimento urbano (Bianchini e Parkinson, 1993: 15-17)

O bairro de Ribeira Bote transmite uma ambiência com forte valorização cultural, com incentivo em redescobrir a sua cultura local, conservar a memória social sem mudar os valores nem as práticas e costumes sociais. O facto de ter essas componentes acima referidas e ser economicamente frágil, a aceitação dos seus moradores perante a cidade é desvalorizada.

Pelas razões acima apontadas podemos concluir que a cultura certamente é um ingrediente importante na revitalização das cidades e na dinamização da sociedade e que, as autoridades podem estabelecer estratégias de políticas urbanas viradas para o desenvolvimento e progressão do país sem deixar de lado a tradição e a história. A proposta abrange o projeto urbano de requalificação do bairro através de novos espaços públicos de permanência e espaços verdes e uma proposta de iluminação noturna de certas partes do bairro. O projeto de um equipamento social e cívico numa zona periférica do bairro de carácter cultural visa sobretudo responder às carências do mesmo e ligar o bairro à cidade como meio de regeneração social e local.

2.2 O papel da memória na construção da identidade

A memória é uma característica imprescindível da identidade dos indivíduos e da sociedade. Na relação que o indivíduo estabelece com o mundo, a memória surge como uma aptidão de recordar experiências vividas que deixaram a sua marca no indivíduo. Essa capacidade de recordar experiências advém sobretudo do meio em que vivemos, portanto, o espaço, os lugares, a arquitetura, a cidade.

Basso (1996) refere que nós somos em certo sentido o lugar que imaginamos na relação memória-identidade.

*“Se reconstruir/ recuperar é uma maneira de construir passado, (...) também é uma maneira de construir sociedade, tradição e nesse mesmo processo, identidade pessoal e social”*³ (Basso, 1996: 6-7).

Gaston Bachelard, filósofo e poeta francês, relata o tema da memória, associando-a à lembrança, tendo como cenário o espaço doméstico da casa. A lembrança, a capacidade referente à nossa intimidade, dá-nos o sentido de valorização do espaço, gerando imagens, identidades e signos, relacionados com determinada sociedade ou com histórias íntimas e individuais (Bachelard, 2008: 199-202).

Por vezes recorre-se à história como sendo uma definição da memória porque ambos recorrem ao passado, mas é preciso verificar a sua distinção. A história é uma narrativa do passado na medida em que descreve os acontecimentos passados com o fim de nos informar sobre esses acontecimentos. É aqui que reside a distinção entre memória e história. Enquanto a história é uma descrição da tradição e dos acontecimentos que não foram necessariamente experienciados pelo indivíduo, a memória é um relembrar das vivências passadas que estavam no inconsciente e que foram ativadas por qualquer coisa que nos traga essas vivências passadas.

“Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros” (Halbwachs, 1990: 36).

Maurice Halbwachs refere que a memória individual *“não está inteiramente isolada e fechada”* e que para que o passado seja evocado, é necessário *“fazer apelo às lembranças dos outros”*. Segundo o autor a memória individual só é possível através dos meios em que se vive e também dos *“(...) instrumentos que são as ideias e as palavras (...)”* limitadas por um espaço e tempo

³ Tradução livre do original: “If place-making is a way of constructing the past, (...) it is also a way of constructing social traditions and, in the process, personal and social identities.”

restrito. O autor refere ainda que se o indivíduo *“quiser reconstituir em sua integridade a lembrança de um tal acontecimento, seria necessário (...) juntasse todas as reproduções deformadas e parciais de que é o objeto entre todos (...)”* porque as lembranças pessoais são únicas e exclusivas do indivíduo que as têm (Halbwachs, 1990: 36-37). Ainda a esse respeito, Connerton refere que a *“(...) memória pessoal, a qual diz respeito aqueles atos de recordação que tomam como objeto a história de vida de cada um”* localizam-se num *“(...) passado pessoal e a ele se referem”* (Connerton, 1993: 25) e que *“Toda a recordação, por muito pessoal que possa ser, mesmo de acontecimentos que só nós presenciamos, ou de pensamentos e sentimentos que ficaram por exprimir, existe em relação com todo um conjunto de ideias que muitos outros possuem: com pessoas, lugares, datas (...) isto é com toda a vida material e moral das sociedades de que fazemos parte, ou das quais fizemos parte”* (Connerton, 1993: 41).

António Firmino da Costa refere que na memória social *“(...) o valor atribuído às obras humanas, o interesse que despertam e, mesmo, a sua percepção explícita enquanto algo digno de nota, tendem muitas vezes a aumentar com o afastamento histórico”*. O mesmo refere que a relação entre a memória social em relação a formação de identidades culturais é complexa na medida que é difícil fazer *“(...) uma sociologia histórica da memória coletiva, enquanto configuração cultural e processo social (...)”*. O autor refere que um dos problemas das memórias são as inúmeras recordações possíveis que são formados por vários grupos questionando qual é a *“(...) importância relativa assumida por certas memórias partilhadas na construção de formas de identidade cultural de tais coletivos (...)”*. Segundo o autor *“(...) há um sujeito coletivo que é produtor tanto de memórias partilhadas como de identidade cultural, ambas referentes a si próprio. Ele é, simultaneamente, sujeito e objeto dessas memórias sociais e dessas representações identitárias”* (Costa, 1999: 26-29).

Um local identitário será aquele em que *“a população se relaciona com o ecossistema e se apropria do espaço”* (Brandão, 2002: 1), pois encontra no mesmo *“oportunidades para desenvolver ações que tendem a alimentar a sua identidade pessoal, social e espacial”*. A ideia de apropriação do espaço está articulada nas *“competências e capacidades dadas aos indivíduos no sentido de organizarem o espaço e para aí poderem inscrever a sua marca pessoal ou coletiva”* atribuindo ao mesmo *“as qualidades de lugar pessoal ou coletivo”* (Ferreira, 2002: 93). Portanto, um local memorável será aquele que traduz uma *“interação equilibrada entre o homem e o meio, ostentando uma identidade singular que as pessoas reconhecem facilmente”* (Brandão, 2002: 2).

Lerner refere que a *“identidade, auto-estima, sentimento de pertencer, tudo tem a ver com os pontos de referência que uma pessoa possui em relação à sua cidade”* (Lerner, 2011: 77). Esta analogia manifesta-se em espaços singulares onde os *“locais que pertencem à memória da cidade e que são pontos fundamentais da identidade, do sentimento de pertencer a uma cidade”* (Lerner, 2011: 41). Desta forma, pode-se dizer que, os conceitos de identidade urbana e memória urbana manifestam-se num contexto urbano.

Roberto da Matta refere que *“tempo e espaço precisam para serem concretizados e sentidos como “coisas”, de um sistema de contrastes. Cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para pode existir enquanto um todo articulado, e isso depende fundamentalmente de atividades que se ordenem também em oposições diferenciadas, permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização”* (Matta, 1991: 41).

As *“construções que são classificadas como marcas importantes do património histórico da nação”* (Lerner, 2011: 41), os monumentos, constituem uma das materializações da identidade e memória das cidades modernas. Mas por si só, os monumentos, não conferem as memórias e as identidades das cidades contemporâneas. Borja e Muxí referem que outros espaços têm a capacidade de canalizar essas memórias: *“património de conjuntos e edifícios, de vazios e percursos, de monumentos e de símbolos, que são referências da sua identidade que devem, em parte, ser conservados e reconvertidos, para contribuir tanto para se guardar a memória como se dar um impulso para a evolução da cidade”* (Brandão, 2002: 2)

As paisagens criadas fazem de referência a locais, relembram relatos relacionadas com as nossas vidas e, com o passar do tempo, esse conjunto de símbolos solidifica uma memória coletiva constituindo uma cidade única (uma praça de manifestações, uma igreja centenária, uma feira popular, etc., são constituintes de uma cidade). A memória urbana está legitimamente ligada à cidade e ao conjunto de recordações que nela aparecem.

Assim, há determinados espaços físicos na cidade que têm a capacidade de transmitir recordações. A memória é isso mesmo: proteger o passado, significa proteger a memória, portanto, o presente e consequentemente o futuro. Se a arquitetura sendo o maior património do ser humano então será um dos meios mais eficazes na união entre a memória e a identidade do homem. Ela é a única arte que participa no dia-a-dia das pessoas, que cria espaços e vivências, portanto memória, que por sua vez é única no sentido que leva ao não esquecimento de quem somos.

2.3. O espaço da *praxis* social

“O espaço é produto e produtor das relações sociais, ao que se pode interferir as práticas sociais de uso, apropriação e percepção enunciam representações do mesmo” (Menezes, 2000: 158).

Ao longo da história a cidade tem vindo a proporcionar as condições necessárias para as principais evoluções nos diversos campos da humanidade. A cidade sempre foi um local de concentração de pessoas permitindo uma maior possibilidade de estabelecer contactos, trocas, informações com outras pessoas, no fundo, sociabilizar. Ao refletirmos sobre as sociedades ao longo da história podemos averiguar que o conceito de civilização e de cidade estiveram sempre relacionados, portanto podemos confirmar que a estrutura da sociedade se traduz na forma da cidade.

A forma encontra-se ligada à topografia do território em que se estabelece, as características da organização política da cidade e também, das condições da sua situação económica e da sua identidade cultural. Enquanto um campo de socialização, a cidade sempre serviu como um ponto de fixação de pessoas, determinando coincidentemente duas dimensões: o espaço que é público e o privado. Portanto o espaço privado é aquele que funciona como limitador de todo o espaço, mas é no âmbito do público que as cidades se estruturam.

Kevin Lynch refere um carácter estruturante e hierarquizante do espaço público na cidade mencionando que, através do espaço é possível criar uma imagem mental, *“(...) aquela qualidade de um objeto físico que lhe dá grande probabilidade de evocar uma imagem forte (...)”* do ambiente em que estamos e através da nossa própria orientação somos capazes de o relacionar com a totalidade da cidade. Ruas, avenidas, praças, largos, praças, parques, jardins fazem parte da cidade viabilizando a experiência do mesmo (Lynch, 2008: 20).

A definição de espaço apresentada por Marluci Menezes é o local de desenvolvimento às *praxis* sócio-espaciais de onde é possível estabelecer uma ligação entre a organização do espaço e a sociedade, e neste sentido a construção do lugar. O lugar a que o autor refere é entendido segundo Norberg Schulz pelo *“lugar que se expressa por propriedades concretas e é uma componente da própria noção de espaço”* (Menezes, 2000: 157). O mesmo autor considera que para entender a noção do lugar é preciso conhecer a sua organização e a sua estrutura sócio-espacial atribuindo um limite. No entanto, a ideia de limite é essencial na medida em que é

“concebido como um lugar de comunicação que permite a “transposição de um território para outro”, ultrapassando as noções de exterioridade e exclusão” (Menezes, 2000: 159).

As autoras Carla Matias e Susana Neves caracterizam o espaço como *“(...) palco privilegiado de inscrição das práticas sociais, pelo que a sua análise deve incluir, para além das características físicas que lhe são próprias, variáveis sócio-culturais passíveis de induzirem sistemas de imagens e representações diferenciadores na apreensão que os indivíduos fazem do espaço” (Matias e Neves, 2001: 97).*

Já Pierre Pellegrino refere que, o espaço, a identidade (individual e coletiva) e a temporalidade são três componentes indissociáveis na produção da identidade pois, a identidade *“(...) realiza-se num espaço: habitar é uma característica fundamental do ser”⁴* (Pellegrino, 1983: 69). O espaço por ser palco da *praxis* social, ele é participante na produção da identidade e segundo o autor acima mencionado, *“o espaço não é neutro e indeterminado, estruturado somente por parâmetros geométricos”⁵* (Pellegrino, 1983: 101).

O mesmo autor refere que o espaço não é somente um ponto georreferenciado. Ele afeta a nossa percepção da realidade e gera nos indivíduos a noção de pertença ao lugar, lugar esse, que é ao mesmo tempo *“(...) estruturada e estruturante (...)”⁶* (Pellegrino, 1986: 7) na formação sócio-espacial. Para o autor, o espaço é uma identidade inegavelmente carregada de valores e de significados, pois ele refere-se não só à ordenação de lugares como também de símbolos e valores (Pellegrino, 1983: 225).

Segundo o autor Jorge Gonçalves, o conceito de espaço público surge pela primeira vez em França nos anos setenta do século XX, resultado de um contexto cultural com interesses sociais, mas, particularmente, porque se começou a compreender que *“as transformações sociais estavam a afetar a sua forma e uso”* (Gonçalves, 2006: 50).

Pode-se afirmar que a reflexão sobre o espaço público está presente desde há muitos séculos, a forma como o homem entende o espaço público tem sido diferente ao longo do tempo, e que pela sua ação nas diversas áreas da sociedade, especialmente o político e o económico, tenha passado a ser objeto de um cuidadoso olhar. A afinidade mútua entre o espaço público, a sociedade e a forma da cidade é tal que qualquer um deles pode alterar o outro. É importante

⁴ Tradução livre do original: “... habiter est le trait fondamental de l’être”.

⁵ Tradução livre do original: “L’espace n’est pas un fond neutre et indéterminé, structuré par des paramètres géométriques.”.

⁶ Tradução livre do original: “... structure structurée et structurante,”.

entender esta relação como um todo, como forma de melhorar a cidade, e saber antecipar as dificuldades que possam surgir.

No bairro em estudo encontrou-se vários espaços em degradação alvo de requalificação executando nichos verdes, espaços de estar à sombra arbórea, entre outros espaços de jogos que podem ser usufruídos para convivência e fraternização. Estes podem marcar positivamente o bairro tanto na orientação bem como na ornamentação do mesmo, de forma a libertar a massa edificada e degradada do Bairro.

Conclui-se que o equipamento não só poderá dar resposta à população do bairro, mas a toda a cidade, cuja utilização do espaço vai ser irregular, com diferentes padrões culturais e etários bem como posições sociais. A proposta da configuração do espaço e a sua multifuncionalidade são uma tentativa de lidar com essa multiplicidade de intervenientes. O mesmo tenta responder às expectativas de um público heterogêneo com o objetivo de diminuir a segregação existente e aumentar aceitação de todos na sociedade.

2.4. Dinâmicas sócio-espaciais nos Bairros

“(...) o bairro é, antes de mais, um modo de se dar e ver socialmente (...)” (Gonçalves, 1988: 28).

Segundo Kevin Lynch os bairros são *“(...) áreas citadinas relativamente grandes (...)”*, embora segundo o próprio o conceito de tamanho está dependente da estrutura e o seu entendimento, *“(...) em que o observador pode penetrar mentalmente, e que têm alguns aspetos em comuns. Podem estar organizados do ponto de vista interno e, ocasionalmente, podem servir de ponto de referência externo, quando alguém por eles passa ou os atravessa”*. O mesmo autor defende que *“as características físicas que determinam bairros são continuidades temáticas, que podem constituir em variantes de componentes inumeráveis: textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de edifícios, costumes, actividades, habitantes, estado de conservação, topografia”* (Lynch, 2008: 78-79).

Lynch refere que essas características físicas são *“(...) imaginadas e reconhecidas num conjunto, a unidade temática”* de onde *“(...) produzir uma imagem forte é necessário um certo reforço (...)”* dessas características. Contudo o autor afirma que *“os bairros têm diversas espécies de fronteiras:*

algumas são fortes, definidas e precisas". Mas *"outras fronteiras podem ser ligeiras ou incertas (...) "* e *"outras regiões que não possuem fronteiras (...) "* (Lynch, 2008: 79-81).

Para António Custódio Gonçalves, o espaço social urbano resulta *"da existência simultânea de varias atividades e de vários grupos, com posições diferenciadas e com diferentes capacidades de ação sobre a vida social e sobre o espaço"*. Segundo o autor os bairros diferem das outras partes da cidade pela *"(...) intensidade da significação (...) qualidade de utilização e de apropriação simbólica (...) "* que é gerada pela sua população, ou seja, trata-se da especificidade do local que faz com que haja uma predominância de um tipo de população/função que faz com que o bairro seja mais valorizado. Ao contrário dos centros onde a heterogeneidade de populações e funções é o que faz com que o centro seja valorizado, os bairros é a homogeneidade do tipo de pessoas/funções (Gonçalves, 1988: 16-17).

Segundo Marluci Menezes os bairros se *"(...) assumem em termos da sua organização espacial e respetiva organização social"* e que as condicionantes topográficas e barreiras edificadas, *"peculiariza-os urbanisticamente (...) como que cada um deles se torna específico a par das suas respetivas práticas socioculturais de uso, apropriação e representação do espaço"*. A referida autora refere que os limites do bairro se alteram no tempo, porém essa mudança preserva-se numa *"(...) aproximação com os elementos que permitem o reconhecimento do lugar (...) em função da origem sociocultural do habitante e do percurso residencial subjacente (...) "*, ou seja, o tempo de residência no bairro *"(...) permite ao habitante o reconhecimento ou legitimação de um território conforme é tradicionalmente identificado"* (Menezes, 2000: 160).

Segundo Gonçalves os bairros são territórios que se foram organizando ao longo do crescimento da cidade sendo caracterizados como espaços sociais onde se criou um modo de vida próprio, limitado territorialmente, mas com características culturais e sociais específicas. É nos bairros que, devido ao seu limite, há coexistência funcional do espaço que consegue gerar relações residenciais, atividades económicas e criatividades lúdicas saudáveis (Gonçalves, 1988: 18).

O mesmo autor refere que nos bairros *"as ruas, espaços públicos, são lugares privilegiados desta convivialidade. Casas e ruas não estão dissociadas (...) onde a ambiência e o encontro no fervilhar da vida cotidiana são pelo menos tão importantes como a função utilitária"*. Mais ainda, o autor reforça que *"a adaptação de bairros antigos e de velhas construções a novas utilizações é, sem dúvida, essencial à própria vida da cidade"* e que *"esses bairros são indispensáveis ao equilíbrio da cidade e ao seu dinamismo"*. O mesmo autor refere que nos bairros, especificamente na rua, cria-se *"(...) modo de vida muito próprio, com características sociais e culturais específicas,*

devidas à coexistência do espaço funcional, da relação residencial, da atividade económica e da criatividade lúdica” (Gonçalves, 1988: 18).

António Firmino da Costa refere que as populações dos bairros os veem *“como quadro da vida”*, ou seja, a população adquire um carácter afetivo pelo bairro no sentido que se trata de um *“território de práticas cotidianas, palco de existência corrente, cenário de familiaridade, fonte de recursos táticos, sede de estratégias sociais, referências de episódios vividos ou narrados, lugar de experiências partilhadas e de sentimentos de pertença”* (Costa, 1999: 48).

Independentemente das condições desfavorecidas que caracterizam o bairro enquanto unidade espacial, ele também é uma componente importante pelo facto que nele se constroem identidades de grupo (Matias e Neves, 2001: 142).

Acerca da dualidade entre homogeneidade e heterogeneidade nos bairros, Gonçalves refere que a maioria dos urbanistas defendem a heterogeneidade porque esse é capaz de enriquecer a vida dos bairros com várias identidades, divulga a tolerância e promove a ascensão social. Segundo o autor a homogeneidade *“(…) diminui o “stress” e a necessidade de informação, evitando a sobrecarga informativa e reduzindo o sentimento de densidade no plano da percepção; torna mais operante toda uma série de sistemas de “defesa” psicológicos, culturais e outros, constituindo um mecanismo essencial de defesa (...)”* (Gonçalves, 1988: 26).

A heterogeneidade pode *“(…) atizar os conflitos e multiplicar as ocasiões na sua expressão concreta”* pois *“a convivência em unidades residenciais ou em imóveis de populações com estilos de vida e de recursos muito diversificados, longe de provocar uma aproximação, uma melhor compreensão e um desenvolvimento de contactos, é frequentemente causa de frustrações e de conflitos”* (Gonçalves, 1988: 21). A relação de vizinhança acaba por ser a chave do favorecimento ou não da heterogeneidade. Gonçalves refere que os vizinhos que *“(…) insistem nas suas diferenças, não favorece a criação de solidariedades”*, e que as populações *“(…) não temerão da mesma forma instalar-se num bairro ou utilizar os equipamentos dum bairro conotado como nitidamente inferior (...)”* se não se verificar essas diferenças (Gonçalves, 1988: 23).

Por outro lado, coloca-se o problema da parte dos residentes do bairro na aceitação ou imposição pelos outros do seu modo de vida. Segundo o autor a homogeneidade favorece as populações sobretudo numa primeira fase e que a heterogeneidade dos bairros *“(…) cria a existência de escolhas na escala global da cidade (...)”* permitindo a possibilidade de escolha, que não é idêntica a todos, na escolha residencial. O autor reforça ainda que *“a relação ao espaço e a significação do bairro variam profundamente de um meio social para outro (...)”* por exemplo: enquanto uns consideram a qualidade da relação de proximidade espacial com a

vizinhança essencial, para outros poderia ser “(...) os serviços utilizados sejam escolhidos independentemente do critério da proximidade espacial” (Gonçalves, 1988: 24).

Segundo o autor, a homogeneidade “(...) proporciona um apoio mutuo em momentos de tensão ou de mudança cultural (...)” e que a existência de numerosas zonas homogêneas “(...) aumenta a escolha do conjunto global da cidade e, em termos de qualidade estética, permite a personalização de cada espaço, o que leva a complexidade (...) através da definição de zonas consistentes em si próprias” (Gonçalves, 1988: 26). Assim a homogeneidade das unidades residenciais parece mais favorável num contexto de segurança na medida em que a heterogeneidade reduz o contacto positivo nas populações. A mudança dum dominante (homogeneidade ou heterogeneidade) deve ser feita de forma progressiva e não pelos limites do bairro privilegiando a instalação de serviços e funções comuns ao próprio bairro (Gonçalves, 1988: 24).

Atualmente Ribeira Bote é um bairro simultaneamente aberto e fechado ao exterior. Os moradores estão dispostos a receber as pessoas, mas está fechado pela dificuldade de nele entrar, porém a quem consiga, e estes normalmente com más intenções gerando descontentamento pelos moradores. Inês Santos da Luz afirma que “As pessoas que vêm de fora, essas sim, aproveitam da nossa reputação e agem de forma errada cá dentro”. Mas o Bairro vai superando essas e outras dificuldades destacando-se pela constante afirmação cultural e é nela que encontramos várias iniciativas, com ou sem fins lucrativos, destacando-se 3 com um elevado valor cultural e social:

Mandingas de Ribeira Bote é uma tradição fundamental do Bairro que, com o passar dos anos se espalhou pela ilha toda. Hoje, durante o mês de janeiro, a população faz marchas pela ilha toda homenageando as raízes africanas do arquipélago de Cabo Verde. Não se sabe quando essa prática teve início, porém segundo testemunhas, dizem que “(...) a prática já existia desde 1935! (...). Lembro-me perfeitamente (...)” (Dias, 2015).

A razão desse culto era simples, uma vez que Mindelo foi uma cidade cosmopolita durante a época de navegação a vapor e, sendo o epicentro das navegações entre Europa, África e Brasil, na época, a cultura e o desporto estrangeiro foram promovidos na sua população. As populações mais carenciadas, nomeadamente do Bairro de Ribeira Bote, eram desfavorecidas devido a esse fenómeno e, no Carnaval eles manifestavam a sua insatisfação por terem virado as costas à cultura africana através desse fenómeno cultural.

A Fundação Sonvela é uma organização não-governamental que foi criada em 2010 pelo residente do bairro Freddy Gomes que consiste em ajudar a população local nas áreas de

desporto e educação. No mês de novembro de 2014 o fundador dessa organização junto com os moradores puseram em prática uma das suas iniciativas. Esta consistia em rebocar e pintar as habitações de uma das ruas do Bairro Ribeira Bote (Rua Salgamorto) em conjunto com os moradores locais, com o propósito de melhorar o aspeto visual do edificado. Houve também o uso de desenhos de *grafiti* em algumas paredes com o objetivo de passar mensagens positivas ao bairro e aos exteriores a ele.

O Morna Jazz World Music Festival é uma celebração que assinala os anos da resistência heroica dos moradores sobre as tropas coloniais no bairro e na ilha. Essa é sem dúvida a maior manifestação do Bairro decorrendo durante todo o mês de setembro. É organizada por Manuel Maocha Cabral, artista incontestável na cultura da ilha residente em Ribeira Bote e consiste em *“readquirir e reconquistar os valores culturais sobretudo nos mais jovens e criar uma dinâmica atrativa para o Bairro”* (Dias, 2013). Durante esse mês são realizadas várias atividades musicais e culturais, possibilidade de negócio, criação de oficinas de trabalho em várias áreas, autoajuda entre uns e outros e de entretenimento.

2.5. Projetos de referência

Este trabalho procura analisar e propor um equipamento público como meio de socialização do Bairro de Ribeira Bote, relacionando-o com o espaço público envolvente e um núcleo dos mais carecidos do bairro.

Na escolha do local a analisar procurou-se, para além do fato de ir ao encontro da realidade do país em questão, mas também, o fato de serem sobretudo projetos feitos em contexto das suas realidades sociais onde se inserem e, com isso, observar a forma da adaptação e inserção no território bem como o uso no espaço.

O processo de escolha dos projetos de referência recaiu nos seguintes exemplos: Casa Comunitária da Mouraria, em Lisboa; o Centro Cívico do Planalto do Ingote, Coimbra; a Associação Cultural do Moinho da Juventude – Amadora, Cova da Moura e a Biblioteca Municipal de Viana de Castelo

O contexto social e cultural com algumas similitudes com a área do nosso projeto foi o motivo para a seleção da Casa Comunitária da Mouraria. Com a criação de um espaço físico, tanto os moradores do bairro como os seus visitantes, ganharam um dinamismo no seu dia-a-dia através

de atividades de apoio a jovens emigrantes entre outros usos que possam haver dentro da associação.

A proposta para o Centro Cívico do Planalto do Ingote foi selecionado porque o autor foi claro em relação aos objetivos que tinha para a sua atuação, nesse caso juntar as diferentes faixas etárias num complexo edificado. A associação Moinhos da Juventude foi selecionada porque os moradores do bairro empenharam-se em criar algo de positivo de forma a melhorarem as suas condições de vida. No contexto arquitetónico a proposta foi relaciona-se com a Biblioteca Municipal de Viana de Castelo porque é um edifício que assume uma forma monolítica e uma leitura tectónica uniforme diferenciando-se ao nível de vãos que em vez de serem horizontais e estendidas são pontuais.

Contexto social e cultural

Casa Comunitária da Mouraria – Lisboa (2012)

Inaugurado a 8 de dezembro de 2012, em Lisboa, pela Associação Renovar Mouraria (ARM), a Casa Comunitária da Mouraria é um projeto de apoio à população que procura dinamizar o



Figura 3. Edifício da Associação Mouraria após a sua reabilitação

Fonte: <http://boasnoticias.pt/mobile/noticias.php?id=13688>

bairro bem como os visitantes no seu dia-a-dia, que ganhou ênfase com a criação de um espaço físico (Fig.3).

O bairro da Mouraria é um bairro que “(...) pertence ao grupo dos Bairros Históricos e Conjuntos Urbanos que imprimem uma identidade particular a Lisboa, sendo-lhe atribuído um posicionamento único no contexto desta cidade” (Mendes, 2012: 19).

Nesse edifício reabilitado, há vários espaços essenciais para o trabalho da comunidade tais como: uma sala polivalente, uma sala lúdica, cafetaria entre outras atividades gratuitas de apoio a jovens e imigrantes que ocorrem dentro do edifício.



associação cafeteria comunitário visita a mouraria

Apoio à Comunidade
Formação/Workshops
Saúde para Todos
Jornal Rosa Maria
Rota das Tasquinhas e
Restaurantes
Há Fado na Mouraria
Há Arraial na Mouraria
Falar de Abril (blog)
Transmouraria
MouraDoc
Refaz
Enciclopédia dos Migrantes
Batucaria
Retalhos do Comércio de
um Bairro
Palco Planisfério

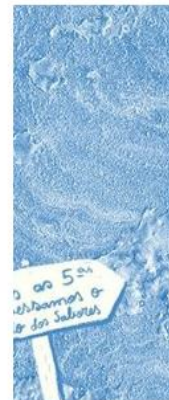
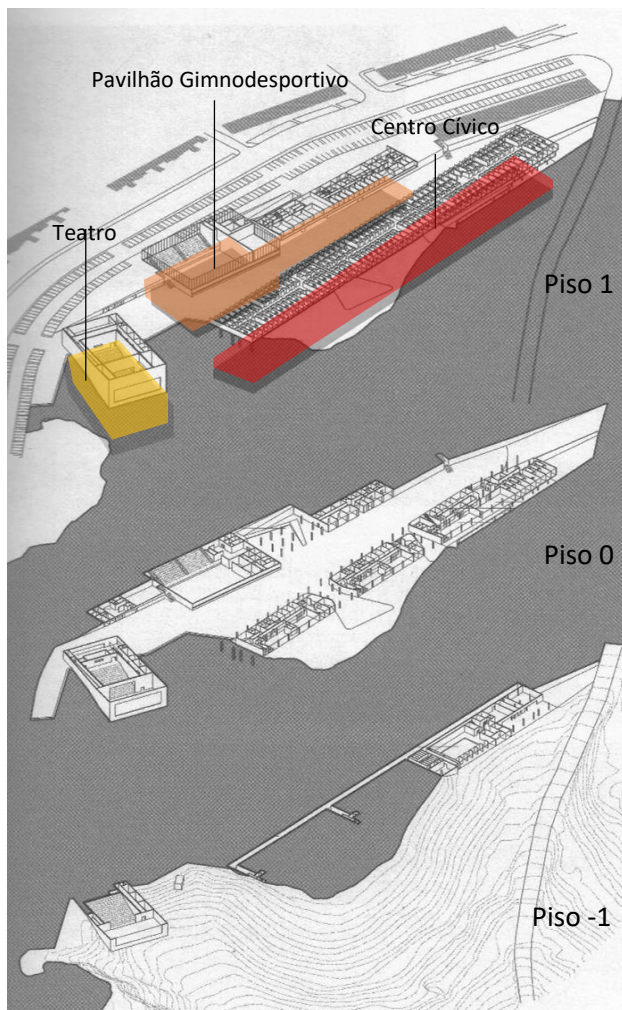


Figura 4. Site da Associação Renovar Mouraria (ARM)

Fonte: <http://www.renovaramouraria.pt/>

Proposta para o Centro Cívico do Planalto do Ingote - Coimbra (2004)



Este centro cívico teve como objetivo “(...) assumir e centralizar o desenvolvimento futuro dos bairros (...) do ponto de vista social, profissional e cultural e, simultaneamente estender esse desenvolvimento a uma aproximação à cidade e região” (Dias & al., 2004: 20).

A sua organização programática consistiu em juntar diferentes faixas etárias (idosos, jovens, adultos e crianças em risco) num complexo edificado um centro residencial, um pavilhão gimnodesportivo e um Teatro. Esses dois últimos destacam-se dos primeiros por serem dois equipamentos culturais.

Figura 5. Arq. João Luís Carrilho da Graça, Axonometria explodida do Centro Cívico (primeiro classificado)

Associação Cultural do Moinho da Juventude – Amadora, Cova da Moura (1987)

“Fundada nos primeiros anos da década de 80, de aí então, deu-se início a um trabalho informal de luta pelo saneamento básico, organização de mulheres e animação cultural de crianças,



Figura 6. Pormenor artístico da fachada do edifício da Associação Moinho da Juventude

<http://www.moinhoda juventude.pt/index.php>

assumindo-se posteriormente como um projecto comunitário que levaria ao aparecimento da Associação Cultural Moinho da Juventude, surgida do esforço colectivo dos moradores da Cova da Moura, com o objectivo de superarem as dificuldades que encontravam na sua comunidade, vindo a ser constituída oficialmente por escritura pública em 1987” (ACMJ, s.d.).

Localizada num bairro de carácter ilegal – Cova da Moura, onde a população é caracterizada pelos baixos recursos económicos, mas com um

aspecto cultural bastante rico. A associação procura envolver todas as faixas etárias nas suas atividades de natureza social, cultural e económico com o objetivo de melhorar as condições de vida dos residentes.



Figura 7. Cartaz da 5ª edição do Kova M Festival

<http://www.moinhoda juventude.pt/index.php>

Contexto arquitetónico

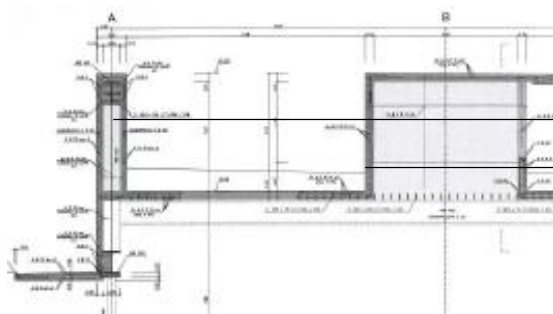
Biblioteca Municipal de Viana de Castelo



Figura 8. Foto do pátio com vista para o rio

Fonte: <https://imagens7.publico.pt/imagens.aspx/862457?tp=UH&db=IMAGENS>

O edifício tem a assinatura do Arq. Álvaro Siza Vieira em que a solução tectónica escolhida foi a superfície exterior de betão branco aparente e revestimento parcial em pedra faceada. A sua subestrutura é composta por duas situações diferenciadas: a primeira em lajes maciças ou mistas-aço betão apoiadas em paredes de betão armado, a segunda atendendo aos vãos de elevado comprimento uma estrutura em treliça revestida de betão armado (CMVC, 2006: 31).



Superestrutura em treliça revestida em betão armado
Betão armado à vista

Figura 9. Pormenor construtivo da zona mais elevada da Biblioteca Municipal de Viana de Castelo

Fonte: http://www.biblioteca.cm-viana-castelo.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=253%3Arevista-engenharia-e-vida&catid=178%3Arecortes-de-imprensa&Itemid=294&showall=1

3. RIBEIRA BOTE, O BAIRRO DA CULTURA MINDELENSE

Neste capítulo iremos abordar a realidade social e económica do país onde se encontra o nosso local de estudo, bem como algumas características importantes. De seguida iremos dar a conhecer a ilha onde se encontra o estudo, as suas características e a descrição histórico-social que é um fator de destaque das restantes ilhas. Por fim, numa escala micro, iremos abordar o bairro em si. Iremos analisar a sua natureza e expansão ao longo dos tempos, bem como as suas características sociodemográficas, económica e cultural.

3.1. Enquadramento de Cabo Verde

“Cabo verde é um arquipélago de origem vulcânica situado no Oceano Atlântico, que se encontra a 500 milhas da costa do Senegal mesmo em frente do cabo do mesmo nome que forma o extremo ocidental do continente africano. Com uma superfície total de 4.033 km², o arquipélago é formado por dez ilhas e oito ilhéus” (B.O., 2013: 489)

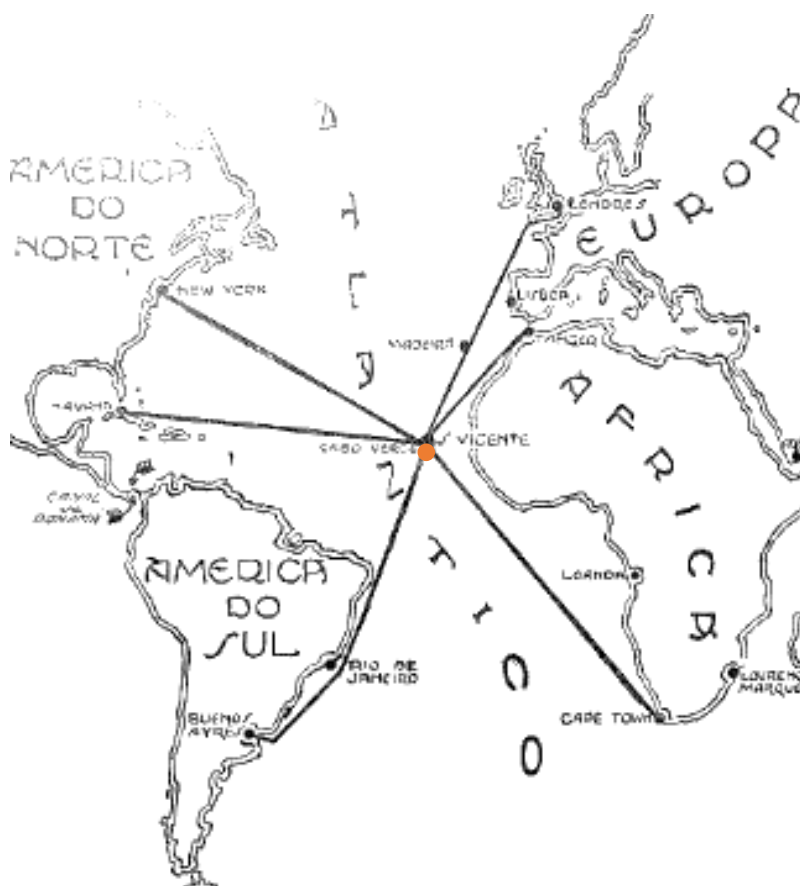


Figura 10. Localização Cabo Verde e antigas rotas marítimas

Fonte: http://www.momentosdehistoria.com/MH_02_07_Marinha.htm

O país tem as características de um clima tropical seco, a época da chuva ocorre durante os meses com temperaturas mais altas (julho à setembro) sendo preferencialmente torrenciais. Os anos de seca são frequentes, o que contribui para a aridez do país embora algumas ilhas, devido ao relevo e a outras características, onde podemos encontrar situações de microclimas. O mar é um fator importante na regularização da temperatura e da amplitude térmica, fazendo com que a temperatura média anual é aproximadamente 25°C, sendo janeiro o mês mais frio e julho o mais quente. O principal problema do país é a falta de água, as chuvas torrenciais não permitem que a água seja filtrada fazendo com que a capacidade do uso do solo seja determinada pelas condições climáticas. Cabo Verde carece de recursos naturais e necessita de meios desenvolvidos para gerar energia, contudo a temperatura moderada, boa insolação, variedade de paisagens, a sua biodiversidade e principalmente a riqueza cultural são condições adequadas para desenvolvimento turismo (B.O., 2013: 490-495)

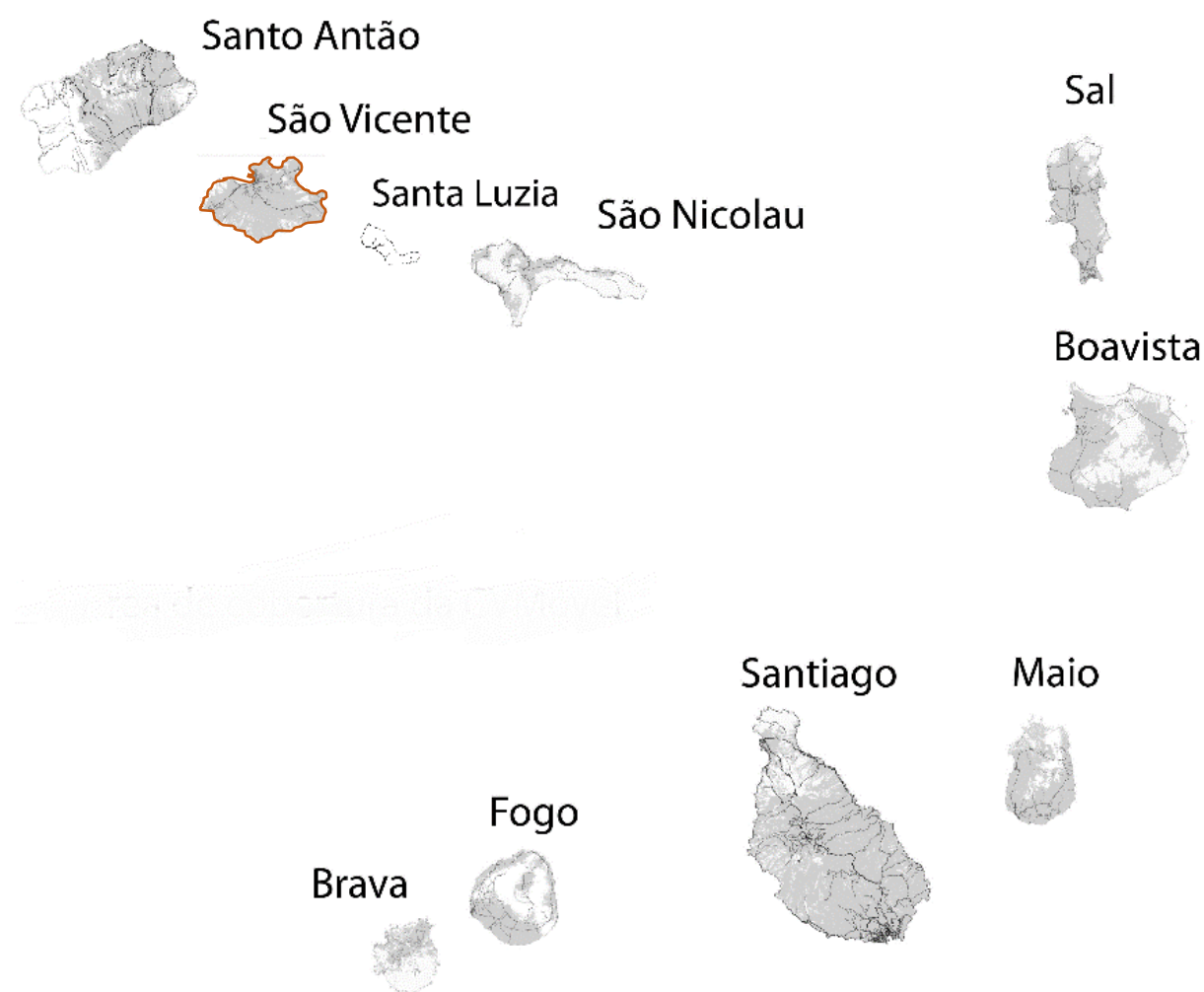


Figura 11. Arquipélago de Cabo Verde a destacar a ilha de São Vicente

Segundo os censos de 2010, o país tem uma população de 491.875 habitantes (INECV) e as ilhas de maior concentração populacional são: “(...) ilha de Santiago com (55.7%), seguida pelas ilhas de São Vicente (15.5%); Santo Antão (8,9%); Fogo (7,5%) e Sal (5,22%). Por outro lado, o restante das ilhas abriga apenas menos de 8% da população” (B.O., 2013: 496)

O crescimento de população tem vindo a aumentar nas áreas urbanas do país, principalmente na cidade da Praia (Santiago), capital do país, e na cidade de Mindelo (São Vicente). Os censos do INECV, feitos em 2000, apontaram para uma densidade populacional de 107.8 hab./km² aumentando para 121.8 hab./Km², em 2010. Essa distribuição da população teve uma maior incidência nas ilhas do Sal e Boavista, devido à indústria do turismo e às atividades ligadas aos aeroportos internacionais, e nas ilhas de Santiago e São Vicente, ligadas ao setor comercial e de serviços. A população Cabo-verdiana é jovem, com uma idade média de 26,8 anos e com mais de metade da população com idade inferior a 25 anos (INECV, 2010).

As condições do solo, agregado com uma população jovem com vista ao sector terciário, que é o maior empregador do país, agrava a taxa de empregabilidade num sector que exige qualificações elevadas. Cabo Verde tem uma economia dependente do sector terciário, nesses últimos anos a economia do país tem procurado investir no Investimento Externo Direto (IDE) com vista ao turismo e à cultura, porém a crise internacional e os constrangimentos internos: a pobreza, o desemprego, a falta de formação qualificada, entre outros, têm sido barreiras para a prosperidade económica. A ilha de São Vicente, onde incide o estudo, apresenta a maior taxa de desemprego do país (14.8%) seguido do concelho da Praia (11.3%) (INECV, 2010), por outro lado tem vínculos culturais e tradicionais que podem usufruídas para um turismo cultural (B.O., 2013: 496-499)

3.2. Enquadramento de São Vicente

“A ilha de São Vicente estende-se por um território de 227 Km², com uma única Freguesia (Nossa Senhora da Luz). São Vicente é a residência de 76.140 habitantes, o que perfaz uma densidade populacional de 335,42 Hab./Km². Isso torna a ilha num dos espaços territoriais mais densamente povoados do país, e das poucas experiências de vivência efetivamente urbana que conhece Cabo Verde. (...) São Vicente situa-se a Norte do arquipélago de Cabo Verde, entre as ilhas de Santo Antão e de São Nicolau, integrando o grupo do Barlavento. Está situada entre os

paralelos 16° 55'19'' e 16° 46'21'' a Norte do Equador, e entre os meridianos 24° 51'58'' e 25° 0,5'40'' a Oeste de Greenwich. Possui um comprimento máximo de 24.250 metros na direcção Leste - Oeste entre a ponta Viana, a Leste, e a ponta Machado, a Oeste, e uma largura máxima de 16.250 metros, entre a ponta João de Évora, a Norte, e a ponta Sul, a Sul. (...) A sua capital, a Cidade do Mindelo, ocupa aproximadamente uma superfície de 75 Km². A Cidade do Mindelo nasceu urbano, expandiu-se e consolidou-se essencialmente urbano e cosmopolita, servindo, hoje-em-dia, de residência a 62.970 habitantes, no seu limite territorial de apenas 75 Km², fazendo dele um dos espaços mais densamente povoados do país (839,60 Hab./Km²). (...) A cidade de Mindelo corresponde estatisticamente à zona do mesmo nome e é dividida em, pelo menos, 31 lugares. Dos 19.962 agregados familiares existentes na Ilha de São Vicente, 92,6% se concentram na Cidade do Mindelo, ou seja, cerca de 18.485 agregados familiares. Cada agregado familiar integra uma média 3,8 indivíduos. De mencionar que cerca de 8.891 (i.e. 48,1%) desses agregados é dirigido por mulheres chefes de família, sendo que 80,3% de todas as habitações serve de residência habitual dos respectivos proprietários" (ONU-Habitat, 2012: 10-17).



Figura 12. A ilha de São Vicente e localizações importantes da ilha, desenhado sobre imagem de Google.

3.3. Cidade do Mindelo - descrição histórica e social

A ilha de São Vicente foi descoberta por Diogo Gomes e António da Nola, por volta de 1462, segundo uma carta de doação feita na mesma data. A imagem da ilha é marcada pelo Monte Cara, símbolo da mesma, que está associado à imagem de uma face humana que, *“idilicamente, parece contemplar o céu,”* (Moraes, 2010: 12). O clima predominante da ilha é o tropical seco marcado por duas estações: uma seca que corresponde aos meses de Novembro a Julho pautada pelos ventos alísios, e a estação das chuvas nos meses de Agosto a Outubro, embora a precipitação seja rara. A baía do Porto Grande é o resultado das crateras vulcânicas da ilha, a sua forma proporciona um porto de fácil acesso que podia ser facilmente protegido (Moraes, 2010: 12-13).

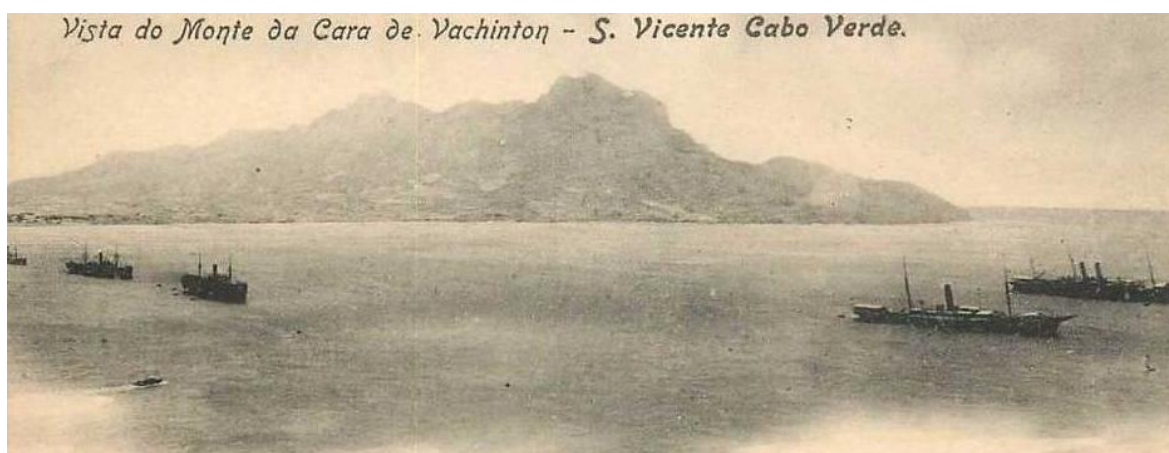


Figura 13. Baía do Porto Grande com o Monte Cara ao fundo

Fonte: <http://arrozcatum.blogspot.pt/2013/07/5661-monte-cara.html>

Após a sua descoberta, a ilha, permaneceu vários anos deserta, as condições de sobrevivência eram quase impossíveis, embora os primeiros anos agrícolas foram bons, a ilha tinha uma fraca exploração agrária e pecuária. Várias tentativas de povoação da ilha foram em vão. Num primeiro momento no ano de 1813 a população da ilha reduzia-se a *“(...) aventureiros, pastores de rebanhos alheios, prostitutas e desgregados (...)”* (Silva, 2000: 48). Nessa altura havia um pequeno aglomerado de casas inseparáveis do porto com o nome de Nossa Senhora Da Luz que mais tarde foi alterada para Dom Rodrigo, datado entre 1790 a 1809. Um segundo momento, datado de 1821, em que a aldeia foi renomeada de Dona Leopoldina, foi realizado outra

tentativa de povoamento, com mais sucesso do que a anterior, onde já se podia encontrar algumas edificações “(...) uma igreja, algumas casas de alfândega e a residência do capitão-mor (todas assoalhadas e cobertas de madeira)” (Silva, 2000: 51).

Se os ingleses não manifestassem o seu interesse pela baía do Porto Grande, provavelmente a ilha não teria sido desenvolvida e, provavelmente o seu futuro continuaria incerto. Com a invenção da máquina a vapor (1820-1830) e o aumento do comércio pelas rotas oceânicas, Cabo Verde oferecia um ponto de escala estratégico para o abastecimento dessas embarcações, para que pudessem seguir as suas rotas. A cidade era constantemente visitada pelas frotas navais estrangeiras, da qual a intensidade aumentava em função da emergência de pontos de tensão no Atlântico meridional.

António Correia e Silva refere que, “São as incontornáveis necessidades de reabastecimento a meio dos grandes percursos que levam a reconexão dos arquipélagos atlânticos às rotas de navegação, quando alguns deles, como Cabo Verde por exemplo, encontravam à data numa situação de relativa marginalidade. Contudo não é apenas a simples reconexão à rede atlântica que a náutica carvoeira provoca no arquipélago do Sahel. A nova navegação, emergente em meados do século XIX, transforma Cabo Verde na mais importante escala atlântica para as rotas que ligam a Europa e o atlântico Sul” (Silva, 2005: 85).

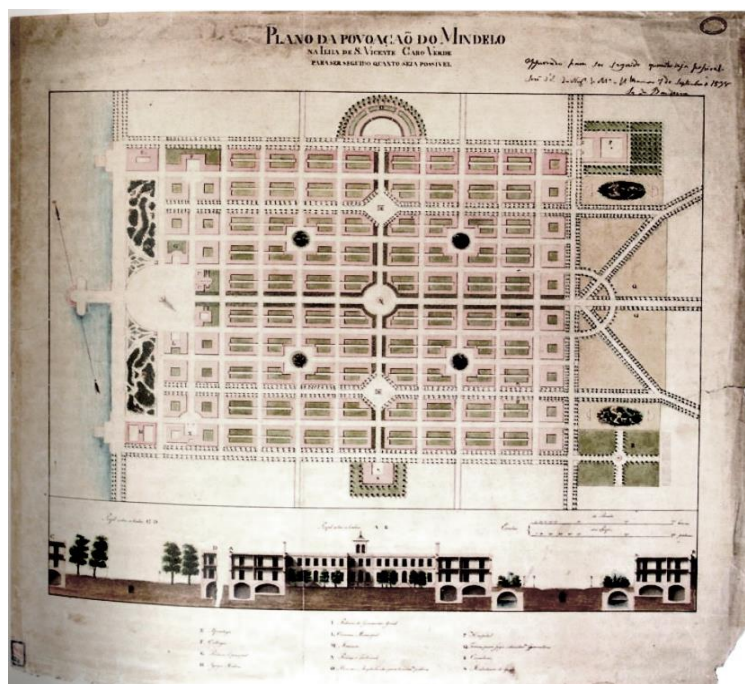


Figura 14. Plano de povoação do Mindelo de 1938

Fonte: Morais (2010: 61)

Com a eminência de um desenvolvimento acelerado e voltado ao mundo, era esperada a mudança da capital da Praia para Mindelo por parte do governador Joaquim Pereira Marinho. No entanto não encontrou apoio por parte das outras ilhas e das elites da capital Praia pois, Mindelo, naturalmente acabaria por ser beneficiada tanto que *“(...) não concordando os governadores com tal transferência, trataram de introduzir os indispensáveis melhoramentos na Praia (...)”* deixando de parte a possibilidade de Mindelo ser promovido à capital do país. No entanto, com o desenvolvimento da navegação a vapor e com o aumento do tráfego de passageiros e mercadorias para a América do Sul, África e Ásia, a baía do Porto Grande entrou no seu auge. Em 1834 Cabo Verde abriu as portas para as frotas estrangeiras e em 1838/39 foi inaugurado à atividade portuária juntamente com o depósito flutuante (Barcelos, 1908: 73).

Mindelo tornou-se o epicentro da navegação de paquetes a vapor *“(...) entre a Inglaterra e o Brasil, com escala em Lisboa, nas ilhas da Madeira, em Tenerife e em S. Vicente. Sendo a Alfândega considerada de primeira ordem (...)”* (Morais, 2010: 59). A aldeia foi elevada a vila (1958) e foi-se desenvolvendo de acordo com porto, mas de forma desorganizada do plano regular da época, devido à chegada de novos habitantes oriundos das ilhas vizinhas, incutindo-se uma edificação descontrolada. Contudo houve um crescimento significativo na vila. Foram construídos vários edifícios públicos e edifícios de habitação, foi instalada a primeira estação telegráfica (Western Telegraph Company, inaugurado em 1879) por cabo submarino do país, que estabelecia o contacto entre com a Inglaterra durante o conflito entre a Inglaterra e os Estados Unidos. *“(...) Mindelo converteu-se num local de permanência e abastecimento das tropas inglesas (...) os serviços e a actividade comercial instalaram-se (...)”* (Morais, 2010: 63). Em 1875 a baía de Porto Grande era o maior carvoeiro no Atlântico meridional e Mindelo acompanhava a evolução tecnológica com a abertura da estação telegráfica (...)” (Morais, 2010: 63).

Com o crescimento repentino da aldeia, muitas pessoas foram à procura de trabalho que não se encontrava nas suas ilhas, nomeadamente os trabalhos ligados ao setor da transformação e dos serviços. Devidas às condições ambientais e económicas do país, essa migração era necessária, porém complicou a situação sanitária e higiénica de Mindelo, *“(...) está sendo uma cidade com população a mais, vivendo miseravelmente dia a dia para ali converge gente ida das outras ilhas, sem recursos, à procura de trabalho que não encontra e que só serve para complicar ainda mais a péssima situação sanitária e higiénica (...)”* (Republica de Cabo Verde, 1984: 85).

Embora a cidade se tenha desenvolvido muito em relação à sua situação inicial, as habitações dos trabalhadores mais pobres eram insalubres e o acesso a água potável era reduzida. O fato da camada desfavorecida da população fosse maior, até o final do séc. XIX, fez com que houvesse muitas doenças em Mindelo, fato que *“(...) a imigração foi contrabalançada pela diminuição da população, consequência de várias epidemias e falta de mantimentos devido aos períodos regulares de seca nas vizinhas ilhas produtoras”* (RCV, 1984: 19).

As ilhas vizinhas, Santo Antão e São Nicolau, usufruíram da importância do porto para que houvesse uma reestruturação da economia agrícola nas suas terras mais produtivas, que foi apoiado pelas autoridades centrais e de um tráfego náutico entre as ilhas que aumentava com o tempo, fornecendo géneros alimentícios a Mindelo e às embarcações, embora a produção das duas ilhas não alcançavam o sustento necessário para elas próprias e a cidade de Mindelo. *“As ilhas tinham, portanto, encontrado um novo mercado para os seus produtos a contemplar o mercado interno. (...). O que seria necessário era mão-de-obra livre a trabalhar (...). E essa mão-de-obra existia em quantidades abundantes”*. É nesse sentido, que a ilha proporcionava muita mão-de-obra barata, tanto para ela como para as ilhas vizinhas, para comerciantes e indústrias que, em 1857, por portaria régia, houve a abolição da escravatura verificando-se primeiramente em São Vicente. *“Em 1868 não existia nenhum escravo na ilha, enquanto o resto da província ainda havia 2064 escravos registados”* (RCV, 1984, p. 32).

Mindelo foi cosmopolita nessa época. A vila cresceu, modernizou-se e alcançou o estatuto de cidade em 1879. Durante essa época teve várias construções importantes para o desenvolvimento da ilha e deu-se a construção da ponte do cais da alfândega (1873-1877) – esta veio a ser ampliada e modernizada com o passar dos anos, foi feita uma muralha ao longo da «praia leste» do Porto Grande para impedir que as ondas do mar destruíssem as casas, o calçamento do centro da cidade (1870), a instalação da iluminação pública (1874), a inauguração do farol no ilhéu dos pássaros (1882), a construção de um pavilhão para o jogo de *cricket* (1913), criação de escolas profissionais (1906), etc. (RCV, 1984: 47-62).

“O que a política colonizadora dos portugueses nunca conseguira – era agora um facto, graças à possível ligação económica com o mundo capitalista em expansão. Mindelo tornou-se um pequeno posto avançado da sociedade ocidental industrializada. (...) A composição profissional da população mostra isso claramente”. Que o *“(...) perfil caracterizadamente proletário do Mindelo houve outra característica populacional, contrária à do arquipélago em geral, mas de acordo com a estrutura social da vila”* (RCV, 1984: 33). Ainda a este respeito, José Évora, historiador cabo-verdiano afirma que *“(...) existem características comuns resultantes de uma*

cultura idêntica adquirida nas mesmas fontes, mas com todas as diferenciações resultantes de hábitos diferentes e maneiras de ser diversas, pois as ilhas acabaram por registar rumos diferentes de evolução que lhes confere singularidades próprias” (Évora, 2001: 165).

Embora sendo do mesmo país, os Mindelenses sempre foram uma comunidade com particularidades em relação às das outras ilhas. O fato de estarem expostos ao mundo através do Porto Grande e de acompanharem as novas tecnologias da época e de acolherem novos hábitos e costumes das culturas exteriores originou novas perspectivas de viver e de pensar. O ensino foi uma das principais razões para essa distinta dinâmica dos Mindelenses e colaborou para a dinâmica da cidade e com *“A instalação do Liceu no Mindelo resultou no ponto de vista geral da substituição em 1910 da Monarquia Portuguesa pelo poder republicano e liberal, que teve a ambição de democratizar e modernizar a vida política, económica e social de Portugal”*. O liceu que foi criado em 1917 com a sede em Mindelo foi resultado da insistência do Senador Vera Cruz, onde o liceu teve uma educação diferente do ensino normal. Estudava-se *“ciências modernas naturais, físico-químicas, na história e geografia (...) em contacto com a realidade fora das instituições escolares”* (RCV, 1984: 81).

A própria criação do liceu teve consequências políticas em que contribuiu para a *“extinção do Liceu em 1934 pelo fascismo português (...)”* e com isso, efeitos sociais. Foi manifestado a ascensão social nalguns sujeitos, quase a totalidade dos alunos que frequentaram o liceu tinham concluído o ensino, os que conseguiam continuar os estudos para fora do país para frequentar o ensino superior aproveitavam e usufruíam de empregos de alto cargos, dentro das colónias portuguesas. Com isso as famílias que tinham possibilidades económicas enviavam os seus filhos para casas de familiares com o objetivo de estudarem no liceu. Mas não só o ensino liceal teve impacto na ilha, também foi *“(...) organizado o ensino profissional”* onde foi estabelecida uma escola de Pilotagem onde se aprendia a *“(...) arte marítima e de pesca (...) a Escola para operários de construção na secção das Obras Publicas no Mindelo (posteriormente transferida para Praia)”* (RCV, 1984: 82).

Apesar das crises epidémicas que houve e dos grandes períodos de secas a agravarem a vida dos Mindelenses, o ensino sempre foi valorizado e essa característica vem desde o séc. XIX até os nossos dias. Desde cedo, e talvez por causa da cultura estrangeira, foi evidente que para conseguir emprego, para garantir a subsistência e ascender socialmente teria de ser conseguido através dos estudos. Mesquitela Melo refere num estudo sobre Sérgio Frusoni que *“A maior parte do mindelense, mesmo o menos dotado, tem culto da cultura, conhece os seus poetas e*

escritores, cita os seus nomes, possivelmente sem os ter lido. As salas de conferências enchem-se e nelas vê-se muito pé-descalço” (Lima, 1992: 37).

Em relação à cultura tradicional, foram proibidas as festas designadas de Tabanca, foram proibidos os cânticos e choros feitos nos falecimentos, bem como os bailes e festas populares pelo colonialismo português, nos anos de 1923/24. No desporto teve grandes avanços, foram criadas várias associações desportivas, tanto dos Cabo-Verdianos como dos Ingleses e Portugueses, e com isso em “(...) 1932 foi fundada a Federação Desportiva de São Vicente e em 1938 a Associação Desportiva de Barlavento (...)” (RCV, 1984: 83). Desportos como o ténis, o golf, o atletismo e a natação eram praticadas na ilha de São Vicente, fruto da interação com os ingleses.

3.4. Bairro de Ribeira Bote

3.4.1. Contextualização do bairro na cidade de Mindelo e a sua expansão

Ribeira Bote surge como um bairro “*ligado à imigração rural para a cidade*” (Gonçalves, 1988: 16-17) prioritariamente das ilhas vizinhas, Santo Antão e São Nicolau, relacionado com o desenvolvimento portuário da cidade do Mindelo. A sua zona ficou estabelecida perto do centro da cidade, periferia na época, e a sua ocupação dominante era feita de operários dos armazéns carvoeiros e por pessoas com vários cargos: sapateiros, carpinteiros, pescadores entre outras profissões que exigem perícia e mão-de-obra humana de baixo rendimento.

Ribeira Bote expandiu-se ligado pelos fortes limites rodoviários e pelo Vale de Paúl, tornando-se um só com o pequeno bairro Ilha d’Madera. Com a construção do Hospital Batista de Sousa e o Centro de “*Nhô Djunga*” a Sul do Hospital Velho e da Escola Salesiana de Artes e Ofícios, a zona de nome Lombo foi perdendo a sua identidade devido à imposição dos fortes equipamentos que já lá existiam agravando-se ainda mais com os dois novos, e a Sul com a presença do Estádio Nacional Adérito Sena.

Segundo esta carta militar, datada de 1975, Ribeira Bote já existia fazendo parte da periferia, contudo com o crescimento do bairro de Ribeira Bote expandiu-se e o bairro Ilha d’Madera foi criado na encosta a nascente.

Embora a identidade seja vaga, alguns moradores dizem que moram na zona de Lombo e outros consideram-no parte de Ribeira Bote. Mas a identidade de bairro no quotidiano é mais sentida

no pequeno bairro Ilha d'Madera e diminuindo a poente conforme nos aproximamos do centro histórico da cidade. Com a nomeação da rua a norte do Hospital Velho, que percorre desde o centro histórico de Mindelo atravessando Ribeira Bote até o limite do Vale de Paúl, junto a rotunda da Shell, de Avenida Capitão Ambrósio, a zona de Lombo cingiu-se mais ainda à atmosfera cultural de Ribeira Bote.

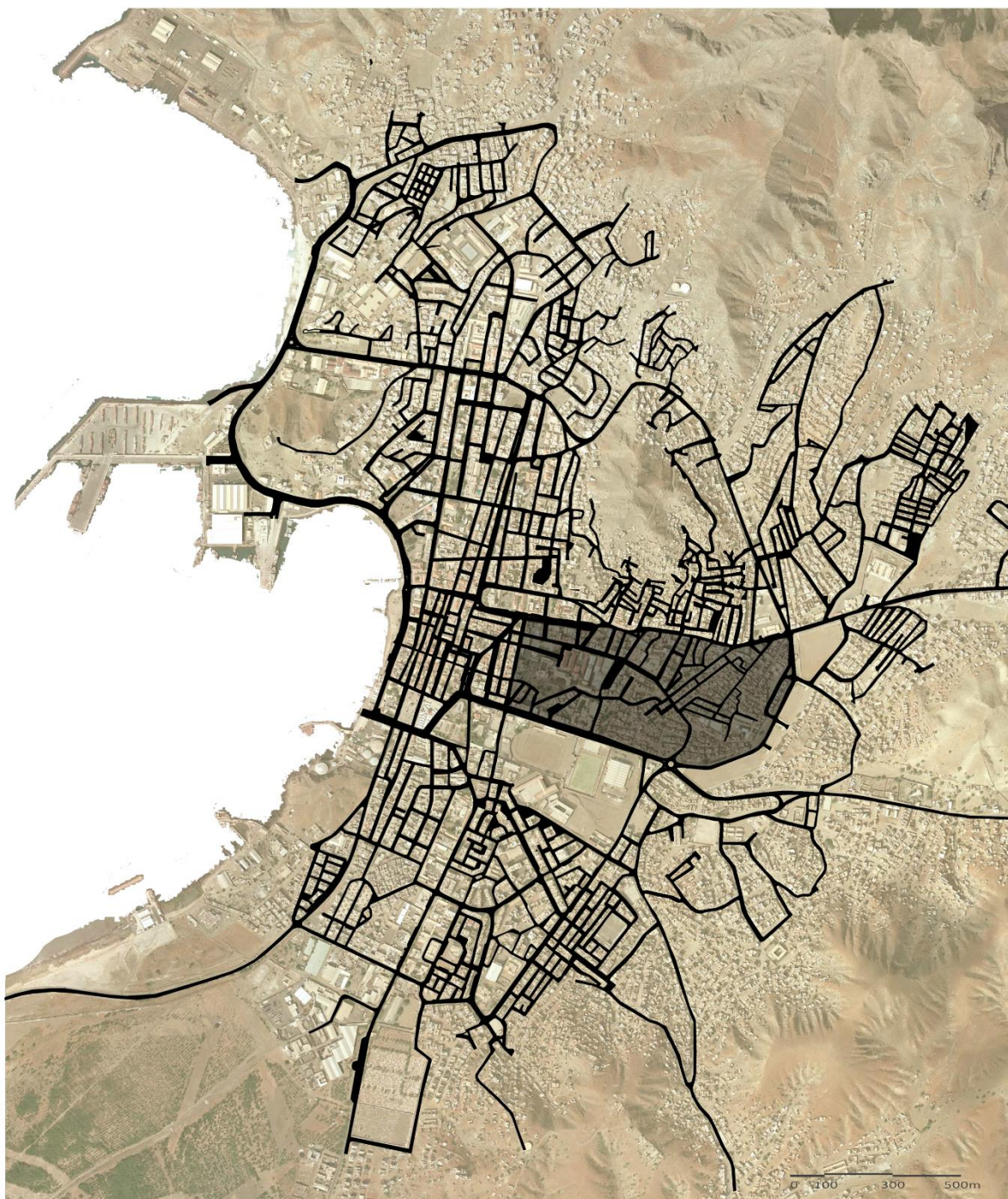


Figura 15. Ortofotomapa desenhado com a localização de Ribeira Bote e as vias importantes, 2012



Figura 16. Desenho sobre Planta de Mindelo, 1969

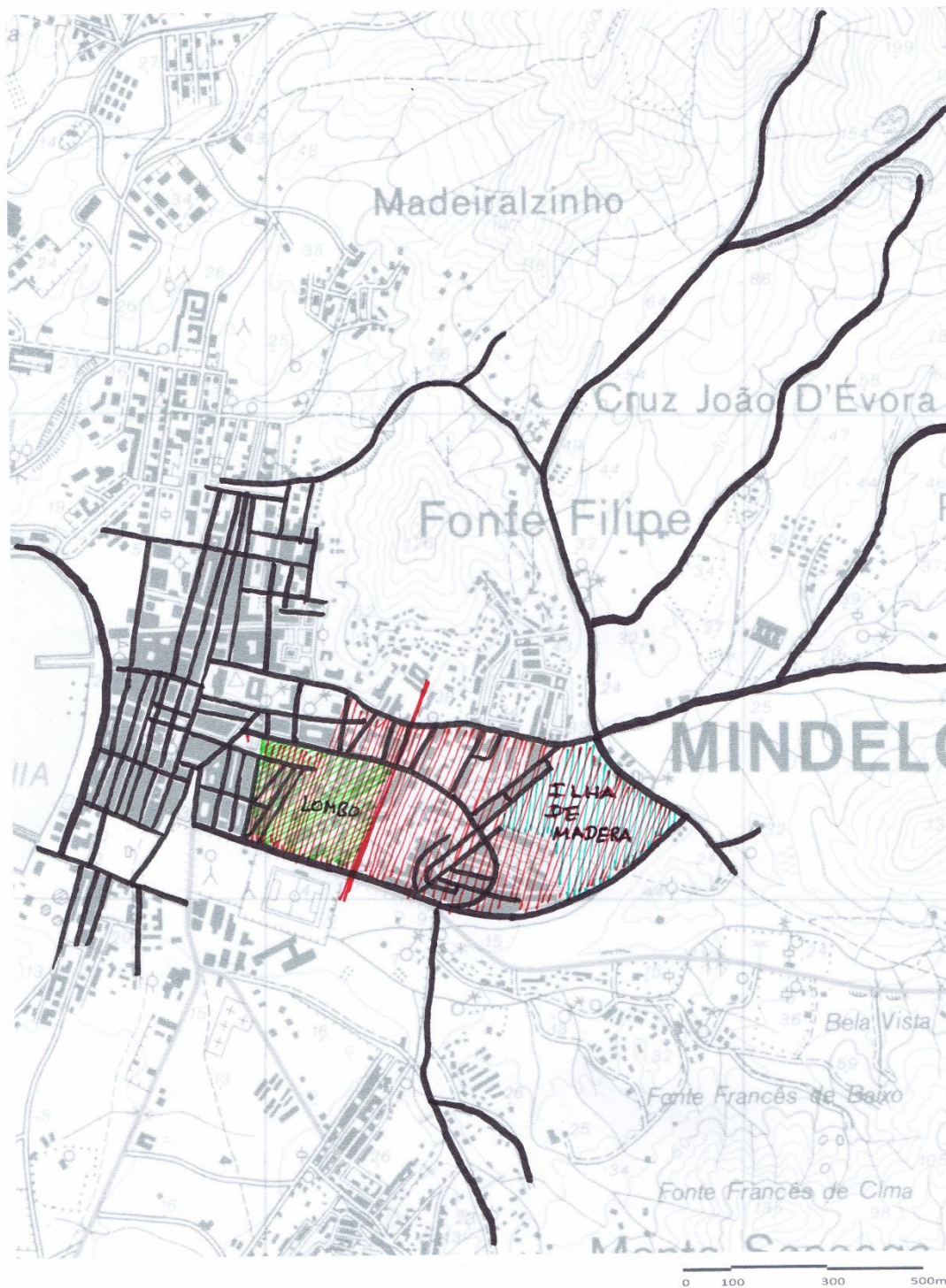


Figura 17. Desenho sobre Carta Militar de Portugal - Província de Cabo Verde, Mindelo, 1975

3.4.2. Caracterização sociodemográfica da população do Bairro de Ribeira Bote

Embora não existam dados estatísticos referentes ao bairro, os dados da INECV de São Vicente refletem a realidade de um país que acaba por si só de refletir a realidade do bairro na sua generalidade. A população da ilha de São Vicente é de 76.107 habitantes (INECV, 2010), a segunda maior do país, representando 15,5% da população de Cabo Verde. O bairro é particularmente jovem, onde a média de idades se aproxima dos 27 anos. As faixas etárias com idade entre os 0 e 25 anos de idade tem valores significativos, ao contrário das faixas acima dos 50 anos de idade com menor valor percentual. Dada esta característica etária, conclui-se que a faixa etária desempregada está nas faixas etárias mais jovens, em que ambos os sexos com idade compreendida entre os 15-24 e entre os 25-44 tem, respetivamente, 29,9 e 13,1% de desempregados, o valor percentual mais alto do país (INECV, 2010).

Relativamente à dimensão das famílias, os dados da INECV referem que em São Vicente há uma predominância de 3 (cerca de 17,4%) ou 4 (16,6%) pessoas por família que habitam na mesma residência. O caso de Ribeira Bote não é de todo diferente da realidade do país, mas a verdade é que nos bairros o número de famílias é superior, constituído normalmente por 3 gerações de avós, pais e filhos, e por vezes os netos, fazendo assim 4 gerações num só edifício.

O fato de ter várias gerações numa só residência se deve à taxa de desemprego nas populações mais jovens, 47,1 e 29,6 das mulheres e dos homens, respetivamente, compreendidos entre as idades de 15 aos 44 anos de idade, tem dificuldades ou impossibilidade em arranjar casa própria. Também muito das vezes as mulheres são mães solteiras e a responsabilidade de criar um filho acaba por ser também tarefa dos avós.

Relativamente à educação da população, verifica-se uma grande percentagem dos 15 aos 24 anos de idade, 9,5% nas mulheres e 8,7% nos homens são escolarizados. Podemos constatar que embora as gerações mais idosas encontram-se menos desemprego, a situação é contrastante com as idades mais jovens, em que o desemprego é mais acentuado.

Feita a caracterização geral da população, foi igualmente importante fazer uma observação *in loco* e estudar o perfil dos moradores. Foram feitas 16 entrevistas diretas aos residentes do bairro, entre eles o artista Manuel Maocha Cabral, onde foi desvinculado alguns aspetos do bairro, as necessidades e expetativas dos residentes. Foi feito uma entrevista ao arquiteto da Câmara Municipal da ilha, Arquiteto Anildo Silva, de forma a perceber qual é o papel das entidades sobre as questões ligadas ao bairro e a ilha.

Em relação à questão colocada de “como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?” na maioria dos casos os moradores sentem que as pessoas exteriores ao bairro o vêem de forma negativa. Vários relatos feitos nas entrevistas aos moradores do bairro referem esse descontentamento pela parte deles, bem como de relatos exteriores. No vídeo *Fragmentos de Mindelo* um entrevistado relata que as pessoas de Ribeira Bote à procura de emprego, não são aceites pelo fato de serem do bairro “(...) *perguntam primeiro de onde você é? (...) tem muitas pessoas que vão entregar papel num lugar para trabalho e retiram Ribeira Bote (...)*” como local de residência “(...) *és de Ribeira Bote, mesmo que tiveres um pouco de escola, a primeira coisa é a discriminação, porque um faz e dez pagam (...)*” (Lopes, 2013: min. 17,18).

Relativamente às pessoas entrevistadas, essas tinham a idade compreendida entre os 18 aos 55 anos de idade e com um tempo de permanência no bairro que varia entre os 2 anos e desde a nascença. Nesse estudo apenas uma pessoa mostrou descontentamento por morar no bairro, “(...) o bairro as vezes pode ser violento (...)” (Orlandina Tavares, 19 anos, estudante) outros afirmavam que o bairro só é vivido “(...) na época carnavalesca para viverem o Mandinga, festejar e ter bons momentos (...)” (Stefani Fortes, 18 anos, estudante universitária).

Embora a maioria reconheça a existem dificuldades e problemas associados ao bairro:

“(...) o que mais deixa falta é a iluminação noturna” (Rui Gomes, 29 anos, desempregado). Essa falta de iluminação leva “(...) roubos a mão armada” (Carina, 35 anos, comerciante). “Temos muitas dificuldades financeiras, falta-nos ajuda exterior” (Káká, 53 anos, Marinheiro); outras pessoas com uma opinião mais elaborada enunciando casos esporádicos mais graves, “tem muito desemprego, violência, pessoas a morarem em casas sem condições com o perigo de desabamento, em casas de lata sem saneamento nenhum, muitas crianças que não tem possibilidades de estudar, gravidez precoce, violência sexual, prostituição infantil (...)” (Stefani Fortes, 18 anos, estudante universitária).

Também os moradores reconhecem o lado positivo do bairro:

“Há sempre pessoas que querem participar (...)” (Sónia Araújo, 41 anos, Pasteleira). “Não trocava Ribeira Bote por nada, aqui há um pouco de tudo (...), temos desporto, convivência, entre muitas outras coisas (...). Por exemplo tem um posto móvel de saúde, tem o polivalente, o cyber para irem a internet, o Centro de Atenção Psicossocial Droga e Álcool” (Anderson Lima, 30 anos, Monitor do Centro de Apoio a Doentes Mentais (CADM), Vice-presidente Mandingas de Ribeira Bote); “(...) a maioria das pessoas juntam-se para ajudarem uns aos outros. Não é somente nas atividades lúdicas, na tristeza e na falta também, ajudamos uns aos outros. Somos bastante unidos” (Inora Brito, 38 anos, Desempregada).

3.4.3. Contributo Cultural de Ribeira Bote para Mindelo

Foi importante a entrevista a Manuel Maocha Cabral, artista plástico, pintor, estilista, entre outros ofícios, pois nasceu no bairro, e é um artista reconhecido no país e na diáspora Cabo-verdiana. Na entrevista deixou claro que Ribeira Bote é o motor da cultura, pois “(...) o povo de Ribeira Bote nunca submeteu ao domínio colonial e nunca caiu no marasmo. (...) Os primeiros grupos musicais de São Vicente apareceram na Ribeira Bote,” Kings”, “Kolá”, “Chave de Fenda”, “Wings” alguns elementos do “Voz de Cabo Verde” nasceram em Ribeira Bote” (Manuel Cabral, 54 anos). Também o arquiteto Anildo Silva destacou que o bairro em questão “(...) desde sempre foi um bairro percursor não somente em termos culturais como desportivos, temos como exemplo a musica e também o carnaval”.

Segundo Cabral o bairro perdeu a oportunidade de desenvolvimento com o projeto PACIM⁷, pois o objetivo do projeto, do seu ponto de vista, era “(...) descentralizar as pessoas, distribui-las por várias zonas de São Vicente, reeducá-las e fazer um novo bairro que crescesse na vertical” pois “Ribeira Bote era uma zona pensada para expansão da cidade, basta ver as ruas largas muito bem delineadas (...)” (Manuel Cabral, 54 anos), mas segundo Anildo Silva as “(...) pessoas vão construindo desordenadamente (...) não tendo uma política de habitação (...)” e com “(...) uma lei de expropriação (...)” em que é difícil aplicar e não é fácil praticar políticas urbanas sustentáveis na ilha. “(...) a periferia é a consequência disso” (Anildo Soares, Arquiteto).

O artista participa em atividades culturais no bairro com o objetivo de “(...) levantar a autoestima das pessoas (...)” pois o bairro “(...) estava muito mal conotado (...)”. Ele próprio é parceiro/sócio de um festival⁸ “(...) com atividades musicais, culturais e desportivos (...)” para que “(...) as pessoas passam a acreditar nelas mesmas (...)” criando “(...) oficinas em várias áreas, e dar as pessoas a oportunidade de aprender alguma profissão para poderem viver dos seus próprios recursos (...)” (Manuel Cabral, 54 anos).

⁷ PACIM, foi um projeto de construção assistida financiada pela Suécia onde o objetivo era erradicar as casas de lata dentro do bairro Ribeira Bote especificadamente na parte intitulada *Ilha d'Madera*.

⁸ Morna Jazz World Festival é um evento que decorre ao longo do mês de Setembro em que celebra os anos da resistência heroica (Setembro 1974) dos moradores do bairro sobre as tropas coloniais.

4. UM EQUIPAMENTO PÚBLICO COMO MEIO DE SOCIALIZAÇÃO – O BAIRRO DE RIBEIRA BOTE

4.1. Diagnóstico SWOT

O diagnóstico SWOT decorre e tem por base as análises feitas anteriormente. Assim, temos como perspectiva inicial elaborar um diagnóstico das diversas situações existentes, destacando as potencialidades e os pontos fortes e identificando possíveis fragilidades ou pontos fracos que aparentemente decorrem do território. De seguida é nosso intuito fazer um diagnóstico prospetivo para os objetivos daquilo que possamos melhorar, mencionando oportunidades, e por fim apontar algumas ameaças que podem decorrer nas nossas intenções e intervenções projetuais. A partir do diagnóstico SWOT realizado, definiram-se um conjunto de objetivos gerais e específicos a atingir (integrar, qualificar, ...). A partir dos objetivos, elaborou-se uma estratégia e projetos com vista à concretização dos objetivos reduzindo as ameaças e tirando partido das oportunidades para diminuir os pontos fracos e reforçar os pontos fortes.

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
Situação topográfica privilegiada, fora do alcance das linhas de águas e em termos de exposição solar;	Elevada densidade de construção; Boa parte do território não teve planeamento	Revitalização urbanista de pequenos espaços dentro do bairro	Eventuais riscos de marginalização
Redes viárias principais bem identificadas, calçadas e asfaltadas	Ausência de rede viária identificável em alguns casos, ausência de estacionamento público		
Limite do bairro quase na sua totalidade bem definida		Criação, identificação de um mapa região da ilha	
	Falta de iluminação em alguns casos, principalmente na zona “ilha d’Madeira”	Iluminação pública	Eventuais riscos de marginalização
Espírito participativo	Imagem negativa por parte das pessoas exteriores ao bairro	Criação de pontos de interesse da população da ilha	Eventualidade de conflitos
Envolvente bem provida de equipamentos, serviço e comércio		Integração da população residente na sociedade mindelense	
	Elevado número de desempregados	Formação e criação de oficinas de ofício	Pobre posição económica do país
Muitas crianças nas idades infantis e juvenis	Desocupação e sem instrução	Criação de espaços de apoio as crianças e de ocupação dos tempos livres	

4.2. Necessidades e expectativas face a um futuro equipamento público

As entrevistas feitas, em conjunto com o vídeo “Fragmentos de Mindelo” e a investigação *in loco* levaram à construção de um diagnóstico SWOT que sintetiza os principais problemas que afetam a população e a zona: dificuldade de integração, ocupação profissional, desemprego e casos de marginalidade e criminalidade. Estes aspetos, bem como as necessidades expressas pela população nas entrevistas realizadas e em conversas informais com os moradores, são pontos importantes a ter em conta no programa do equipamento proposto.

Partindo da entrevista com o arquiteto da CM Anildo Silva, ele refere que *“Ribeira Bote desde sempre foi um bairro precursor não somente em termos culturais como desportivos, temos como exemplo a música e também o carnaval. Sempre foi e ainda continua sendo um bairro culturalmente forte, embora com muitos problemas sociais...”* (Anildo Silva, Arquiteto da CM), portanto a falta de espaços de confraternização, de encontro, reuniões, e principalmente de atividades voltadas para a cultura tem um grau de pertinência no projeto bastante relevante. Porém segundo o Arq. Anildo Silva, a falta de planeamento, por consequência de infraestruturas, fiscalização e a forte procura de terreno para habitação na ilha, tem deixado de lado o que já está construído. Embora a requalificação/revitalização da cidade sejam prioridades da Câmara Municipal, Ribeira Bote bem como boa parte dos outros bairros e arredores construídos de Mindelo, estão “esquecidos”. E isso leva à necessidade de iniciativas não autorizadas, mas apoiadas pelos residentes, como o caso de Sonvela.⁹

A necessidade de dar formação e criar programas para ocupação de tempos livres é de extrema necessidade para o bairro, *“Se fizer uma pesquisa na zona vê que encontra gente posicionada a todos os níveis: governamental, jurídico, políticos, encontra-se de tudo, nas profissões liberais há de tudo: engenheiros, arquitetos, artistas plásticos, advogados(...)”. Os primeiros grupos musicais de São Vicente apareceram na Ribeira Bote, “Kings”, “Kolá”, “Chave de Fenda”, “Wings” alguns elementos do “Voz de Cabo Verde” nasceram em Ribeira Bote. Foi aqui que apareceram os melhores futebolistas de São Vicente”* (Manuel Cabral, 54 anos, Artista Plástico).

⁹ Em anexo o caso de um projeto participado em que rebocaram e pintaram as casas de uma das ruas de Ribeira Bote.

4.3. Justificação da pertinência do projeto

O local em análise e o projeto, não podem ser isolados do contexto a que se destina. Foi compreendido e interpretado as necessidades e expetativas de um grupo alargado de intervenientes, o departamento urbanístico da Câmara Municipal do Mindelo, os moradores do bairro e a vivência do local. A opção pelo tipo de intervenção proposto pretende por um lado, trazer a cultura do cinema que foi abandonada na ilha e fomentar a cultura teatral da mesma que anteriormente era bastante forte. E, por outro lado, a criação de um equipamento comunitário de apoio ao bairro. Tendo em conta esses dois lados, juntamente com a Organização das Mulheres Cabo-Verdianas (OMCV) propôs-se um equipamento que acaba por abranger tanto a comunidade de Ribeira Bote como a própria ilha numa zona periférica ao bairro auxiliando a interação dos dois lados de interesses.

4.4. Projeto urbano

A estratégia proposta para a requalificação do Bairro partiu da análise que permitiu fazer um diagnóstico das suas potencialidades e fragilidades atuais. O que se encontra atualmente é um Bairro isolado da cidade, com falta de espaços qualificados e graves problemas de infraestruturas em certas partes. No entanto, a sua localização privilegiada no centro da cidade, diversos equipamentos e as relações de vizinhança que descrevem os residentes, foram alguns aspetos que influenciaram a estratégia de intervenção.

O ponto essencial que marca a proposta é a opção pela preservação da estrutura espacial do Bairro e a qualificação dos seus espaços, em vez de entender o local como uma tábua rasa onde se reconstrua tudo do zero. Conforme já referido anteriormente, grande parte dos problemas existentes no Bairro têm origem direta ou indireta nas suas condicionantes físicas atuais. A falta de organização e de qualificação dos espaços exteriores são propícios ao surgimento de atividades marginais, e conferem uma imagem negativa ao Bairro que acaba por afetar os seus moradores. No entanto, e apesar dos fenómenos de segregação e de marginalidade, persistem no Bairro elementos muito positivos, tais como os aspetos tradicionais da cultura dos seus moradores, e outros, que não sendo tão positivos, constituem uma oportunidade para melhorar.

4.5. Projeto equipamento público

Conceito

O conceito do edifício, em termos morfológicos, mimetiza a variedade da arquitetura envolvente ao projeto. Aqui, cada edifício é único, quer ao nível da cércea como da linguagem.

Procurou-se atribuir ao do edifício um “skyline” que retratasse essa variedade de cérceas, onde o objetivo passou por criar corpos recuados, uns em relação a outros, criando assim vários espaços com pátios voltados para a rua, inserindo luz natural no interior do edifício.



Figura 19. perfil da rua a norte do local de implantação da proposta

A implantação da nossa proposta na zona fronteiriça do bairro acabou por ajudar de certa forma na criação de um ponto de encontro e de interação entre as pessoas do bairro e exteriores a ele, afirmando na multifuncionalidade do espaço e na referência identitária que a rua a norte da proposta tem para os residentes. A proposta tem como o seu ponto máximo o Cineteatro que é um espaço de extrema importância nessa cidade que tinha a cultura do cinema e que, infelizmente, desapareceu com a degradação do antigo Cineteatro EdenPark há mais que uma década, e pela cultura do teatro que é uma atividade que sempre existiu na cidade. Não ficando só por este espaço e a sua importância para a ilha, a proposta integra várias atividades direcionadas para o bairro, como um centro de formação ligado com espaços de convívio, atividades para crianças infantis e juvenis e de salas de ensaios e atividades culturais.



Figura 20. Localização do local de intervenção

A carência em criar um espaço análogo, integrado na envolvente urbana, acabou por solicitar a demolição do edifício da Organização das Mulheres Cabo-verdianas (OMCV) que previamente não tinha interesse arquitetónico, e integrar essa mesma entidade na proposta, equacionado e solucionando assim um desenvolvimento coerente e fluido do projeto e das suas componentes urbanísticas criando uma nova praça a frente revitalizando e qualificando o largo a poente do edifício.

O nosso edifício procura ter uma forma monolítica com a mesma leitura tectónica exterior que o edifício referenciado (Biblioteca de Viana de Castelo), diferenciando-se ao nível dos vãos que irão ser pontuais quando se trata direccionar diretamente a ruas, mas mais amplas quando se direcciona vista para os pátios. A sua estrutura será apoiada em pilares no piso -1 (estacionamento) e lajes maciças e paredes de betão armado.

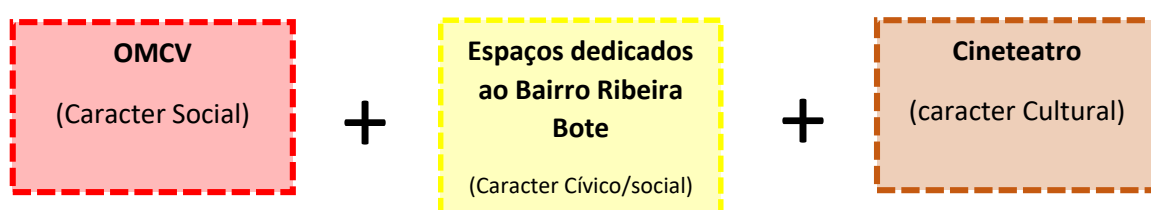
Ligação com as referências

Após termo-nos percebido os benefícios sociais e os conceitos dos projetos de referência (Casa Comunitária da Mouraria, Associação Cultural Moinho da Juventude, proposta do Centro Cívico do Planalto do Ingote) e, sobretudo, termo-nos compreendido as necessidades da população, a proposta realizada apostou num Equipamento Público de carácter cívico, social e cultural.

Procurámos não somente integrar a proposta na estrutura urbana, como ligar a mesma às atividades que desapareceram ao longo dos anos (o caso do cinema EdenPark). Procurámos também ligar atividades relacionadas com novas formações em novas áreas importantes para a atividade económica do país, a educação e ocupação das crianças mais desfavorecidas. Portanto, ligar todas as atividades possíveis de carácter cultural, cívico e social, priorizando os mais urgentes e necessários à população do bairro.

Descrição do Projeto

O Projeto do Equipamento Público será constituído em 3 partes ligadas num só edifício. A frente, virada para a Rua Guerra Mendes, onde se encontra o largo, será a parte dedicada à Organização das Mulheres Cabo-verdianas (OMCV). Seguindo pela direita, na Avenida Capitão Ambrósio, haverão espaços dedicados ao Bairro de Ribeira Bote. Por fim, seguindo pela avenida anteriormente referida, encontramos a entrada central do edifício, onde estará o Cineteatro.



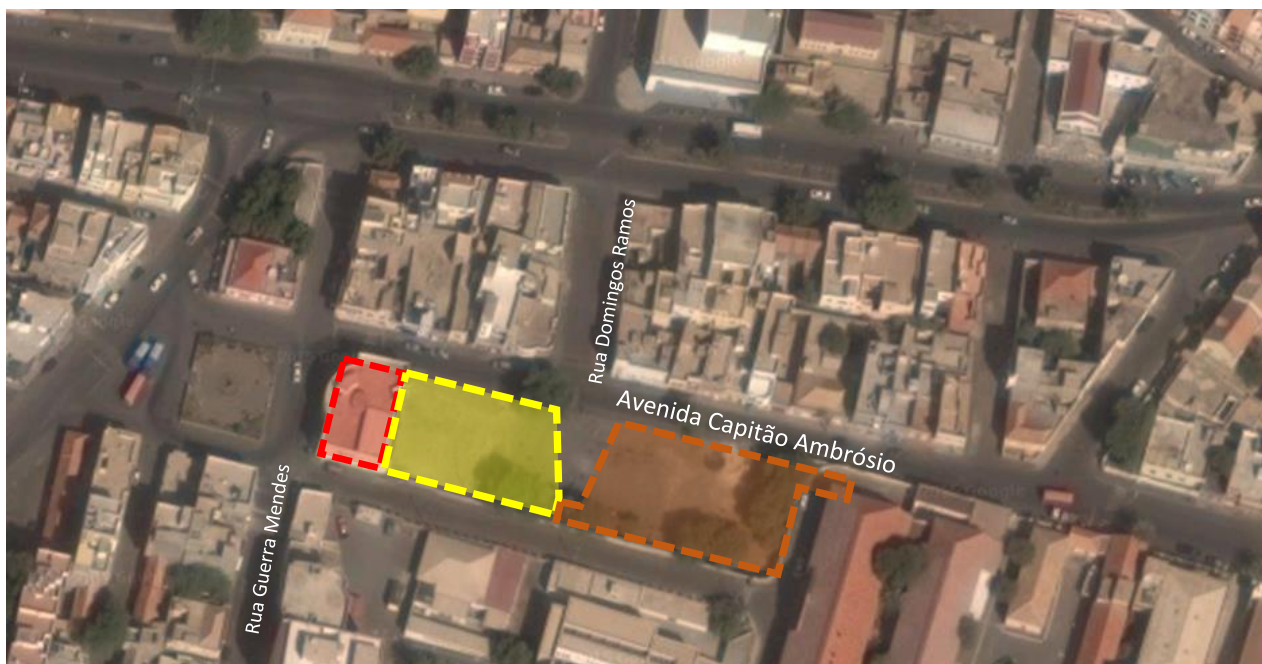


Figura 21. Esquema sobre ortofotomapa da cidade do Mindelo, 2012

O edifício será composto por 3 pisos:

O **PISO -1** será um piso de estacionamento público. O acesso ao mesmo será feito pelo largo situado a poente do edifício. Este parque conta com 67 lugares de estacionamento, onde 4 lugares estarão situados junto do acesso ao piso superior, e destinando-se a pessoas com mobilidade reduzida. Prevê ainda a existência de duas saídas de emergência, uma diretamente voltada para a Avenida Capitão Ambrósio e outra direcionada para o *foyer* do cineteatro; a partir daí o acesso à rua é feito pela entrada principal.

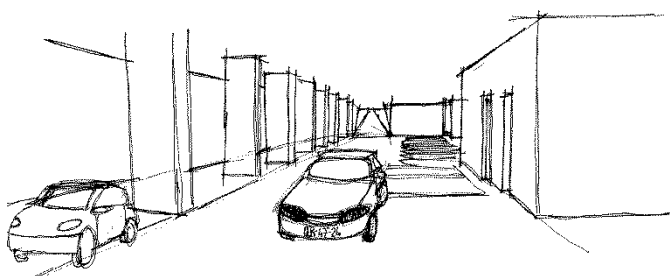


Figura 22. Estacionamento Público com vista à entrada do mesmo

O **PISO 0** fica ao nível da rua, sensivelmente, contando com duas entradas: - uma que faz frente com a Rua Guerra Mendes, frente ao largo, outra voltada para a Rua Domingos Ramos, na frente da Avenida Capitão Ambrósio.

Cineteatro

À direita da entrada principal encontramos o Cineteatro, que é constituído por:

- Um *foyer* que dá acesso à plateia do Cineteatro; - Um corredor de acesso a três instalações sanitárias (1 masculino, 1 feminino, 1 para pessoas de mobilidade reduzida); - Um arrumo de acesso privado;
- Um bar constituído por uma copa limpa, outra suja, uma zona de despensa e uma instalação sanitária.

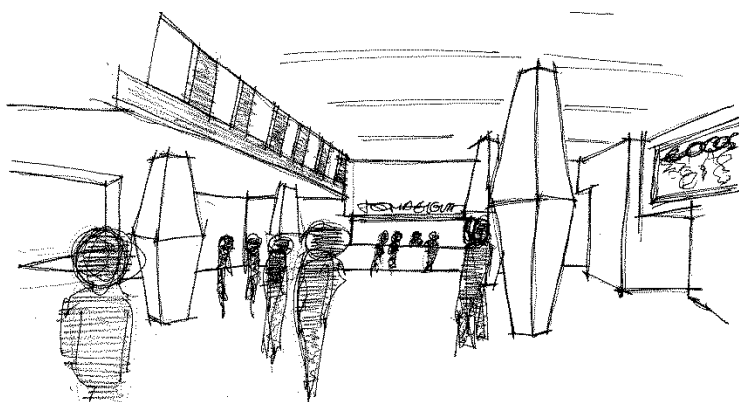


Figura 23. Foyer com vista para o bar, à direita a entrada para o Cineteatro

Do *foyer* temos acesso a duas antecâmaras, uma que dá acesso a um piso superior onde se encontra a sala de projeção de vídeo e a régie de luz, e outra com acesso ao piso -1. Do mesmo *foyer*, seguindo até à entrada para a plateia, ao centro, encontramos a régie de som. A plateia conta com 400 lugares dos quais 4 são exclusivos a pessoas de mobilidade reduzida.

Da plateia segue-se o Palco que conta com 134m² de cena, nas laterais do mesmo, encontramos duas zonas técnicas de cena: uma que dá acesso ao nível superior da plateia e outra que dá acesso à parte superior do palco através de escadas técnicas. Pós-palco encontramos uma zona de balneários e de camarins, desta mesma área temos acesso a uma entrada a um nível superior que dá acesso à Av. Capitão Ambrósio, e a área de sup-palco que é constituída por uma sala de *buffet* e outras de armazenagem de equipamento de cenário.

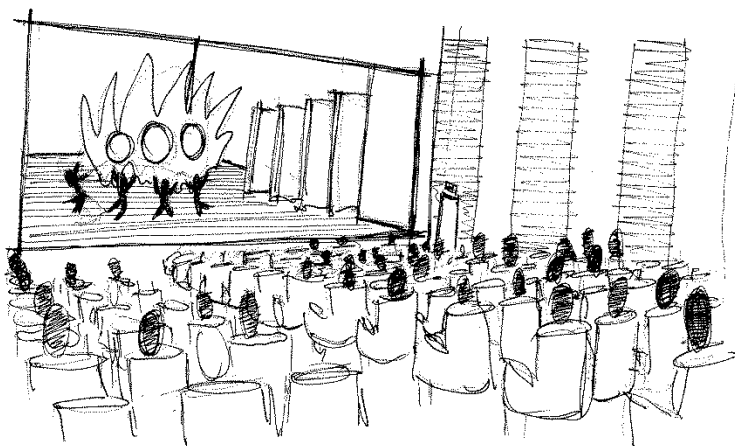


Figura 24. Plateia com vista para o palco

Centro Cívico (Piso 0)

À esquerda da entrada principal encontramos uma área de receção e um café/bar. Entre os dois, existe um espaço amplo dedicado a exposições temporárias. Da receção temos acesso ao estacionamento, ao piso superior e a duas instalações sanitárias masculino/feminino, ambas com acesso a pessoas de mobilidade reduzida.

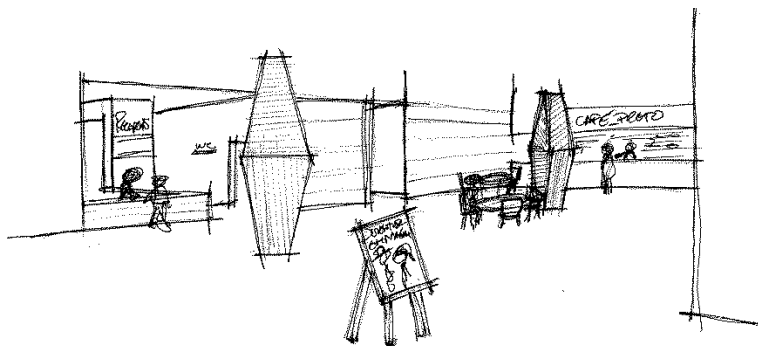


Figura 25. Vista da receção do centro cívico com o café/bar à direita

Através do corredor principal, a seguir ao espaço de exposições, encontramos propositadamente, uma sala infantil (3-6 anos) onde se desenvolverão atividades cognitivas em que *essas atividades envolvem raciocínio, atenção, criatividade e capacidade de resolução de problemas simples*. Nessa sala há um pátio onde podem brincar, uma sala de leitura/consulta e uma sala de contos e leitura (7-10 anos) para desenvolverem capacidades de leitura, interpretação, uso do computador e aprendizagem da cultura contada, e por fim uma sala multimédia (11-15 anos) destinada a assistirem a filmes didáticos. Estes quatro espaços são destinados às crianças, tanto em época escolar como em período de férias, fomentando assim a criação duma base cultural, escolar e social mais sólida.

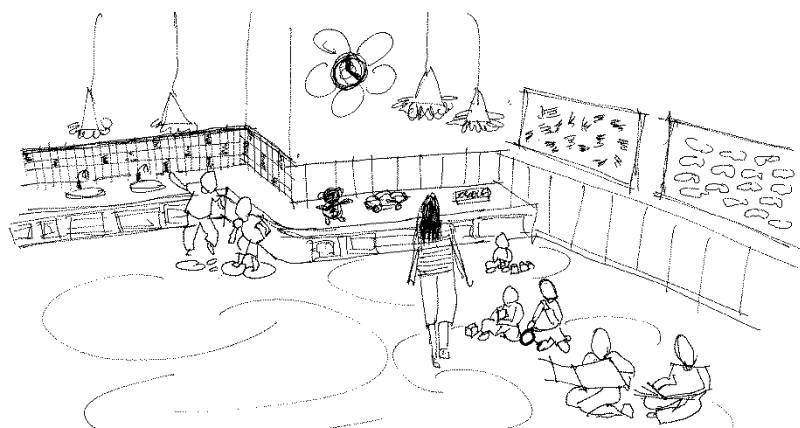


Figura 26. Sala Infantil, 3-6 anos de Idade

Deste mesmo corredor temos acesso a uma sala-mediateca - para os menores de 18 anos, e a um pequeno auditório que será palco de pequenas peças teatrais proporcionadas às crianças, ou servirá apenas como palco de ensaios, ou ainda para a realização de pequenas conferências e até mesmo de reuniões.

Seguindo pelo corredor encontramos uma sala de formação que pode ser usufruída tanto pela OMCV como pelo centro. No corredor temos uma interrupção, feita por duas portas, que visa possibilitar o funcionamento da OMCV e do centro em simultâneo, sem que a ação dos mesmos interfira um com o outro.

OMCV (piso 0)

A Organização das Mulheres Cabo-verdianas tem acesso direto ao exterior (Rua Guerra Mendes), onde se encontra uma receção/administração, duas instalações sanitárias públicas masculino/feminino com acesso a pessoas de mobilidade reduzida, uma sala de apoio financeiro, um minimercado de divulgação de produtos nacionais e duas salas de formação, em que uma pode ser partilhada.

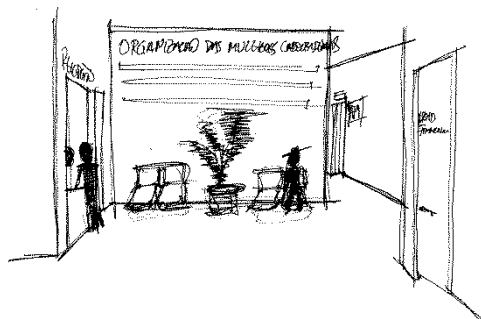


Figura 27. Vista para a receção da OMCV à esquerda com o corredor à direita

PISO 1

Centro Cívico (Piso 1)

Da receção, seguindo pelo acesso ao piso superior encontramos uma sala de convívio que pode ser ampliada conforme o número de pessoas. Esta sala serve para confraternização de carácter lúdico da população do bairro e para quem tiver a necessidade de o usar, bem como a outras atividades que possam nela ser realizadas.

Seguindo pelo corredor temos acesso a uma sala polivalente que pode ser utilizada como sala de formação, de trabalho ou ainda de outro tipo de ocupação que necessite de um espaço fechado para a sua realização, por exemplo o caso de um *atelier* para confeção das vestes de carnaval, uma sala de formação ou ainda uma sala de ensaios musicais e de dança. Este mesmo corredor fica interdito às pessoas quando necessário, para que as entidades que funcionam dentro do edifício possam operar de forma independente (ou não) umas das outras.

Organização das Mulheres Cabo-verdianas (piso 1)

Da receção temos acesso ao piso superior, tanto por escadas como por elevador, onde encontramos mais dois gabinetes de trabalho, uma sala da direcção, uma sala de reunião, uma sala de formação e um espaço de estar.

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de projetar este equipamento revelou-se ser um ato multidisciplinar em que houve um conjunto de aspetos que vão além da arquitetura. O equipamento proposto é público, mas de carácter social, cívico e cultural que procura apoiar a diversidade social.

As suas características programáticas foram pensadas para a valorização da cultura, na construção de uma base escolar, social e cultural sólida para as crianças, na formação e ocupação dos jovens, no apoio às mulheres dessa sociedade e na aprendizagem e consumo da cultura teatral e cinemática. O edifício reveste-se de um sentido emblemático para o bairro e não só. A sua implantação é também de notável importância porque interliga o bairro e a cidade de uma forma contínua.

O trabalho proposto é caracterizado por essa diversidade em que o equipamento faz parte da estratégia de ligação entre o bairro e a cidade. E ao mesmo tempo procura responder a uma carência cultural que faz falta nessa cidade. Considera-se, portanto, que esse equipamento é fundamental para o bairro em questão cabendo ao arquiteto a difícil tarefa de encontrar o equilíbrio na sua atuação e o universo envolvente.

Bibliografia

- ACMJ. (s.d.). *Associação Cultural Moinho da Juventude*. Disponível em <http://www.moinhodajuventude.pt/>, acedido em 17/10/2016
- B.O. (10 de Abril de 2013). Lei nº 28/VIII/2013: Aprova a Diretiva Nacional de Ordenamento do Território (DNOT). *I Serie nº19*. Boletim Oficial da Republica de Cabo Verde.
- Bachelard, G. (2008). *A poética do espaço*. Disponível em <https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf>. acedido em 05/07/2016
- Basso, H. K. (1996). *Wisdom Sits in Places- Landscapes language among the western apache*. University of new Mexico press: Albuquerque. Disponível em <https://books.google.pt/books?id=3t-GFo8zezsC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>. acedido em 16/08/2016
- Bianchini e Parkinson, (1993). *Cultural policy and urban regeneration - the west European experience*. Manchester: Manchester University Press. Disponível em <https://books.google.pt/books?id=N327AAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>. Acedido em 12/08/2016
- Brandão, P. e. (2002). *Espaço Público Urbano: Oportunidade de Identidade Urbana Participada*. Disponível em http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/053.pdf. Acedido em 12/08/2016
- CMVC_Projetos e Obras - Biblioteca Municipal de Viana de Castelo. (05 de 2006). Disponível em http://www.biblioteca.cm-viana-castelo.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=253%3Arevista-engenharia-e-vida&catid=178%3Arecortes-de-imprensa&Itemid=294&showall=1. Acedido em 18/06/2016
- Connerton, P. (1993). *Como as Sociedades recordam*. 2ª Edição. Lisboa: Celta Editora.
- Costa, A. F. (1999). *Sociedade de Bairro*. Celta Editora.
- Costa, A. F. (2008). *Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/4722>. Acedido em 12/08/2016

- Dias, A., & all. (2004). *Centro Cívico Planalto do Ingote - Concurso Limitado por Prévia Qualificação 3 A 18 de Abril. Coimbra '04*. Coimbra: Camara Municipal de Coimbra.
- Dias, J. (15 de 2 de 2015). *Mandingas do Mindelo*. Obtido de Expresso das Ilhas: Disponível em <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/opinioao/item/43989-mandingas-do-mindelo-%E2%80%93-que-fenomeno-e-esse?>. Acedido em 07/08/2016
- Dias, V. (23 de 9 de 2013). *Ribeira Bote / Zona Libertada em festa com Morna Jazz World Music*. Disponível em <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article92062> acedido em 05/05/2016
- Évora, J. S. (2001). As Ilhas de Cabo Verde no contexto das interinfluências culturais: Santiago e S. Vicente nos séculos XV e XIX -. Em *Africana - Revista do Centro de Estudos Africanos* (Vol. n.º 6). Porto: Universidade Portucalense.
- Gonçalves, A. (1988). *Geografia - Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais*. Porto: Revista da Faculdade de Letras. I Série. Vol. IV.
- Gonçalves, J. M. (2006). *Os espaços públicos na reconfiguração física e social da cidade*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice. Disponível em <http://lelivros.pink/book/a-memoria-coletiva-maurice-halbwachs/>. Acedido em 07/05/2016
- INECV. (2012). Disponível em <http://www.ine.cv/>. Acedido em 15/09/2016
- kahn,j.s. (1975) El Concepto de Cultura: Textos Fundamentales. disponível em <https://pt.scribd.com/doc/74178816/El-Concepto-de-Cultura-Textos-Fundamentales-Kahn-J-S>. Acedido em 08/03/2016
- Lima, M. A. (1992). *A poética de Sérgio Frusoni*. Lisboa: ICALP.
- Lopes, A. e. (Realizador). (2013). *Fragmentos de Mindelo* [Filme]. Mindelo. Disponível em <http://fragmentosdemindelo.blogspot.pt/>. Acedido em 17/06/2016
- Lynch, K. (2008). *A imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Matias & Neves, (2001). *Estudos à População (volume II) - Práticas, Representações e Aspirações da População*. Disponível em http://www.cm-odivelas.pt/Extras/PDM/anexos/estudos_populacao_2.pdf. Acedido em 17/06/2016

- Matta, R. d. (1991). *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Mendes, M. (2012). Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo. Em *Imigração, Diversidade e Convivência Cultural* (pp. 15-41). Lisboa: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10007.pdf>. Acedido em 14/07/2016
- Menezes, M. (2000). *Do espaço ao Lugar. Do lugar as remodelações socio-espaciais*. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832000000100008. Acedido em 14/07/2016
- Morais, J. (2010). *Mindelo - Património Urbano e Arquitectónico*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- ONU-Habitat. (2012). Perfil Urbano do Mindelo, Ilha de São Vicente Republica de Cabo Verde. *Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos Escritório Regional para África e Estados Árabes (ERAPA)*.
- Pellegrino, P. (1983). *Espaces et culture*. Saint-Saphorin: Editions Georgi.
- Pellegrino, P. (1986). *La Theorie de l'espace humain: transformations globales et structures locales*. Gêneve : CRAAL- FNSRS: UNESCO.
- Republica de Cabo Verde. (1984). *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*. Lisboa: Filográfica, Lda.
- Silva, A. C. (2005). *Nos tempos do Porto Grande do Mindelo*. Praia: Mindelo.
- Silva, A. L. (2000). *Nos tempos do Porto Grande do Mindelo*. Praia: Centro Cultural Português.

Anexos

Entrevistados (15 pessoas)	Tempo no bairro/Idade	Profissão	Gosta do Bairro (sim/não)	Estado do bairro (deficiências)	Mais-valia para o bairro
Rui Gomes	8/29	Desempregado	sim	Iluminação noturna	Ocupação das crianças que não estão na escola
Inês Luz	11/46	Domestica	sim	Sem opinião	Unidade de Saúde
Orlinda Tavares	19/19	Estudante	não	Iluminação noturna	Iluminação noturna
Carina	2/35	Comerciante	sim	Desemprego, roubos	Infraestruturas de iluminação, rodoviárias e pedonais, unidades de comércio
Sónia Araújo	41/41	Pasteleira	sim	Várias	Apoio escolar as crianças e ocupação dos tempos livres
Anderson Lima	30/30	Monitor do Centro de Apoio a Doentes Mentais (CADM) Vice-presidente Mandingas de Ribeira Bote	sim	Várias	-
Inora Brito	38/38	Desempregada	sim	Desemprego	Formações, atividades lúdicas
Káká	53/53	Marinheiro	sim	Crianças na rua	Refeitório comunitário, Centro de Saúde
Stefani Fortes	18/18	Estudante universitário	sim	Más condições de saneamento, habitação	Ocupação dos desempregados e crianças
Maria Monteiro	51/51	Desempregada	sim	Roubos	Segurança
Nelson Monteiro	50/50	Empresário	sim	Iluminação noturna, segurança	Formação
Romildson Gomes	17/29	Carpinteiro	sim	Desemprego	Espaços de lazer e formação

Sandro Rosário	21/21	Estudante	sim	Desemprego, desacatos	Atividades lúdicas, emprego, formações
Jorge Soares	47/47	Artesão cerâmico	sim	-	Apoio por parte das Entidades públicas
Jorge Silva	40/40	Comerciante	sim	-	Emprego, segurança pública

Questionários aos Moradores do bairro Ribeira Bote

MVI_7268

Nome

Rui Carlos Fortes Gomes

Idade

29

Ocupação (profissão):

Desempregado

Ocupação nos tempos livres:

Ir a Praia, jogar qualquer jogo com os amigos

Gosta do bairro (porquê)

Claro. Não tenho motivos de queixa.

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Há 8 anos que moro aqui, quando viemos aqui a minha mãe não gostava daqui, mas depois adaptou com a vizinhança e já tem uma opinião diferente.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

Generalizando todos pensam mal daqui. Como por exemplo, eu, morava em Fonte Filipe (zona vizinha a Ribeira Bote), e sempre que lá ia o pessoal perguntavam como era possível morar em Ribeira Bote? Eu respondia: - É um lugar como qualquer outro. Temos é que viver a vida, e sobretudo mantermos no nosso sítio, sem arranjar confusões.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Eu estou, o que mais deixa falta é a iluminação noturna.

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

Nem sempre.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Foi uma boa iniciativa, os desenhos ficaram bem-feitos.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

Temos muitas crianças que não fazem nada hoje em dia e não estão na escola. Os pais mal olhem por eles e ficam a deriva pelo bairro e fora. Acho que deveríamos olhar mais por eles.

MVI_7274

Nome

Inês Santos da Luz

Idade

46

Ocupação (profissão):

Doméstica e de vez enquanto babá

Ocupação nos tempos livres:

Posso dizer que não tenho tempo livre, tenho sempre qualquer coisa para fazer em casa.

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Moro cá desde que tenho 11 anos.

Gosta do bairro (porquê)

Sim.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

Quem mora fora daqui tem má sensação daqui. Mas eu, durante esses anos que tenho de vida aqui, tenho uma opinião diferente. As pessoas que vêm de fora, essas sim, aproveitam da nossa reputação e agem de forma errada cá dentro. É claro que, como em qualquer lugar, há os bons e os maus, mas no nosso caso não é somente os daqui.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Eu acho que está tudo bem aqui. Gosto disto como está.

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

Claro, juntamos sempre que há uma iniciativa.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Foi uma boa iniciativa. Foi um rapaz que veio com o projeto dele, juntamos e ajudamos uns aos outros. Por mim o projeto devia continuar, foi uma bonita e boa, espero que continua pelo bairro todo.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

Para dizer, não sei. Se calhar um centro de saúde, mas podemos ir ao centro de outra zona. De resto há sempre atividades no polivalente (Centro Social de Ribeira Bote)

MVI_7276

Nome

Orlandina Maria Andrade Tavares

Idade

19

Ocupação (profissão):

Estudante (mas de momento não se encontra a estudar).

Ocupação nos tempos livres:

Fazer manicuri.

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Há 19 anos

Gosta do bairro (porquê)

Não. Porque as vezes o bairro pode ser violento, acho que são as pessoas que passam por cá, há lutas entre elas, etc.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

Quando se fala em Ribeira Bote, as pessoas tem logo um pensamento negativo devido a sua história.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Acho que falta muita coisa, por exemplo, iluminação noturna nesta rua que não há.

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

Acho que não. Por exemplo, eu não participo em todas as atividades.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Acho que num grande espaço de tempo foi a única coisa positiva que fizeram aqui onde envolvesse várias entidades patrocinadoras em prol da nossa comunidade.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

A questão da iluminação noturna é o mais importante, o resto faz-se de pouco a pouco.

MVI_7277

Nome

Carina

Idade

35

Ocupação (profissão):

Comerciante

Ocupação nos tempos livres:

Muitas coisas, passear, ler, ir a praia, etc

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Há 2 anos

Gosta do bairro (porquê)

Sim. Porque temos que nos adaptar a qualquer lugar onde vivemos, tem coisas que discordamos, temos a nossa opinião que nem sempre é seguido.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

Já sabemos o preconceito em relação a Ribeira Bote. As pessoas pensam que é preciso ter coragem para morar aqui, mas não é bem assim.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Acho que o maior problema que temos aqui são os roubos a mão armada. Mas isso encontra-se em qualquer parte do mundo, e na situação em que vivemos (desemprego, etc.) é "normal".

Mesmos os que não moram aqui vem cá para abusar da nossa situação (má reputação de Ribeira Bote)

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

Eu, no meu caso não participo nessas atividades.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Vi, só na televisão, e acho que foi uma boa iniciativa e que deu um aspeto mais alegre a rua onde foi feita.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

Temos muito para fazer aqui. Temos que começar pela raiz (infraestruturas). Mas não posso dizer muito sobre isso porque praticamente não saio daqui de casa e se saio, não ando pelas ruas de Ribeira Bote. Por exemplo o meu estabelecimento, tem sendo até agora uma boa iniciativa porque as pessoas mostram satisfeitas com os meus produtos.

MVI_7277

Nome

Sónia Araújo

Idade

41

Ocupação (profissão):

Vendedora

Ocupação nos tempos livres:

Gosto de ir a praia.

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Nasci cá.

Gosta do bairro (porquê)

Sim. Principalmente as atividades que se faz por cá, a pessoas que incentivam as crianças a praticar desporto, etc.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

A maioria tem uma ideia negativa, o nome Ribeira bote é associado a *gang's*, guerras, roubos, ente outros.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Claro que não, mas estamos a melhorar.

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

Há sempre pessoas que querem participar, mas é claro que nem todos participam.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Foi algo muito bonito para a rua, hoje vê-se pessoas a irem lá ver a rua, principalmente estrangeiros.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

Muitas coisas principalmente mais apoio escolar as crianças, mais apoio na ocupação dos tempos livres deles

MVI_7277

Nome

Anderson Jorge Almeida Lima

Idade

30

Ocupação (profissão):

Monitor do Centro de Apoio a Doentes Mentais (CADM)

Vice-presidente Mandingas de Ribeira Bote

Ocupação nos tempos livres:

Jogar futebol, ver televisão.

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Nasci cá.

Gosta do bairro (porquê)

Não trocaria Ribeira Bote por nada, aqui há um pouco de tudo. Tenho os meus amigos, temos desporto, convivência, entre muitas outras coisas.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

Acho que podemos dividir em 50% tanto negativo como positivo.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Estou dividido, nem gosto nem desgosto, estamos a melhorar, de pouco a pouco. Por exemplo a nossa sociedade mindelense não ajuda Ribeira Bote

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

Sempre, é a nossa força. Todos juntam sem exceção, todos querem dar a sua ajuda.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Isso foi uma excelente iniciativa.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

Aqui há praticamente quase tudo. Por exemplo tem um posto móvel de saúde, tem o polivalente, o *cyber* para irem a internet, o Centro de Atenção Psicossocial Droga e Álcool... mas falta os moradores irem a esses lugares e aderir a essas instituições, há uma falta de vontade própria por parte do pessoal.

MVI_7283

Nome

Inora da Luz Lopes Brito

Idade

38

Ocupação (profissão):

Desempregada

Ocupação nos tempos livres:

Faço trabalhos por encomenda quando me peçam.

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Nasci cá, fui morar noutra zona, tive lá 8 meses. Não consegui adaptar-me a vizinhança e voltei.

Gosta do bairro (porquê)

Sim, tem muito movimento de pessoas pela rua.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

É visto de forma negativa, mas os nascidos aqui não fazem mal nenhum, são outros que vem de fora e acabam por exagerar.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Não porque de maneira que as coisas estão (crise), somos arrastados também nele.

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

Por acaso, a maioria das pessoas juntam-se para ajudarem uns aos outros. Não é somente nas atividades lúdicas, na tristeza e na falta também, ajudamos uns aos outros. Somos bastante unidos.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Foi uma boa iniciativa, pena que não foi feita em todas as ruas. Houve somente apoio de privados.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

Não sei, talvez arranjar ocupações aos jovens, o pessoal desempregado. Formações, atividades para que não fiquemos a vaguear por aí.

MVI_7284

Nome

Káká (alcunha)

Idade

53

Ocupação (profissão):

Marinheiro

Ocupação nos tempos livres:

Passo cá uns meses de férias e durante esse tempo ajudo as crianças daqui, incentivando-os a atividades desportivas, oferecendo-lhes equipamentos, bolas. Temos mais de 100 crianças que “trabalhamos” com eles, incluídos instrutores jovens de várias classes sociais. Passo os dias com os amigos e famílias aproveitando esse tempo de férias.

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Desde que nasci.

Gosta do bairro (porquê)

Sim, nasci cá ainda não sai por isso...

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

Muitas pessoas ouvem mal de Ribeira Bote, embora muitas coisas tem acontecido mas parte não é da nossa comunidade, os que vem de fora normalmente são os culpados. Mas não é só isso, há muitas pessoas que fazem o bem cá.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Temos muitas dificuldades financeiras, falta-nos ajuda exterior. Por exemplo, temos muitas pessoas que comem uma vez por dia, muitas crianças que não conseguem ir a escola porque os pais não tem condições para o fazer. Há algumas pessoas que não querem mudar para melhor mas vamos melhorando a cada dia.

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

Por acaso, Ribeira Bote é uma zona que quando é algo bom ou mau todos juntamos.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Por enquanto foi só uma rua, não tiveram oportunidade para fazer mais, mas foi um excelente trabalho. Foi um amigo nosso, faz parte do nosso grupo em que ajudamos as crianças. Ele não teve muita ajuda embora sendo uma pessoa honesta e trabalhadora porém ele quer continuar o trabalho num futuro próximo. Falta-lhe apoio.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

Talvez, um Centro de Saúde. Não temos isso. Temos um posto móvel mas só algumas pessoas conseguem lá ir. Mas precisamos de mais ajuda, mais ajuda exterior ao país. Cá em Cabo Verde e propriamente em Ribeira Bote, não temos muita escolha embora, por exemplo, eu e outros que ajudamos, não nos alcança esse dever, mas fazemo-lo de bom agrado.

MVI_7288

Nome

Stefani Lima Fortes

Idade

18

Ocupação (profissão):

Estudante

Ocupação nos tempos livres:

Ler, brincar com a minha irmã mais pequena

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Desde que nasci.

Gosta do bairro (porquê)

Sim, nunca aconteceu nada de mal comigo, não tenho razões de queixa. Tem muitas pessoas simpáticas, tenho muitos amigos e familiares.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

As pessoas tem uma má visão do bairro, muitas delas vem cá só na época carnavalesca para viverem o Mandinga, festejar e ter bons momentos com o pessoal.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Não, tem muito desemprego, violência, pessoas a morarem em casas sem condições com o perigo de desabamento, em casas de lata sem saneamento nenhum, muitas crianças que não tem possibilidades de estudar, gravidez precoce, violência sexual, prostituição infantil, por isso não estou contente com a situação atual do bairro.

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

Alguns, por exemplo numa limpeza dessa rua, aparece só duas pessoas, mas quando são situações de lazer, mandinga por exemplo, todos estão presentes.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Muito bom, foi uma forma de ajudar quem não tem meios para o fazer. Devia ser feito mais vezes, embora não seja falta devido ao custo dos materiais. A Camara Municipal devia ajudar também nessa iniciativa que foi muito nobre.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

Qualquer coisa que ocupasse as pessoas que não tem nada para fazer. Por exemplo, desempregados, crianças que, procuram eles mesmos o seu pão de cada dia, etc.

MVI_7289

Nome

Maria Francisca Monteiro

Idade

Ocupação (profissão):

Não tenho, mas quando aparece faço de tudo um pouco.

Ocupação nos tempos livres:

Não tenho, ocupo o meu tempo com qualquer trabalho que pode aparecer.

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Nasci e cresci aqui.

Gosta do bairro (porquê)

Sim, eu gosto. Foi aqui que nasci, cresci, morei sempre nessa casa que na altura era de madeira que com o tempo passou a ser de lata e depois de betão.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

Algumas tem vontade de morar aqui, outros vem aqui arranjar confusões e acabam por dizer que fomos nós.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Sim e não. Antes podíamos deitar a porta de casa, deixar a porta aberta e não havia nenhum problema, hoje é impossível porque podemos envolver numa confusão sem querer, mas melhorou em vários aspetos

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

Por acaso, nós deste lado somos unidos, não só nas épocas fáceis como nas difíceis também.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Fizeram um bom trabalho.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

VID_20150826_165135

Nome

Nelson Monteiro

Idade

50

Ocupação (profissão):

Empresário

Ocupação nos tempos livres:

Praticar desporto, ver televisão, etc.

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Há 50 anos

Gosta do bairro (porquê)

É obvio que sim. Foi aqui que os meus pais moraram e foi aqui que constitui a minha família.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

As pessoas tem ideias diferentes, uns tem pensamento negativo, outros, positivo. Somos um ponto central em Cabo Verde porque somos os únicos que tem Mandinga e *Hamburgov* (Hamburger caseira com grande sucesso nacional)

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Não, aqui tem falta de uma boa iluminação noturna, policiamento a altura e muitos problemas da juventude.

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

Sim, nesse aspeto somos unidos nos bons e maus momentos.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Foi ótimo, fui um dos patrocinadores e acho que devia alargar na totalidade do bairro e não só, nas outras zonas também.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

Uma mais-valia Ribeira Bote seria a atenção aos jovens e, na minha opinião, o Centro Social de Ribeira Bote devia ser melhor aproveitado. Devia ser um local para dar formações, muitos jovens que inserem em absurdos por falta de formação, outros não vão a escola e sobretudo a Camara Municipal que não tem considerado Ribeira Bote nos seus planos.

VID_20150826_170059

Nome

Romildson Gomes (Rom's)

Idade

29

Ocupação (profissão):

Carpinteiro

Ocupação nos tempos livres:

Gosto de estar com o pessoal numa sombra a conversar e sempre que podemos vamos a praia conviver.

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Moro há 17 anos.

Gosta do bairro (porquê)

Muito. Tenho dois filhos aqui, dão bem com o pessoal e a vizinhança, portanto gosto muito.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

As pessoas que não moram em Ribeira Bote tem uma visão negativa daqui. Eu, antes de vir morar aqui, morava em Monte Sossego. Muitos falavam mal daqui, mas aqui mudou para melhor, muitos consumiam drogas. Hoje em dia vê-se a diferença dos anos atrás, para melhor.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Generalizando, estou satisfeito com o bairro, mudou muita coisa.

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

O pessoal é unido aqui.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Foi uma boa iniciativa, tem muitos com falta, e acho que as entidades públicas deviam ter iniciativas dessas.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

Acho que deviam fazer um local de lazer público, como fizeram em *Fernando d'Pau* para ocupar as pessoas daqui. Um lugar onde as pessoas pudessem estar, jogar, conversar, etc.

VID_20150826_174520

Nome

Sandro Rosário

Idade

21

Ocupação (profissão):

Estudante

Ocupação nos tempos livres:

Gosto de jogar basquete, futebol, conviver com o pessoal.

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Moro há 21 anos.

Gosta do bairro (porquê)

Sim, eu nasci e cresci aqui, tenho familiares e amigos logo gosto daqui.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

Varia de pessoa para pessoa. As pessoas tem sempre o receio de vir aqui, mas aqui é um bairro normal.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Não, as pessoas tem pouca ocupação, as vezes são os desacatos que acontecem

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

As vezes são.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Foi uma boa iniciativa.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

Um centro de atividades para os jovens, tem muitos sem emprego, sem estudos e muito tempo livre.

VID_20150826_180728

Nome

Jorge Soares (Djoy)

Idade

47

Ocupação (profissão):

Artesão de Cerâmica

Ocupação nos tempos livres:

Gosto de jogar futebol, conviver com o pessoal.

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Há 47 anos.

Gosta do bairro (porquê)

Apaixonado, nasci, cresci aqui.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

Tem certas pessoas que tem uma visão negativa daqui, por vários acontecimentos ocorridos no bairro, mas nós daqui, temos uma visão diferente e, como somos daqui estamos sempre atentos.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Sim, em algumas partes estou porque o bairro desenvolveu-se, mas ainda há muito que fazer. Essa parte ligada a comunidade percebemos que ainda está muito carente, a população devia ajudar mais.

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

Sempre o pessoal adere as atividades, mas com maior ênfase nas atividades lúdicas.

O que achou da iniciativa Sonvela?

Foi uma boa iniciativa, linda num local mais favorecida que devia ter continuação.

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

A nossa comunidade tem que se unir nos pontos que somos mais fracos. Se se a comunidade unir em conjunto com as associações podemos chegar mais perto dos governantes e fazer-se ouvir.

VID_20150826_181747

Nome

Jorge Silva

Idade

40

Ocupação (profissão):

Comerciante

Ocupação nos tempos livres:

Gosto de jogar futebol, ir a praia, etc.

A quanto tempo mora em Ribeira Bote?

Há 40 anos.

Gosta do bairro (porquê)

Adoro, nasci, cresci aqui, seja bem ou mal, sou daqui.

Na tua opinião, como é visto o bairro pelas pessoas que não moram aqui?

As pessoas tem uma ideia negativa. Mas nem tudo é mau.

Na tua opinião, o que achas do presente estado do bairro?

Nem tudo é bom, mas também nem tudo é mau.

Na tua opinião, os moradores do bairro juntam-se perante uma situação participativa?

O que achou da iniciativa Sonvela?

Na tua opinião, o que traria mais-valia a comunidade de RB (porquê)

Mais emprego para os que não tem, a maioria das pessoas do bairro estão desempregadas. Mais segurança nas ruas também.

Entrevista

Arquiteto **Anildo Marcelo Soares Silva**, formou-se na Escola Superior de Belas Artes e na Faculdade de Lisboa. Terminou os estudos em 1985 e regressou para Cabo Verde para exercer a função de arquiteto. Começou a trabalhar no desenvolvimento dos planos urbanísticos de Mindelo no Ministério de Administração Local e Urbanismo (MALU).

Com a extinção do MALU, Anildo Silva, passou a trabalhar no Ministério de Obras Públicas e Infraestruturas mas sempre dentro do campo dos planos urbanísticos. Após a vigência dessas direções regionais, ele passou a integrar nos quadros da Camara Municipal de São Vicente até os nossos dias.

São Vicente é uma cidade voltada a cultura e atividades lúdicas, qual é o papel da Camara Municipal no apoio dessas atividades?

Na época em que estamos o apoio da C.M. é fundamental para esses eventos, quase a totalidade dos eventos feitos em São Vicente é apoiado pela C.M. Por exemplo: temos o Carnaval, o Festival das Baía das Gatas e até as festas de celebração do Ano Novo. Qualquer evento que é feito hoje em dia há sempre uma procura da CM na parceria com essa entidade no apoio dessas atividades.

O caso do festival da Baía das Gatas é praticamente toda ela realizada pela CM com apoio de outras entidades públicas e privadas. Hoje, o festival já não trás somente despesas a CM, já há algum retorno, embora da minha parte, não sei quais são os valores, mas já existem. Não podemos deixar de lado que o festival, trás muitas pessoas a ilha e isso é muito bom. A questão do turismo em São Vicente e Cabo Verde é muito importante para a economia.

Quais são as prioridades urbanísticas a desenvolver em Mindelo?

Em São Vicente temos muitos problemas urbanos, isto porque, ainda não temos nenhum instrumento aprovado de apoio a CM. Não temos um Plano de Desenvolvimento Urbano (PDU), não temos um Plano Diretor Municipal (PDM), ... os planos urbanísticos vão se fazendo de acordo com o que a CM acha que deve ser feito. Esse é um grave problema que nós temos e muito pior são as construções clandestinas ou espontâneas que tem tido ao longo da periferia do Mindelo. Digamos que a CM não tem nenhum plano atualizado. Temos um plano desde 1985. Teve um PDM, um PDU, feito de forma que era possível na época. Tínhamos grandes problemas na representação topográfica da ilha, os que haviam eram os antigos e os bairros, todos, tinham Plano Pormenor (PP). A seguir a vigência desses planos não foi feito mais nada, estamos a espera de um novo plano, que já foi elaborado, no entanto não aprovado que voltou atrás para ser retificada até hoje. Portanto como vê é muito complicado lidar com essa situação perante a realidade em que estamos.

E em relação a nossa cidade, a requalificação/reconversão dos espaços em degradação é prioridade da C.M.?

Sim, essas são as prioridades da CM, nós da CM estamos a empenhar muito para fazer esse tipo de trabalho, embora temos outros trabalhos que podiam ser prioritários. Por exemplo o caso dos loteamentos que são feitos nas periferias da cidade. A CM vende os lotes que logo de seguida é efetuada a construção e, só depois são feitas as infraestruturas. Deveria de ser o contrário. Contudo já temos uma legislação que obriga a CM a fazer as obras de infraestruturas antes da venda e construção no lote. Não sei até que ponto irá funcionar essa legislação, precisaríamos de ter uma fiscalização, mas essa fiscalização não consegue dar resposta a uma grande procura de terrenos para construir. A nossa política de urbanização também não consegue dar resposta a essa demanda. O programa Casa Para Todos pode ser uma ajuda mas ainda está longe de resolver o problema cá em Mindelo. O nosso estrato social desfavorecido são eles que fazem as “casas de lata” e, na maioria não tem condições para pagar uma renda, mesmo ela sendo mínima. Casa Para Todos favorece mais as famílias de médio rendimento, os de baixo são poucos os que ficam contemplados.

Temos uma média de 4 pessoas por família mesmo na camada desfavorecida, contudo o problema que se põe é o facto de os avós, filhos e netos, morarem na mesma casa. Os projetos de Casa Para Todos não resolvem esse problema. Os projetos são feitos com dimensões mínimas, não há espaços “livres”.

A habitação é muito difícil de controlar, aqui teremos sempre esse problema, o nosso país não tem controlo sobre esse assunto. Temos que recorrer a financiamento externo e nem todos conseguem financiamento para fazer a sua casa. Temos ainda uma cultura de autoconstrução. Cada um quer comprar o seu terreno, construir a sua casa, mesmo sendo de pouco a pouco. As pessoas habitam nessas casas sem as concluir, o que não deveria de acontecer, mas devido a falta de meios que nos temos isso acaba por acontecer. Esse é o grande problema que é discutido aqui na CM com a população.

Ao passear por Mindelo conseguimos ver que muitas casas estão desabitadas, em degradação ou até mesmo sem concluir e com os anos continuam no mesmo estado. Há alguma legislação que permite a CM reaver essas casas e beneficiar delas (reconstruir, recuperar, requalificar, reconverter) para dar uma nova cara a cidade?

Existe uma lei de expropriação, mas aplicá-la não é fácil. Por exemplo: dizem-nos para fazer um plano de requalificação de uma rua. Proponho uma demolição de um edifício para abrir hipoteticamente essa rua e com isso trazer um ou mais pontos positivos para o mesmo. Até conseguir que as pessoas que moram nesse edifício saírem de lá não é fácil. Mesmo sendo pessoas que nem estão cá, há vários anos, é difícil fazer esse processo de expropriação. Não temos meios para isso, já houve situações em que a CM fez demolições das habitações onde as pessoas não vivem cá devido aos problemas que pode trazer aos vizinhos desses edifícios. A lei não prevê a apropriação do que não é da CM, mas em relação a terrenos, há um prazo para construção nela.

Enquanto Arquiteto Anildo Silva e cidadão do Mindelo, de uma forma geral o que pensa sobre a cidade onde vive?

Temos a parte central do Mindelo que é considerado centro histórico que foi construído segundo uma determinada lógica da época colonial e a partir desse centro foi construído a periferia. Depois dos anos 85 foi quase um caos, não tendo um planeamento não temos a lei. O plano quando é aprovado tem a força da lei que tem que ser obrigatoriamente cumprida através de uma fiscalização. Caímos num caos, a periferia é a consequência disso. As pessoas vão construindo desordenadamente e, não tendo uma política de habitação para resolver esses problemas, teremos sempre um problema. Num futuro próximo temos que ter um planeamento que permite resolver esses problemas a médio-longo prazo, esse é o mais importante.

Na altura em que existiu um Plano Diretor, à primeira, talvez por desconhecimento, não acredito que fosse de má-fé, foram alterando o plano diretor no terreno e os atribuíam para outros fins. Por exemplo, a zona desde o Club Shell (Polidesportivo) à Copa (Mercado de venda a grosso) era uma área desportiva e lazer, parte dela foi vendida a Copa desvirtuando o plano que existia.

Enfim há que planear, e esse plano irá certamente marcar as prioridades. Foi lançado um concurso em que uma equipa nacional com parceria estrangeira ganhou, mas como o PDM é um plano que mexe com muitos interesses políticos e económicos e por além, não avançou. De momento o PDM está a ser retificado porque não ia de acordo com o Esquema Regional de Ordenamento do Território (EROT).

Sendo Mindelo uma cidade voltada a cultura e Ribeira Bote a destacar-se pelas suas atividades culturais, o que pensa sobre os eventos produzidos pelo bairro?

Ribeira Bote desde sempre foi um bairro precursor não somente em termos culturais como desportivos, temos como exemplo a música e também o carnaval. Sempre foi e ainda continua sendo um bairro culturalmente forte, embora com muitos problemas sociais, isso porque a zona de *Ilha d'Madera*, uma parte da zona bastante carenciada, está incluído nele. A ilha d'Madera era toda ela feita em casas de lata que depois com o projeto *PACIM* (financiado pela Suécia e Luxemburgo), houve a transformação dessa zona erradicando as casas de lata. Na altura foi um projeto com construção assistida. Talvez por Ribeira Bote ficar próximo do centro...

O bar restaurante, A Sereia, mais conhecido pelo famoso nome da sua especialidade, Hamburgov, tem trazido para o bairro alguma vida noturna saudável. O que acha desse tipo de iniciativa, trazer vida noturna ao bairro?

Pode-se trazer vida noturna mas não podemos esquecer que estará localizada numa zona habitacional, pode criar muito movimento e com isso trazer problemas. Não sei qual o horário de funcionamento mas isso será muito importante para o local em questão. Hoje a CM preocupa-se muito com esse tipo de edifício e atividade porque nem sempre são legais e para fugirem a licença põe nesses espaços sendo outro tipo de apropriação. Temos as mercearias que são feitas a porta de casa mas isso é outra coisa, os restaurantes e bares são mais preocupantes.

A iniciativa Sonvela teve um papel muito importante na reabilitação das fachadas de uma das ruas de Ribeira Bote. Qual foi o papel da CM nessa iniciativa?

Particularmente eu não soube de nada, se a iniciativa foi boa ou não, deveria de ser autorizada pela CM. Esse tipo de iniciativa não deve ser feita em particular porque quando tratamos da cidade, são coisas da responsabilidade da CM, mesmo que seja do tipo de pintura. Mas que foi uma boa iniciativa foi.

Em termos infraestruturais o que acha que traria mais-valia para Ribeira Bote?

Em termos de desporto já há um centro social, um recinto desportivo e funciona. Temos um lar de idoso, um jardim infantil. Temos a Escola Nova, Casa da Criança, ao pé OS Salesianos, etc. Ribeira Bote tinha a sua estrutura.

Como é encarado a densidade da *Ilha d'Madera*?

N altura a ideia era a reconversão desses bairros, essa e o bairro de *Campim*. Mas até a conversão desses bairros apareceram mais casas de lata em São Vicente. As pessoas como sabiam que eram apoiadas na construção de novas

casas construíam mais casas de lata ao redor dessas zonas a fim de conseguirem apoio para elas a ponto de essas casas aumentarem de tal modo que já eram maiores que esses bairros. Até houve um acordo com as empresas petrolíferas para não venderem as barricas de metal para as pessoas mas este ficou sem efeito porque não havia um controlo. Essas casas de lata do centro eram feitas por pessoas da nossa ilha, mas nas periferias de pessoas que vinham de outras ilhas, nomeadamente Santo Antão e São Nicolau. Hoje em dia estão em todos os lados, e não sabemos como resolver esse problema. Temos muitos pedidos de legalização dessas casas mas não o fazemos porque a maioria estão em zonas sem acesso nem infraestruturas.

Entrevista

Manuel Maocha Cabral, mais conhecido por “Manú Rasta” de 54 anos e idade, artista plástico, natural de São Vicente, residente em Ribeira Bote onde nasceu.

São Vicente é uma cidade cultural, quais as motivações para trabalhar com o carnaval, a pintura e os seus desenhos?

Tudo o que me motiva é a força do povo que é lutador, as adversidades, o sol, o vento, o porto o trabalhador, a pessoa em si de São Vicente que é um povo de “peito aberto” para o trabalho, a energia cósmica, enfim, tudo isso me leva a criar os meus trabalhos.

Na sua opinião e na dos mindelenses, Ribeira Bote/ Ilha da Madeira é uma zona que para uns é bom e para outros não, qual a sua opinião sobre esse assunto?

Para mim é bom porque Ribeira Bote foi começado a ser estigmatizado contra o domínio colonial, mesmo muito antes da independência com a revolução do Capitão Ambrósio, com a revolta dos alunos que queriam um liceu em São Vicente e depois, antes da independência, com a revolução na zona libertada, pois o povo de Ribeira Bote nunca submeteu ao domínio colonial e nunca caiu no marasmo, é um povo humilde e trabalhador. Se fizer uma pesquisa na zona vê que encontra gente posicionada a todos os níveis: governamental, jurídico, políticos, encontra-se de tudo, nas profissões liberais há de tudo: engenheiros, arquitetos, artistas plásticos, advogados... Os primeiros grupos musicais de São Vicente apareceram na Ribeira Bote, “Kings”, “Kolá”, “Chave de Fenda”, “Wings” alguns elementos do “Voz de Cabo Verde” nasceram em Ribeira Bote. Foi aqui que apareceram os melhores futebolistas de São Vicente. Todos lugares têm coisas boas e más, mas se vires 99,9% das coisas em Ribeira Bote são positivas.

Em relação a urbanização que a Ribeira Bote tem, o que o você acha dela?

Acho que a Ribeira Bote perdeu uma grande oportunidade com o projeto “PASSIM”. A meu ver não era afastar as pessoas da Ribeira Bote/ilha da Madeira, mas sim descentralizar as pessoas, distribui-las por várias zonas de São Vicente, reeducá-las e fazer um novo bairro que crescesse na vertical. Opinei neste sentido porque a maioria das pessoas da Ribeira Bote têm casa própria e muitas dessas casas são velhas; ajudar as pessoas que queriam ficar em ilha da Madeira/ Ribeira Bote fazendo um novo bairro e isso seria para modernizar Ribeira Bote com prédios a crescerem na vertical algumas pessoas levaram a mal outros não, com prédios de 13 a 20 andares, para modernizar a zona com espaços verdes, visto ser a zona com mais fonte de água, que eram lugares onde as pessoas iam tomar banho e isso gerava algum dinheiro; centros comerciais, sempre teve pessoas com lojas mercearias, sapateiros, serralheiros que geria alguma economia porque nada era importado.

Ribeira Bote era uma zona pensada para expansão da cidade, basta ver as ruas largas muito bem delineadas, com calcetamento até a rua 9. As pessoas que vinham das ilhas que não tinham possibilidades económicas começaram a povoar a ilha da madeira e começaram a fazer as suas casas de barro com cobertura de madeira, de sacos e serapilheira depois com latas, pois tudo o que vinha de fora vinha em sacos, o petróleo em latas e madeira e só passaram a ser de tambor quando o petróleo começou a vir em tambores, foram desses materiais que começaram a fazer as suas casas, bastante desordenadas na ilha da Madeira.

Na sua opinião que melhorias que poderiam fazer para ajudar a melhorar a Ribeira Bote/Ilha da Madeira?

Poderiam trazer formações, com projetos sociais para reintegrar pessoas e reeducar, trazer economias para a zona, entrar dentro da zona ver a possibilidade de ajudar as pessoas a estudar quem queira aprender alguma arte ou ofício.

Em relação ao festival “Morna Jazz Word Music” o Sr. foi um dos organizadores, o que foi que lhe inspirou?

Motivação foi a de levantar a autoestima das pessoas da Ribeira Bote, porque o Bairro estava muito mal conotada, o que não é verdade, quando tem um festival como o “Morna Jazz” que abrange sete (7) mil ou mais pessoas com atividades musicais, culturais e desportivos quase durante um mês inteiro, as pessoas passam a acreditar nelas mesmas, que há possibilidades de fazer alguma coisa boa para a zona. É uma daquelas coisas que dentro do projeto Morna Jazz somos, uma associação oficial que é sociocultural em que temos como missão social de arranjar parceiros, pois sem eles não conseguimos fazer nada, e estes parceiros têm que ter “Now How” suficiente para ajudar-nos a criar oficinas em várias áreas, e dar as pessoas a oportunidade de aprender alguma profissão para poderem viver dos seus próprios recursos para não viverem de mão estendidas, dar-lhes “uma cana de pesca para

irem pescar”. Isso é uma das motivações para dar-lhes a vontade, levantar de novo a autoestima, de um povo reivindicativo, dar-lhes o “power” para poderem trabalhar. Um povo que nunca aceitou ser dominado

Qual o benefício cultural e económico que o festival trouxe para Ribeira Bote / Mindelo/ São Vicente?

Quando pensamos em Ribeira Bote, pensamos em Mindelo e por si São Vicente. Sempre defendi antecipadamente São Vicente em primeira mão. Economicamente Morna Jazz nunca beneficia em nada por assim dizer, por ser uma associação sem fins lucrativos, só motiva as pessoas. Para verem que não é só o Estado ou outras ilhas e zonas que podem fazer um festival. As pessoas que vão vender no festival gerem uma pequena “economia de terra”. Motiva as pessoas para que sintam que possam fazer algo. Este é um festival dos moradores de Ribeira Bote. Nós estamos temporariamente à frente da organização porque quando toda a população da Ribeira Bote deu todo o apoio para a sua realização, amanhã eles é que estarão a frente para o fazerem, para que se sintam que são capazes de verem o bairro crescer social, cultural e economicamente.

Qual foi o balanço que tirou da primeira edição?

Tinha em mãos líquidos catorze mil e duzentos escudos. Tive também uma oferta de uma empresa, “M Marketing e Eventos” e seus colaboradores que nos ofereceu noventa mil escudos. Tínhamos vinte e três bandas musicais e artistas que tínhamos que pagar, cem mil escudos para o som, também para pagar, tínhamos que fazer cartazes, T-shirt, crachás. No fim acabamos por ter no festival mais de sete mil pessoas aqui.

É claro que o resto do dinheiro saiu do meu bolso como um empréstimo ao “Morna Jazz”. O povo exigiu que o festival continue todos os anos. Quando um amigo meu que é bancário soube que para a organização do festival tinha em mãos catorze mil e duzentos escudos perguntou-me como foi possível fazer um festival com tão pouco dinheiro. É claro que foi um prejuízo em termos monetários, mas foi um grande sucesso por termos mais de sete mil pessoas no festival. O maior patrocinador do festival é o artista. Já no 2º ano já algumas empresas deram patrocínios razoáveis, pessoas individuais, o Ministério da Cultura, etc. o festival foi orçamentado em seiscentos e tal mil escudos. Ainda temos pessoas por pagar.

Quais as perspectivas futuras para esse evento – Festival Morna Jazz Word Music?

Esse evento é um evento com boas perspectivas de crescimento: este ano vamos começar com atividades desportivas, feiras de saúde, no ano passado para teres uma ideia fizemos quinhentas citologias de cólon de útero, tivemos ciclo de cinemas onde participa o Leão Lopes, o Jean Gomes, o cine-club Mindelo, alunos a Lusófona, feiras de agro-negócios, feiras de artesanato como parceiros contamos com a liga da juventude, centro de juventude, com quase todos os artesãos de São Vicente, a Polícia Nacional, a Adeco, associações cívicas, que dão palestras, a festa das festas (sanjom, carnaval, ou seja, tudo o que se festeja em São Vicente) filas de “motars”, batucadas, bailarinos nas ruas, um grande cortejo. Temos também parcerias com um grupo nos EUA, denominado Amigos da Ribeira Bote e USA que nos envia, roupas, materiais escolares, tintas que distribuímos pelas escolas, lar de idosos, centro de doentes mentais, jardins infantis e ajudamos as pessoas mais carenciadas na construção ou substituição de algum material nas suas wc, alguma pintura, etc.

A sua participação no Carnaval é extremamente importante em São Vicente, quais os benefícios que o carnaval trás para a Ribeira Bote?

Trabalho no carnaval desde os 14 anos, tem um amigo que é estilista alfaiate, nasceu na Ribeira Bote, muita coisa sai do seu atelier. Muitas coisas também saem do meu atelier. Durante esse tempo temos várias pessoas da Ribeira Bote a trabalhar nos nossos ateliers. Isso quer dizer que alguma parte da económica do carnaval entra nos ateliers e gira em Ribeira Bote, porque muitas pessoas estão envolvidas nesse trabalho,, recebem o seu salário e tudo isso é uma forma e economia, por isso carnaval é um grande evento em São Vicente, todas as vertentes culturais estão dentro do carnaval. Carnaval tem dado um grande contributo ao turismo, a ilha fica muito movimentada, entra dinheiro, gera impostos, para veres que os hotéis estão todos cheios nessa altura. Carnaval é uma grande economia de São Vicente.

Na sua opinião acha que os moradores da Ribeira Bote e São Vicente no geral estão preparados para tirarem todo o proveito possível dum evento como o carnaval na sua totalidade ou nem por isso?

Poderiam aproveitar muito mais, o importante é promover o carnaval e podendo descentralizar era muito melhor e dar formação para as pessoas de modo que elas pudessem ganhar muito mais com isso. Poderia fazer-se muito mais se houvesse uma política de inserção de pessoas dentro do carnaval, de modo que essas pessoas após formação e fora da época do carnaval trabalhassem durante o ano inteiro, em decorações de casamentos, festas de ano, batizados, montagem de cenários, etc.

A solução neste caso é formação. Sempre metemos gente nova para aprenderem a trabalhar matéria-prima. Há poucas pessoas a trabalharem no carnaval. Eu por exemplo comecei a trabalhar no teatro e só mais tarde com as esculturas, pintura e por fim o carnaval. Se houvesse subsídio para os grupos ensinarem o pessoal jovem era muito bom pois estes aprendiam a trabalhar a matéria-prima. Não tendo dinheiro para comprar matéria-prima e ir trabalhando não se evolui. Só no carnaval é que se pode trabalhar em grande, porque aí a matéria-prima já é de graça, pode-se fazer uma coisa em grande e até tridimensional-la, e so pode-se ter essa oportunidade no carnaval, pois é uma forma de testar a ti próprio e ir evoluindo.

Em relação a privados e á Câmara Municipal, tem uma ideia da ajuda que dão?

Empresas quase poucos ajudam. Exceto a empresa de som de eletricidade que nos dão apoio, porque não pagamos a luz e o som pagamos somente metade do preço estipulado. A maior parte das empresas não aderem a esses tipos de eventos, porque pensam que só queremos festas. Só que esses eventos culturais não são “festas”, as pessoas vão trabalhar mais motivadas, andam nas ruas mais alegres, há mais movimentação e isso gera economia, estes tipos de eventos culturais traz muito benefício as pessoas. Atividades culturais geram economia num país. A Câmara tem apoiado sempre. O Presidente da Câmara tem interesse a ver a ilha a desenvolver e por isso sempre apoia.

O que acha do projeto Sonvela?

Não posso opinar por não estar dentro do projeto, porque nos quando elaboramos um projeto depois da sua concretização, agradecemos os apoios recebidos e enviamos as contas mostrando onde todo o apoio foi aplicado. No entanto acho que foi uma boa iniciativa e que projetos desse tipo são de se louvar.

Mais alguma coisa em relação a Ribeira Bote que o Sr. poderia dizer-nos?

Bom, Ribeira Bote é uma zona que as pessoas apelam pela descentralização, regionalização e mais autonomia e poder á zona, de um dia ver a zona a viver na paz e a não ser dominado, dizem que estamos colonizados e que nunca deixamos de o ser, antigamente pelos portugueses e hoje pelos nossos irmãos de santiago. Devido a nossa cultura deveríamos ser mais respeitados. Hoje em dia todos nos somos obrigados a sair da nossa ilha para ir a procura de trabalho noutras ilhas. Antigamente íamos de livre vontade ou se fosse funcionário público que fosse transferido e nem sempre isso acontecia. A maior parte da economia de Cabo Verde está voltada para a Praia. Antigamente S. Vicente era o epicentro da cultura. Todo o intelectual para se sentir bem tinha que vir a São Vicente partilhar e adquirir novos conhecimentos. O porto desenhado com toda a sua pungência, foi projetado para ser um porto dominante e hoje não tem esse poder. Não queremos o domínio nem o monopólio da cultura. Queremos sim que os nossos filhos venham trabalhar e desenvolver a ilha, porque a maioria das nossas “cabeças” estão fora e São Vicente, por não haver trabalho para eles na ilha, devido ao marasmo que a ilha caiu. Talvez daqui a poucos anos teremos a regionalização, onde podemos pensar com a nossa própria cabeça, andar com os nossos próprios pés e com isso talvez trazer um novo alento a São Vicente, Ribeira Bote, fazendo com que a nossa cultura e a nossa economia venha a ser de novo desenvolvida.



CABO VERDE

Area : 4.033 Km²;
Densidade Populacional: 118 hab./Km²;
Clima: Árido;
Temperatura Média anual: 25°C
População: 436.821 habitantes; Idade Média: 24 anos de idade;

Indústria(s) de relevância: Pesca, Turismo, Serviços, Desporto, Indústrias Criativas (cultura)

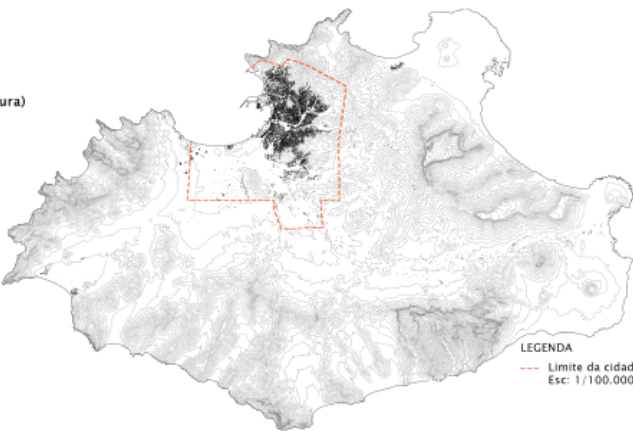
SÃO VICENTE

Descoberta por Diogo Gomes e António da Nola por volta de 1462.
Estende-se por um território de 227 Km², com uma única Freguesia (Nossa Senhora da Luz).
População: 76.140 habitantes
Capital: Cidade do Mindelo
A Cidade do Mindelo nasceu urbano, expandiu-se e consolidou-se essencialmente urbano e cosmopolita.

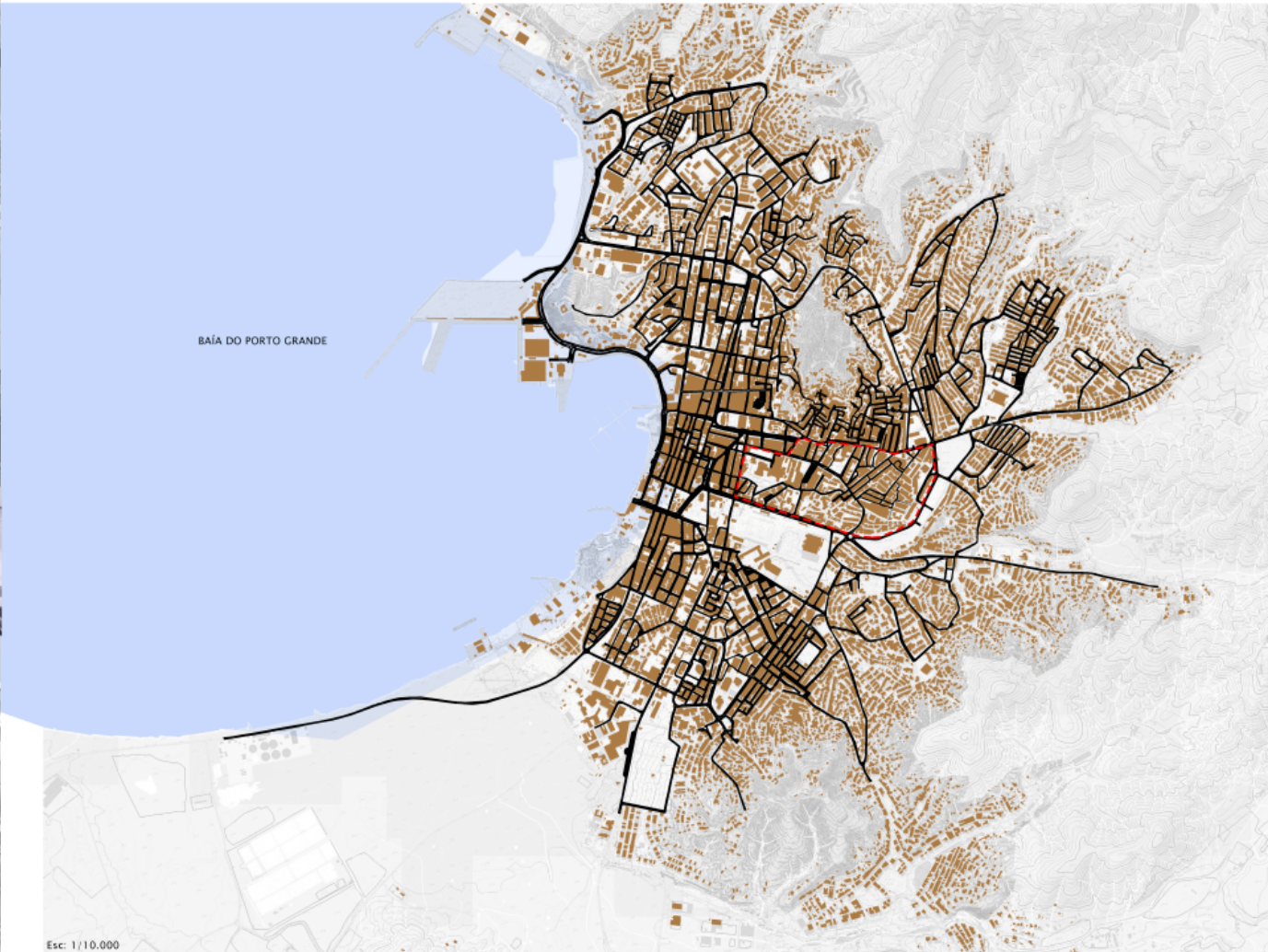
BAIRRO DE RIBEIRA BOTE

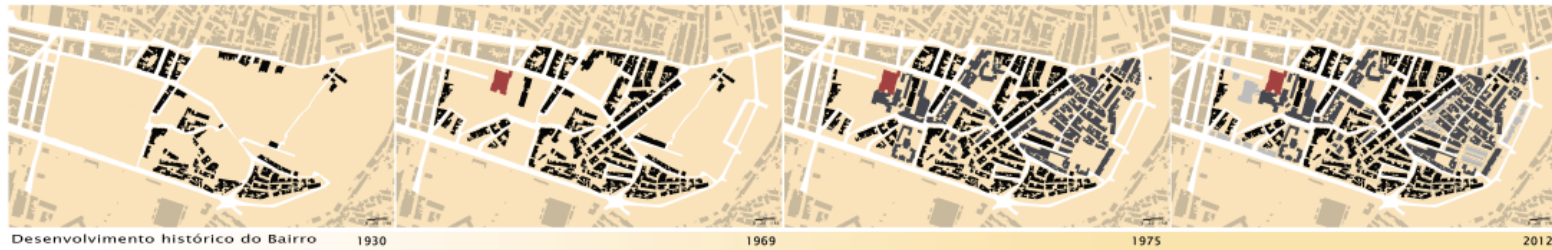
Surge como um bairro ligado à imigração rural para a cidade.
A sua zona ficou estabelecida perto do centro da cidade.
O bairro é particularmente jovem onde a média de idades se aproxima dos 27 anos.
O desemprego nas camadas jovens são uns dos maiores problemas do Bairro.
É um bairro precursor em termos culturais e desportivos.

CIDADE DO MINDELO Bairro Ribeira Bote



LEGENDA
--- Limite da cidade do Mindelo -CM
Esc: 1/100.000





Planta de equipamentos públicos Locais com potencial de intervenção

- Habituação com possibilidade de Comércio
- Complexo Hospital Batista de Sousa
- Equipamentos de Ensino
 - 1- Escola Secundária
 - 2- Jardim de Infância "Casa da Criança"
 - 3- Escola Básica "Escola Nova"
 - 4- Berçário Ilha d' Madeira
 - 5- Jardim de Infância ...
- Equipamentos de apoio Social
 - 1- Instituto Nacional de Menores
 - 2- Centro Desportivo De Ribeira Bote
 - 3- Centro de Apoio a Doentes Mentais

PRAÇA DE JOGOS DE MESA DE PEQUENA DIMENSÃO



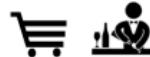
ESTACIONAMENTO PÚBLICO



ESPAÇO VERDE



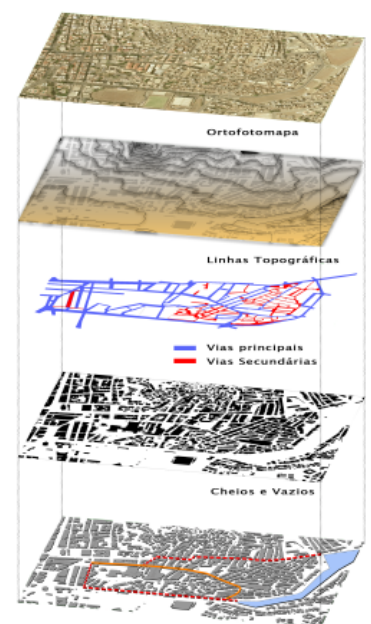
LARGO PARA ATIVIDADES AO AR LIVRE (FEIRAS)



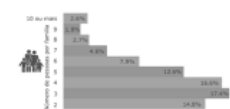
EQUIPAMENTO PÚBLICO



PARQUE INFANTIL E CAMPO DE JOGOS



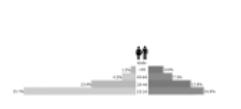
- Limite rodoviário
- Limite Permeável
- Acesso Principal



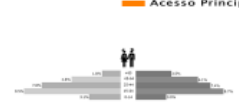
Dimensão dos agregados familiares (dados da INECV 2012)



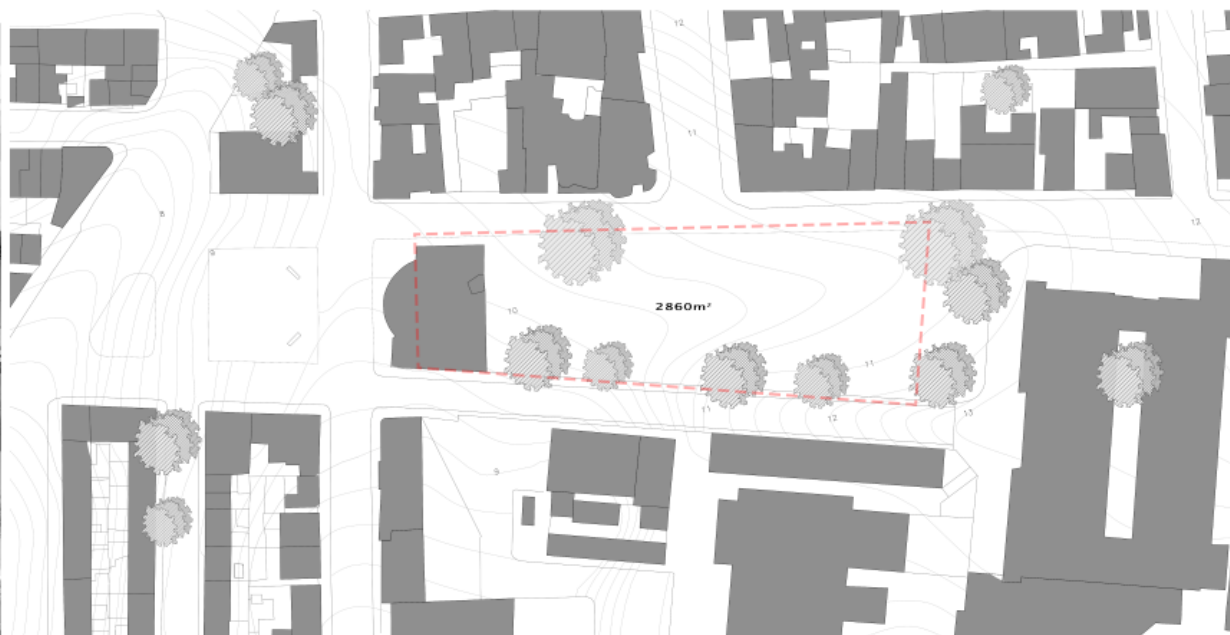
Gráfico demográfico da ilha de São Vicente (dados da INECV 2012)

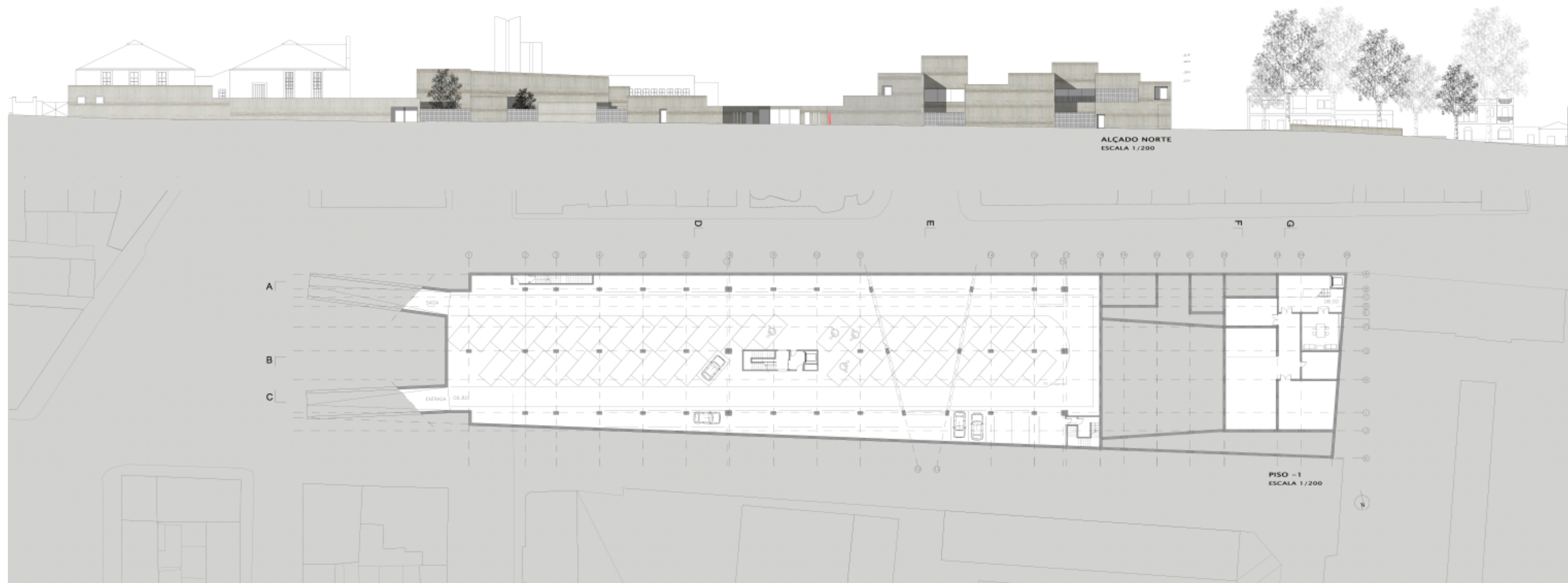


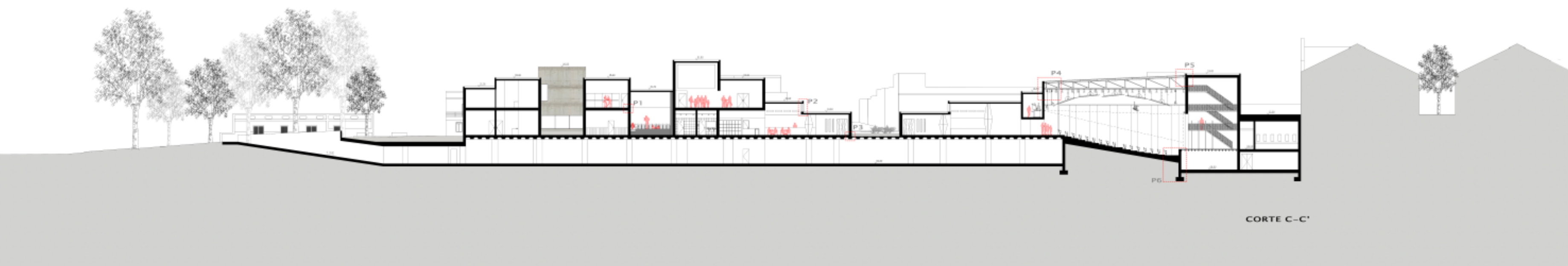
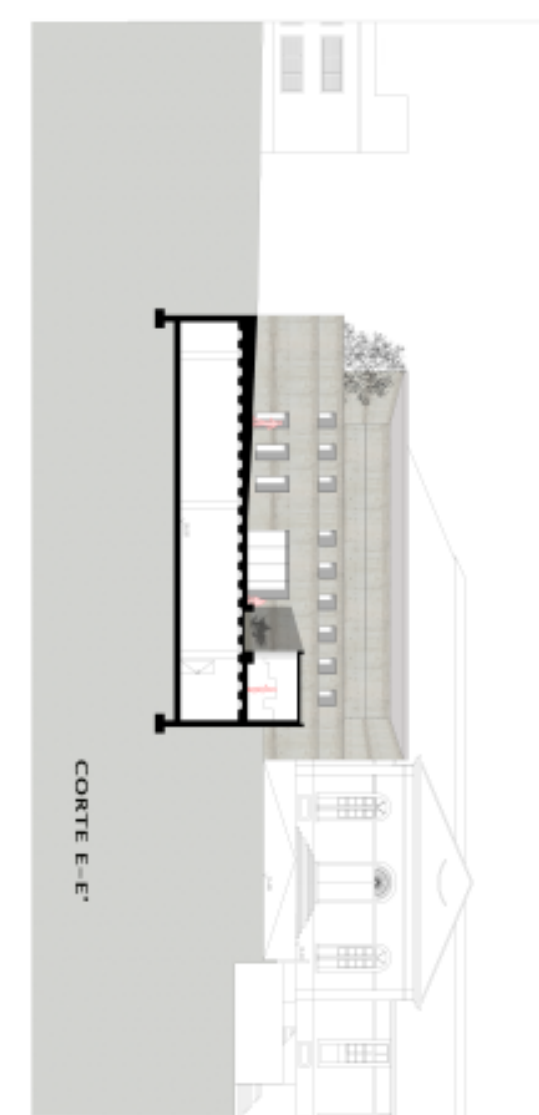
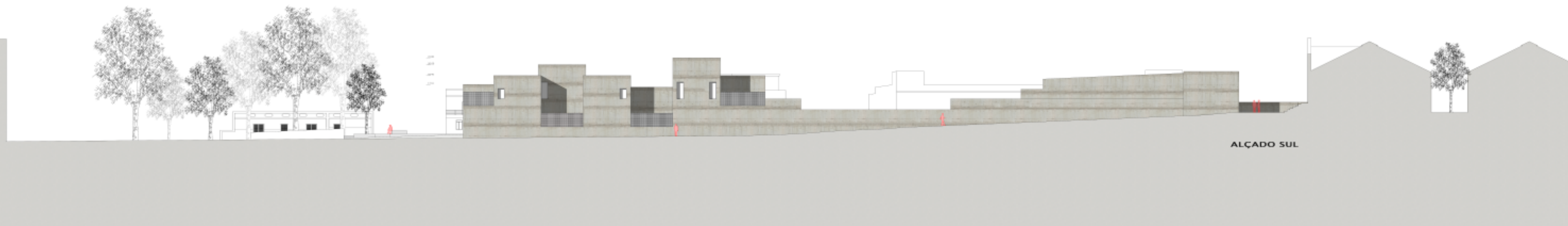
Taxa de desemprego (dados INECV 2010)

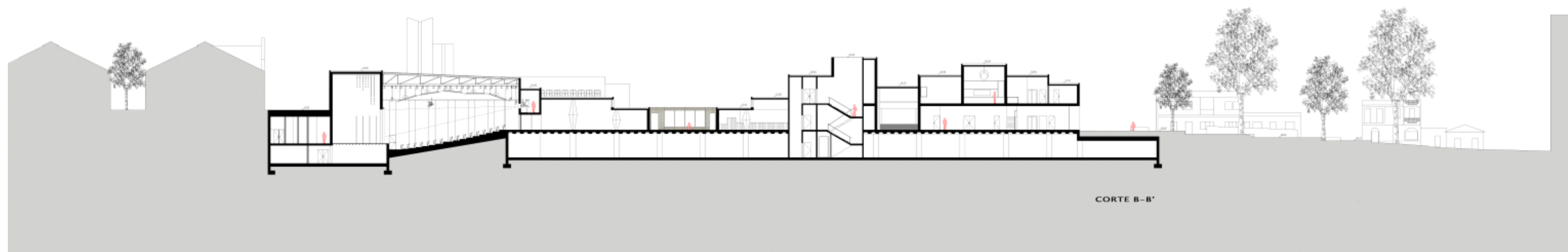
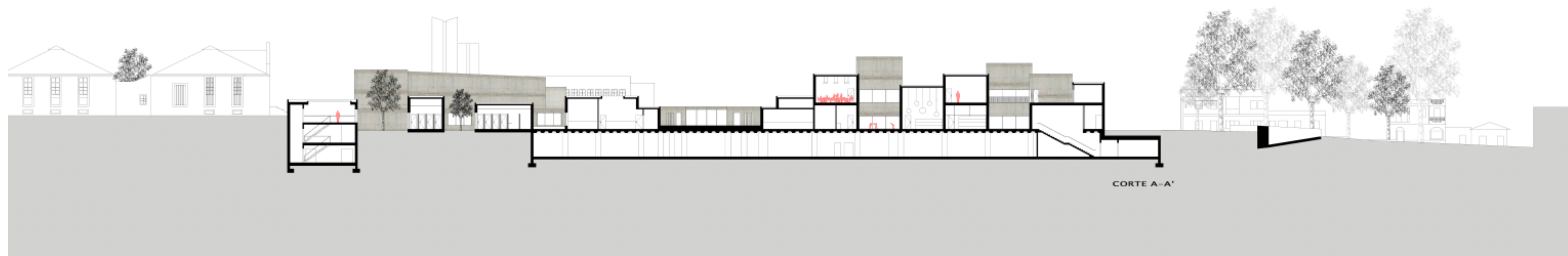


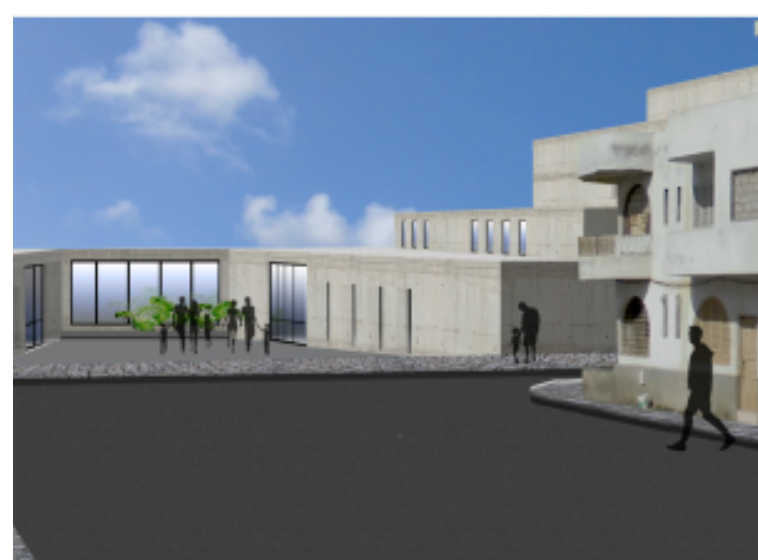
Porcentagem de escolaridade segundo a idade (dados da INECV 2012)

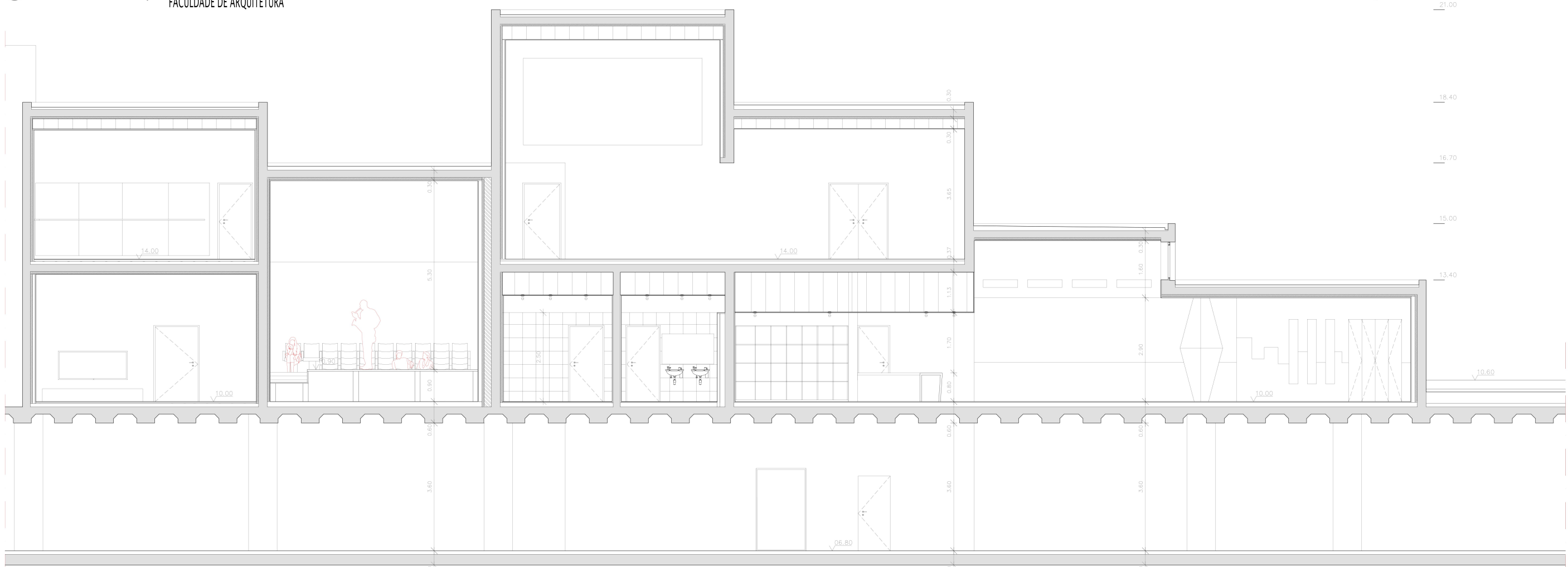




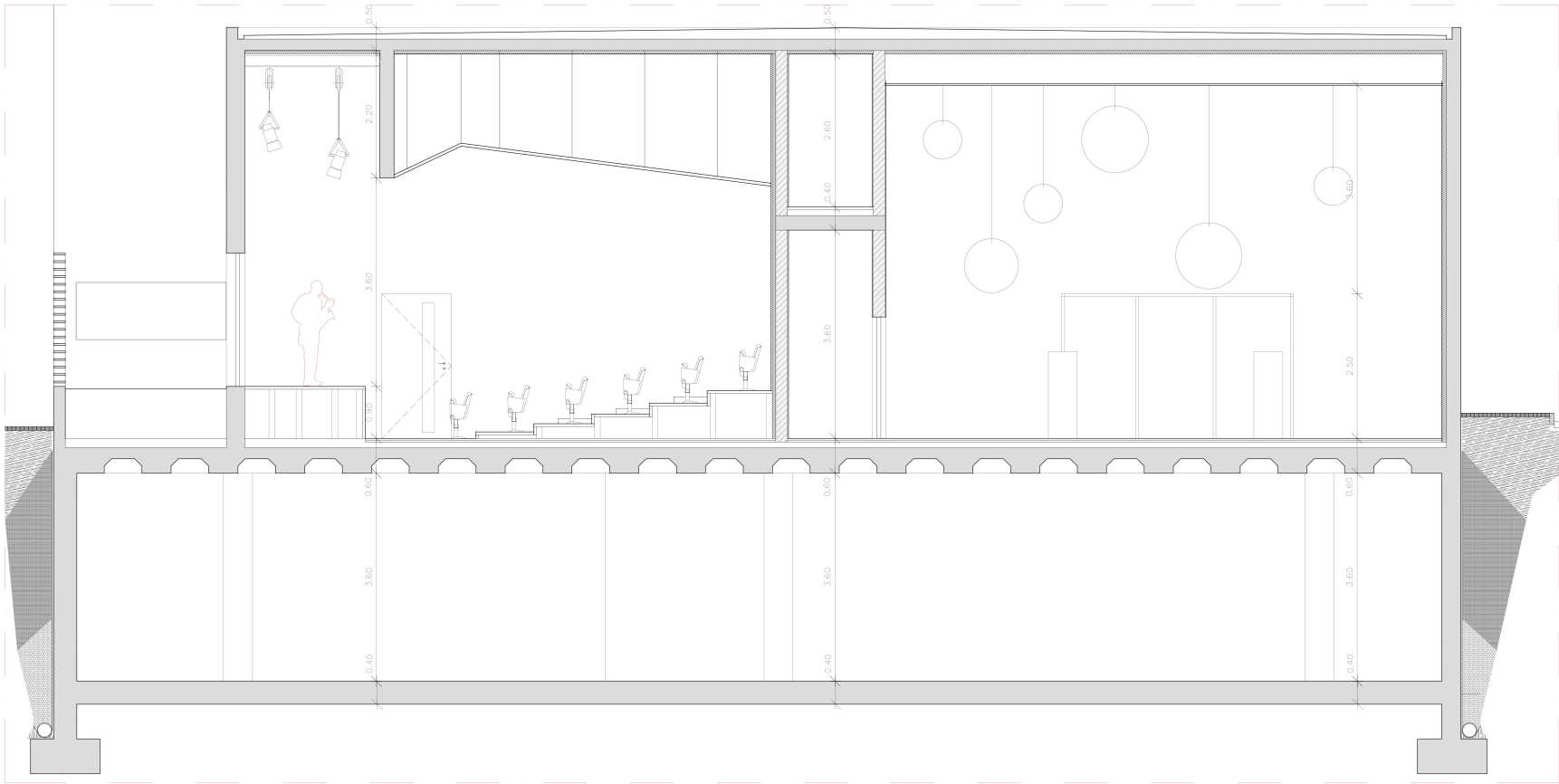




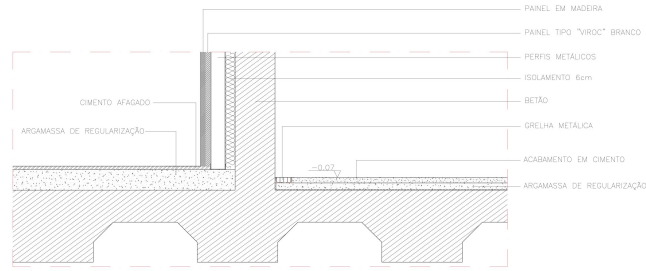




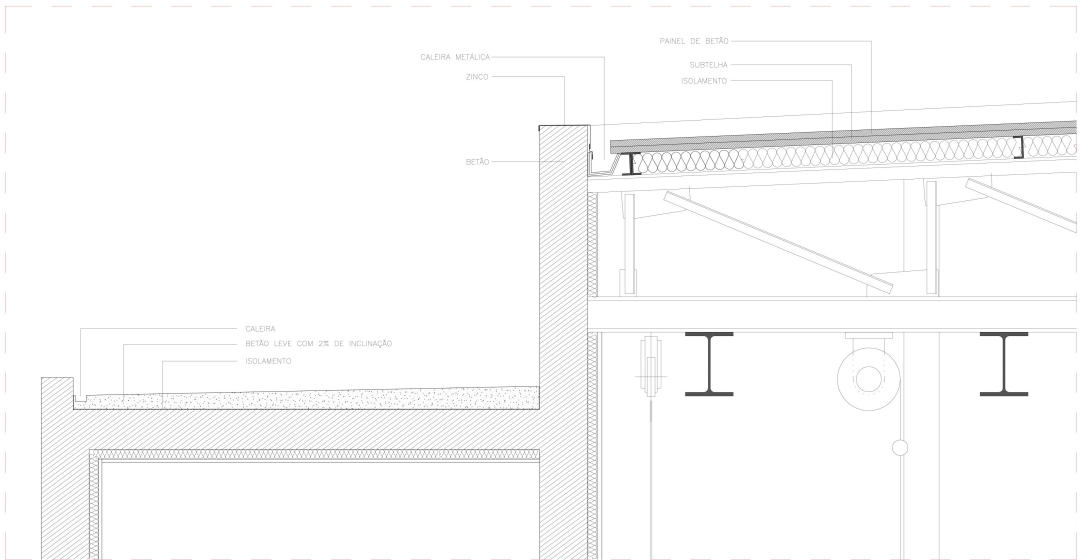
CORTE M-M'
ESCALA 1:50



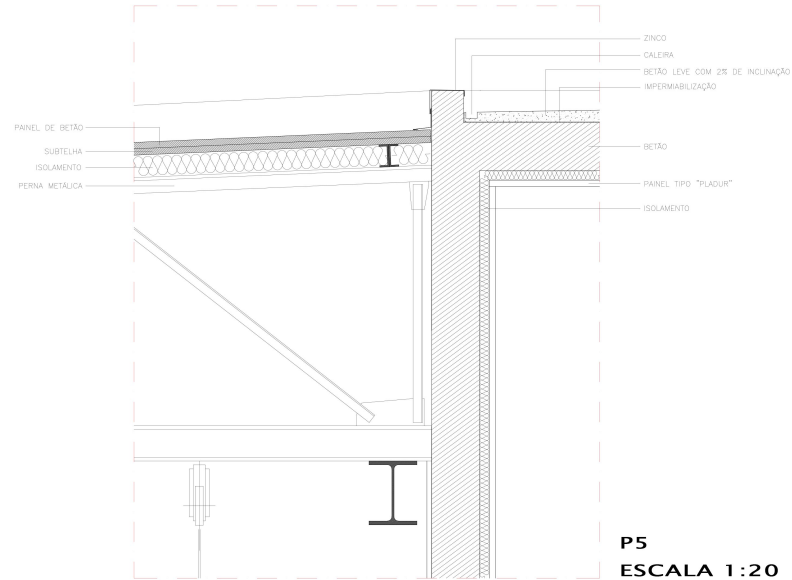
CORTE N-N'
ESCALA 1:50



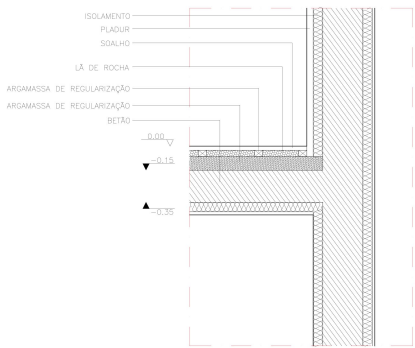
P3
ESCALA 1:20



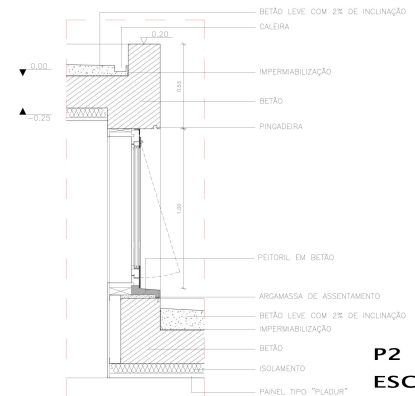
P4
ESCALA 1:20



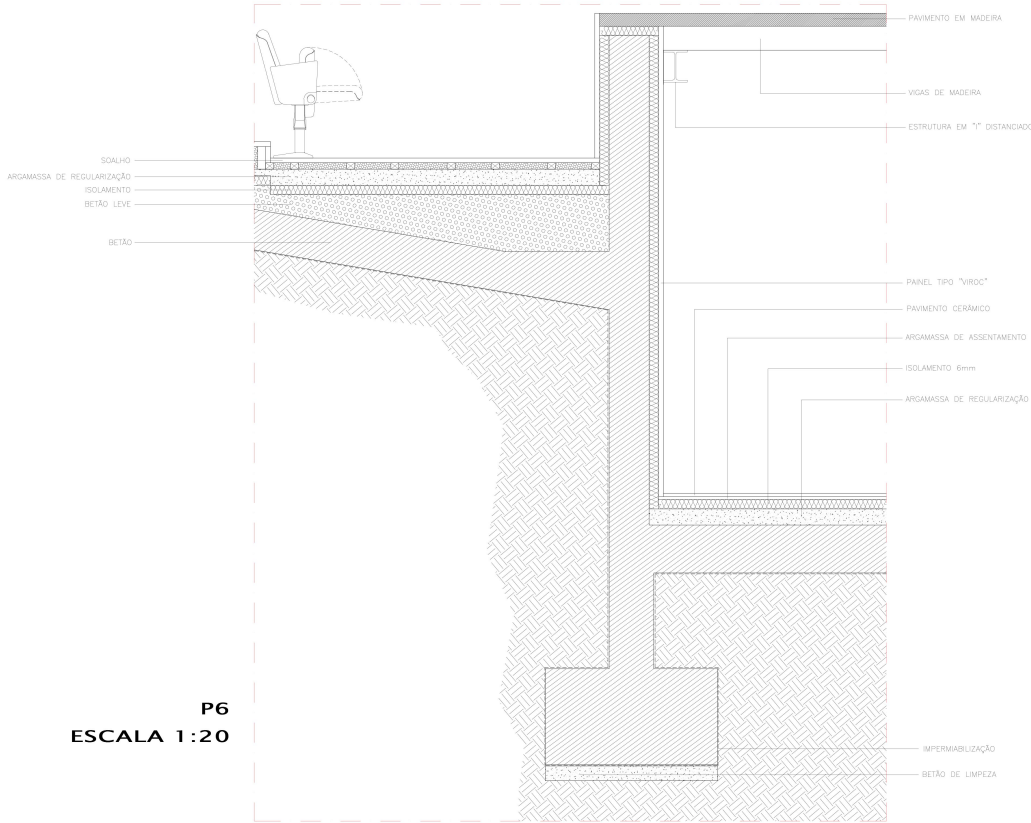
P5
ESCALA 1:20



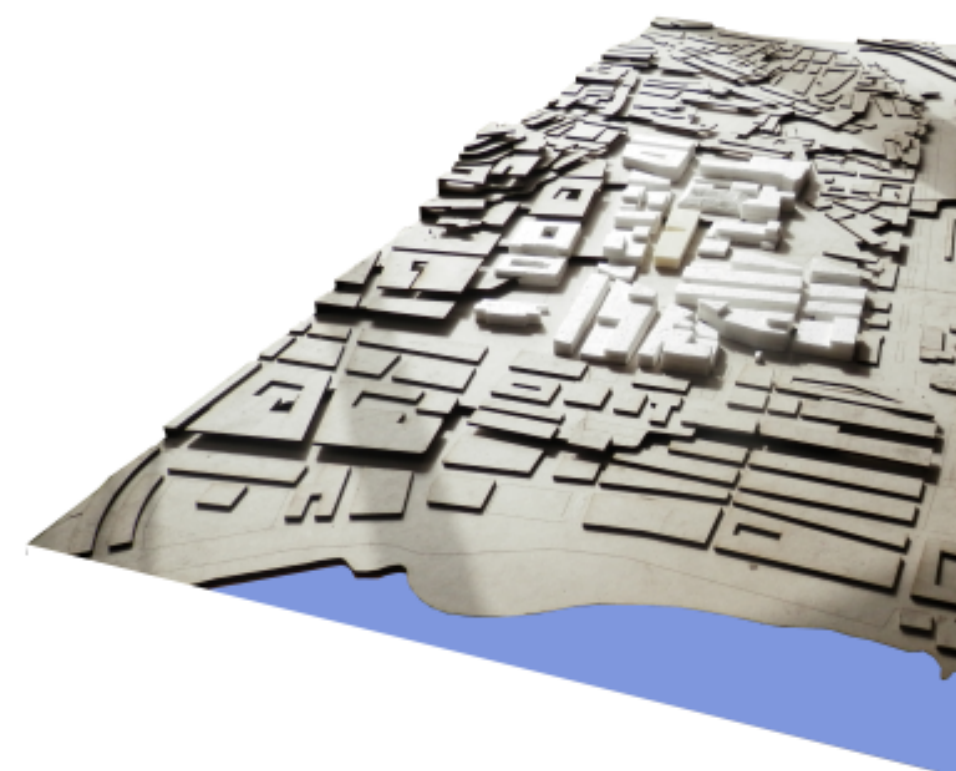
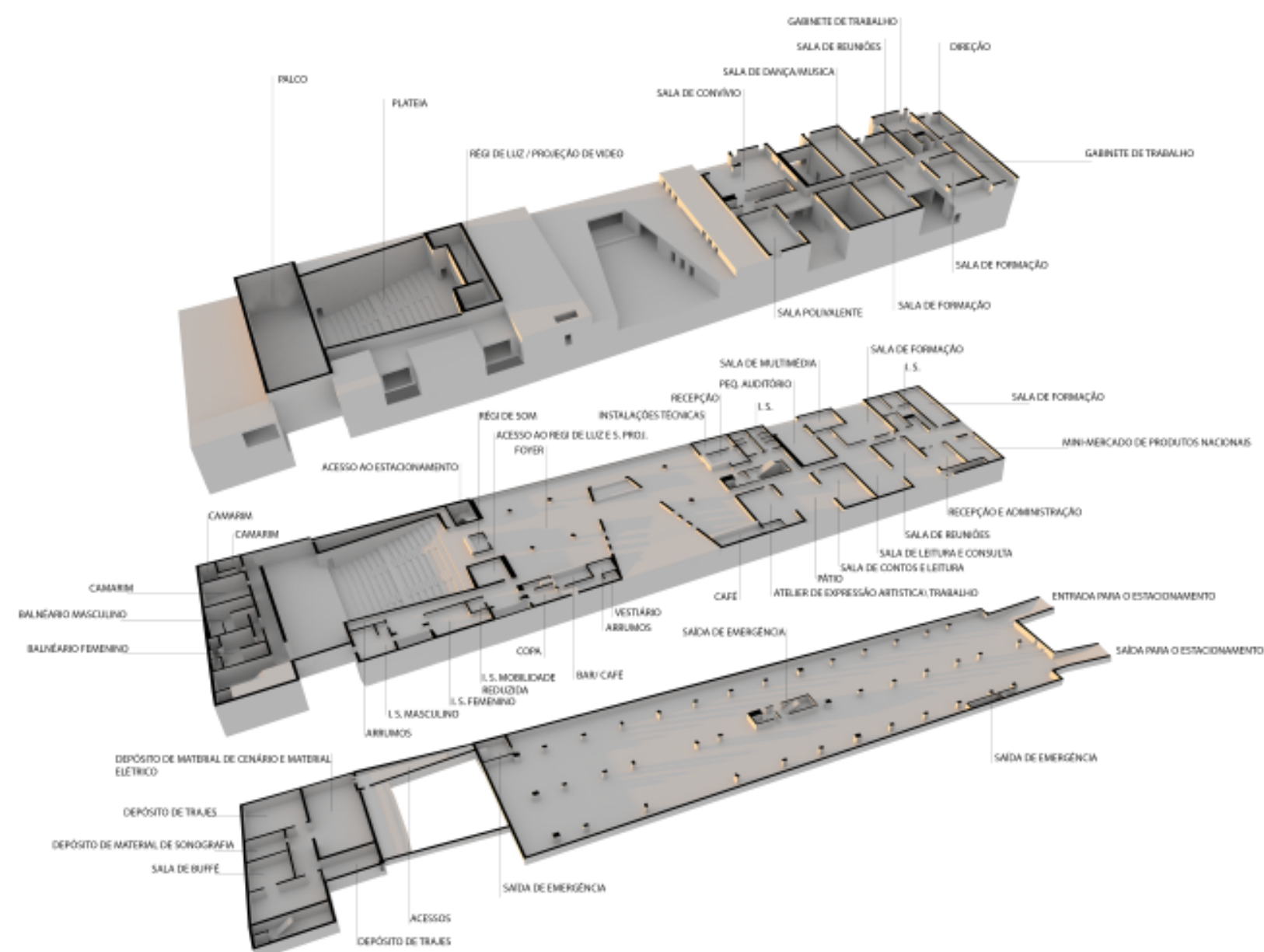
P1
ESCALA 1:20



P2
ESCALA 1:20



P6
ESCALA 1:20



MACQUET A ESCALA 1/1000

